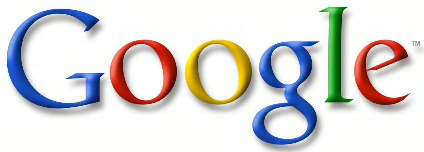

Google





A VIDA ALEGRE

JULIO CESAR MACHADO

A VIDA ALEGRE

(APONTAMENTOS DE UM FOLHETINISTA)

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1880



Ha uma lenda antiga, que conta que um rico homem quiz ser enterrado debaixo do chão de uma egreja, para que todos, que entrassem alli, passassem com os pés por cima d'elle...

Que triste gosto é este, tambem, de recordar os dias da mocidade, e os annos vividos entre gente, que, não se havendo nunca interessado por nós quando nos viu, fraca esperança nos deixa de se interessar por nós, depois, ao ler-nos?!

Mas é tão boa a mocidade, que, até os que a não tiveram em muita maneira feliz, lá lhe encontram, nos annos tardos da vida, o gosto agro-doce, que nenhumas venturas ou fortunas de outra epocha hão de jámais egualar.

Venham a indifferença e os desdens do mundo sorrir friamente da lucta e das victorias dos que chegam á madureza da edade sem outra riqueza senão a confiança em Deus e em si; ainda são mais pobres os que, tendo tudo, nem tiveram illusões, nem têem saudades.

Não foi, por certo, grande caso á luz da historia, aquelle de eu entrar na *Revolução de Setembro*, aos vinte e tres annos, para substituir Lopes de Mendonça no folhetim; mas da mesma maneira que, apesar de ser uma historia velha e relha, os desgostos que os amores dão na vida, em elles apanhando a gente, fica uma pessoa com o coração estropiado, como se aquelle caso fosse novo em folha, não ha de o leitor na sua bondade deixar de conceder-me que ainda hoje considere como um dia entre todos memoravel o d'aquella ceremonia, que consistiu em entregar, eu, nove meias folhas de papel, escriptas de um lado só, ao administrador da *Revolução de Setembro*, já n'esse tempo o mesmo cavalheiro que ainda hoje está n'esse logar, o major Moraes Sarmento, e ouvir de seus labios estas palavras melodiosas:

— Se prefere receber já o mez, estou auctorisado a...

Não se teem vinte e tres annos para coisa nenhuma: retorqui immediatamente que não havia precisão alguma d'isso.

Se os melancholicos, se os atacados de «spleen» tivessem podido passar uma hora por dia commigo emquanto

estive na lua de mel do folhetim, é provavel que houvessem ficado curados para todo o sempre.

Era uma cara de paschoa, a minha!

Quando mais tarde a vida me creou direitos a enfastiar-me de vez em quando, já estava, eu proprio, tão habituado ao aspecto pittoresco da minha alegria, que nunca mais, de todo, lhe perdi os geitos.

Tambem, entendamo-nos, havia certa razão para não cair n'uma profunda misantropia, e decerto se comprehende isso, se nos lembrarmos que ao quarto ou quinto folhetim principiaram a esgotar-se sempre, ás terças-feiras, que era o dia marcado para a publicação d'elle, nas lojas dos livreiros e no escriptorio da administração, os numeros todos do jornal; e que, mez e meio depois, a tiragem n'aquelle dia da semana foi augmentada.

Se no primeiro volume d'estes *Apontamentos* contei ao leitor com a verdade que se deve a todas coisas, mas, notavelmente, com a que todo o escriptor deve ao publico, quando tem que fallar de si, as minhas tristezas, e os revezes que tantas vezes as motivaram, não vejo o motivo porque houvesse de eliminar n'esta resenha a rara circumstancia que representa, mais do que para a minha satisfação pessoal, para o sentimento de gratidão contente que se guarda para com o primeiro sorriso da felicidade, a pagina festiva d'esta carteira de lembranças.

José Estevão,— o espirito d'aquelle homem era verdadeiramente superior e bom — teve uns jubilos com isso, interessou-se tanto pelos folhetins, e em tal grau de estima quiz conceituar-me no animo das pessoas com quem fallava, que, em duas ou tres semanas achei-me, eu, que não conhecia quasi ninguem, a conhecer toda a gente para com quem significasse alguma coisa poder-se trocar um aperto de mão.

Por outro lado, Lopes de Mendonça, que tivera sempre para mim a ternura d'um pae ou de um irmão mais velho, saudava, com aquella expansão de animo, que um sentimento demasiado vivo foi mais tarde levando até á exaltação febril, os esforços que eu empregava por lograr que não se me contestasse o uso que eu fizesse de uma penna ao escrever para o publico.

Lopes de Mendonça era meu tutor. Nunca veio ao caso, das diversas occasiões em que tenho nos jornaes ou em livros fallado a seu respeito, contar isto. Conto-o agora. Porque se tratasse de fazer-me conselho de familia, logo depois da morte de meu pae, e dando-se a circumstancia de minha mãe estar longe, perguntaram-me se eu desejava indicar alguem para representar em Lisboa essa tutora natural, que a lei não podia acceitar todavia pelo facto de eu viver em tanta distancia d'ella.

Pensei uma, pensei duas, pensei tres...

E, por fim:

— Sim, tenho.

— Ah! Quem vem a ser? — perguntou o procurador.

— Vem a ser o sr. Lopes de Mendonça.

— O que escreve?

— Esse mesmo. O que escreve.

— Conhece-o?

— Perfeitamente.

— E seu pae conhecia-o?

— Tambem o conhecia, sim senhor.

— Bom. Pois consulte-o, e será esse.

Foi esse.

N'um bello dia, o juiz Nogueira, excellente e respeitavel homem, que já Deus tem, o então folhetinista Lopes de Mendonça, o escrivão sr. Freitas Jacome, e este seu venerador Julio, achavamos-nos no tribunal da Boa Hora, onde essa ceremonia, mercê da bondade do escrivão e do juiz, me não custou um real; e alli se estabeleceu e registou o caso de eu ficar sendo pupillo de Lopes de Mendonça.

O visconde de Carnide, que mais tarde foi sogro do illustre escriptor, encontrou-nos ao sair da Boa Hora, e Lopes de Mendonça deu-lhe parte do que acabava de se passar.

Não havia maneira de o suster a rir...

— Oh! Com os diabos! Vossê é tutor d'elle!... Essa agora! Elle é que escolheu? Pudera! Que dois! Oh! que tutor!... Oh! que pupillo!...

E, d'alli em deante, em me encontrando :

— Viva ! Então como vae?

— Menos mal.

— Ah! ah! ah! Não me póde esquecer... E o tutor ?

— Vae bom.

— Que historia ! Os senhores, quando lhes parecer, troquem, para variar !

— Talvez.

— Não é talvez; olhe que hão de tirar vantagem. Um mez pupillo um, no outro mez pupillo o outro... Ora o diabo ! Ah ! ah ! ah !... É impagavel ! Uma assim é que ainda cá não veio !...

Com Mendonça, em elles se encontrando, passava-se a mesma scena. Grandes apostrophes de risota, interjeições, exclamações, gargalhadas dobradas, de umas que n'aquelle familia passam de geração para geração, e que o visconde Guilherme, nosso secretario em Madrid, conserva e mantem impremeaveis.

Mas, do mesmo modo que o D. Cesar de Bazan, altivo, pechoso, distincto e nobre, embora houvesse perdido algures, lá na garganta de um monte ou n'alguma viella suspeita o escudo de armas quasi apagado de seus maiores e se embuçasse n'um gibão usado com ares de quem estivesse vestido de brocado de oiro e tivesse ao peito a ordem de Calatrava, dizia ao primo D. Salustio — que

se lhe queixava de elle haver dado motivo pela extravagancia do seu traje a que certa fidalga da sua amisade largasse a rir por ver tal figura :

— Gosto muito de fazer rir as mulheres!

assim, pelos modos, deve ser muito agradavel aos namorados fazerem rir os futuros sogros ; e por isso o Mendonça, quanto mais o sr. Street ria, mais gosto sentia elle, tanto mais que as gargalhadas do visconde seguem á risca o grande preceito de que o riso seja communicativo, e, em elle ou seu filho desatando aquelles trillos e cadencias da hilaridade, é de uma pessoa romper logo tambem a rir ou estoirar alli mesmo.

De uma occasião, ha pouco tempo, estavamos a almoçar, Antonio Batalha Reis e eu, com o Carnide Guilherme. Antonio Batalha Reis, contava-nos que vira de uma vez, em Madrid, Alexandre Dumas à porta do hotel, a tomar ar, de casaca azul de botões amarellos e sem chapeu na cabeça ; que se demorára um quarto de hora, na rua, a olhar para elle, e que, informando-se, e havendo sabido que o celebrado romancista estava alojado n'aquella hospedaria, não resistira ao desejo de lhe fallar, e fôra ao hotel procural-o.

— O sr. Alexandre Dumas está em casa ? — perguntára Batalha Reis ao porteiro.

— Está, sim, ande, sr., que já estão á mesa...

O porteiro, sabendo que Dumas dava n'esse dia um

almoço a dois ou tres amigos, cuidava que quem lhe fallava fosse um dos convidados.

Por não parar no seu intento, Batalha Reis fez que não ouvira aquella exhortação, e foi seguindo...

Ouviu-se tocar a sineta, advertindo de que ia visita para o primeiro andar; appareceu um criado, Batalha Reis perguntou-lhe por Alexandre Dumas: o criado, precedendo-o, dispoz-se immediatamente a fazel-o entrar nos quartos do grande homem.

Dumas estava effectivamente almoçando.

Achavam-se com elle á mesa dois francezes.

O criado bateu á porta com os nós dos dedos...

— *Entrez !*

Batalha Reis entrou.

Ao ver uma visita que lhe era completamente desconhecida, Alexandre Dumas levantou-se e veio ao encontro d'elle.

— Senhor Dumas — disse Batalha Reis, — um portuguez que o admira desde que lê, passando agora por Madrid não resiste ao desejo de apresentar ao escriptor seu predilecto a homenagem do seu respeito...

Alexandre Dumas enxugou os beiços com o guardanapo para poder sorrir com mais graça ; e, estendendo a mão ao nosso compatriota, quiz apresental-o aos seus amigos e offerecer-lhe logar á mesa.

Desculpou-se Batalha Reis de não lhe ser dado accei-

tar, visto como a essa mesma hora o estivessem esperando. Dumas fez-lhe algumas perguntas relativas ao Portugal moderno, contou-lhe que de ha muito tinha desejos de conhecer este paiz: tomou nota, na sua carteira, do nome e da morada em Lisboa do visitante que o procurára; depois, lastimando que elle não quizesse dar-lhes o gosto de se demorar, e havendo-o a esse tempo sentado junto de si e dos seus amigos, de novo se levantou para acompanhal-o e despedir-se, dando-lhe primeiro um aperto de mão, depois do aperto de mão um abraço, e, depois do abraço, rompendo n'esta exclamação:

— *Le brave jeune homme!*

Batalha Reis, impressionado, como é natural, pela circumstancia de se encontrar alli, mão cá, mão lá, com o auctor do *Monte-Christo*, deixou talvez transparecer no semblante mais vivamente do que succederia a um homem que não fosse peninsular, a commoção, o sentimento admirativo, o impulso affectuoso, de um leitor que admira, para com um escriptor que o deslumbra; — e Dumas, notando isso, e impressionando-se tambem com a sincera gratidão dos espiritos superiores para com quem os comprehenda e os estime, de novo lhe deu um aperto de mão, e, sobre o novo aperto de mão, novo abraço, e, sobre o abraço outra vez a exclamação:

—*Le brave jeune homme!...*

Expressão accrescentada d'esta vez por outro abraço

ainda, o terceiro, e por estas palavras de uma ternura symbolica:

— *Encore une fois!*...

Guilherme Street, ouvindo isto, elle, homem do norte, homem frio e fleugmatico, rompeu n'um riso de primeira ordem, e repetiu tres vezes por entre gargalhadas:

— Essa é boa! Isso é mesmo d'elle, é de romance, é puro d'Artagnan, é Monte-Christo, *grande manière*, tem drogas de Balsamo, tem esporas á mosqueteiro... *Encore une fois*! Era como se não se pudesse apartar de ti, a quem via pela primeira vez, hein? Oh! que grande ratão! Ah! Ah! Ah!... Magnifico! Pyramidal! Hé! Hé! Hé! — *Encore une fois! Le brave jeune homme!* Oh! Oh! Oh!...

Pois bem, e é a este ponto que eu me propunha chegar: Lopes de Mendonça, meu tutor, Lopes de Mendonça, que, de certa epocha em deante, teve sempre mais ou menos o proposito de deixar o folhetim pela politica, de uma occasião, indo commigo, e, ao sair do Passeio, encontrou Carlos Ramiro Coutinho, hoje visconde de Ouguella, que o saudou com a alegria com que os seus amigos o viam sempre:

— Oh! Mendonça, como vae isso?

— Bem. Apresento-te o meu successor!

— O teu...

— O que ha de succeder-me no folhetim, é este rapaz...

— Ah!

— É. Lembra-te d'isso.

Quando se deu esse encontro e esse dito, tinha eu pouco mais de dezoito annos; não havia razão alguma para calcular que o folhetim da *Revolução* tivesse de passar um dia d'elle para mim.

O que devia ser, e foi, o mais serio dos encargos, ter de estrear-me acompanhando nas revistas semanáes as representações da Ristori, foi tambem, exactamente, o que me valeu, por obrigar-me a trabalhar. A Ristori estreiou-se pela *Medea*. Não sei se aquella tragedia é boa, ella tornava-a optima, e percebia-se excellentemente que fosse um lance de predilecção para a sua alma de artista, aquelle da invasão subita da paixão, de que Medéa offerece o mais extraordinario exemplo. Juno alcança de Venus que o Amor faça apaixonar Medéa, filha de um rei, filha do rei Eetes, por Jasão que vae com os companheiros á conquista do velo de oiro; o rei desconfia dos argonautas, e propõe ao Jasão ceder-lhe o velo comtanto que elle vença uns toiros com pés de bronze e que deitavam chammas pelas ventas, que os obrigue a lavrarem, e que, depois de semeado o campo de dentes de dragão, ceife, sósinho, os gigantes armados que n'aquelle campo hão de nascer. Medéa, assistindo á contenda,

namorou-se logo de Jasão, que resplandecia entre todos pela elegancia. Os argonautas punham a sua esperança toda nos encantos da princeza, os famosos encantos de Medéa, mas ella principiou com medo, com terrores vagos, e as declarações amorosas de Jasão tornaram-a mais perplexa ainda. A descripção da noite e do sonho no velho poema de Appolonio de Rhodes, a *Expedição dos Argonautas*, é primorosa:—«Deitada na sua caminha, dava-lhe allivio ás penas um somno pesado em que os sonhos enganadores, agitados de imagens funestas, como succede a quem vive inquieto, lhe mostravam o estrangeiro a sujeitar-se á prova, não por amor do velo divino, porque não houvesse sido esta a verdadeira causa que o tivesse levado áquella cidade do Eetes, porém para merecel-a, alcançal-a, a ella, e leval-a em sua companhia como noiva.» Chegára a figurar-se-lhe que tambem ella combatia touros e triumphava d'essa prova cruel, mas que seus paes recusavam cumprir a palavra dada por não haver sido á donzella, mas a elle, que tal condição fôra imposta: que, n'isto, se alevantava um conflicto entre seu pae e os forasteiros, que os dois partidos a escolhiam por arbitro para se resolver conforme o coração d'ella lhe dissesse, e que, de repente, sem querer saber mais dos paes, ella escolhia o estrangeiro, deixando os seus n'uma afflicção e n'uma ira extremas. Deixava-a então o somno em so-

bresalto, olhava de todas as bandas para as paredes da alcova, e rompia em lagrimas, a pedir á sorte que aquelle homem fosse outra vez para a sua terra, lá bem longe, namorar alguma moça grega, em vez de estar alli a fazer correr tal risco á virgindade d'ella e á paz do lar paterno... E ora quer ministrar os venicinios que logrem dominar os touros, ora se lhe figura que o melhor será morrer ella, com bem pena de que as flexas de Diana a não tivesssem matado antes da hora de o ter visto... E já pensa em salval-o, já em perdêl-o, e outra vez e outra, mas morrer, ella sim, morrer... Foi-se então á boceta que arrecadava as drogas, umas salutares, outras destruidoras, e pondo-a sobre os joelhos, a soluçar, chorando, ia tirar os venenos que matam, escolher um, escolher outro: mas, subitamente, enche-se de medo do Plutão, passa-lhe na idéa quanto entre os vivos é doce e alegre, lembram-lhe as companheiras da sua edade, o sol que vem raiando parece-lhe mais bonito que nunca, e resolve ir-se encontrar com Jasão e dar-lhe o encanto. Era então manhã clara, e já cada um na cidade dava principio á sua lida do dia. Occultou ella no seio a erva magica, e logo que avistou Jasão, ensinou-lhe por que modo devesse usar d'aquella erva. Elle vae, doma os touros, lavra, lança á terra os dentes de dragão, saem dos sulcos os gigantes, combate-os, fere-os a eito, ceifando-os... Mas a princeza estremece com o pensar que

não fiquem ignorados de seu pae os auxilios que prestou, e, porque o medo a torne ainda mais ligeira, sae alta noite, atravessa sósinha as ruas da cidade, consegue sair das muralhas sem que nenhum guarda a conheça, sóbe as ribas do rio, avista o fogo que os heroes gregos conservavam acceso toda a noite como signal jubiloso da victoria, chama por Jasão que está no navio com os companheiros e que salta a terra de um pulo, diz-lhe ser preciso salvarem-a, e salvarem-se a si dos furores do rei seu pae, pede-lhe que cumpra os juramentos que lhe fez, que goste sempre d'ella, que seja sempre seu: elle, como que allucinado de paixão, promette tudo, põe tudo em pratica: ella mesma o conduz pela floresta para irem buscar o velo de oiro, e, ao romper da aurora, o navio dos argonautas, perseguido debalde pelos Colchios, sae triumphante; vão remando os heroes, e Medéa na pôpa ao lado de Jasão recosta-se meigamente sobre o comprido e fulgido veu, feliz como uma princeza, feliz como uma deusa, feliz como uma mulher que ama e é amada...

A maioria do publico não tinha de nada d'isto a minima noticia; Argonautas, Apollonio, vélo de oiro, tudo isto era letra morta para o seu conhecimento. Viu, por consequencia apparecer Medéa, não já a interessante e formosa princeza da Scythia, mas a lugubre heroina victima das furias, incendiaria, assassina, odiosa, transfor-

mada pelo ciume desde que aquelle Jasão namorado a repelliu ao enfastiar-se d'ella.

A lenda da heroina havia porém encantado a Ristori, como na lenda essa mesma heroina encantava e enfeitiçava todos; e a Ristori, que estava ainda no fulgor da belleza e da mocidade, dava-lhe as graças e vigor de uma maravilha.

Succediam-se as récitas com a representação de peças novas. Em seguida á *Medéa*, que era no theatro a pedra de toque d'aquelle talento prodigioso, deu-se a *Judith*. A *Medéa* assombrára os cultos, a *Judith* deslumbrou toda a gente. Mendes Leal, que n'esse tempo escrevia com frequencia para o theatro, traduziu essa tragedia que o poeta Giacometti havia composto expressamente para a Ristori, e Emilia das Neves fez gosto em a representar.

Tem-se sido por muitas vezes cruel para com esta actriz nossa compatriota, e não raro se tem tido ares de a accusar pelo que mais depressa haja merecido louvor. Emilia das Neves, que foi uma mulher formosissima, poderia haver-se contentado com essa gloria, que é por ordinario a que mais seduz e mais attrahe, e não pedir á arte, ao trabalho, ao estudo, victorias de outra ordem, sempre cortadas de revezes, por melhor que a fortuna pareça querer sorrir-lhes. Creada n'uma escola, que o tempo levou comsigo, notavel nos dramas e melodramas

de um repertorio que se apagou entre nós ainda antes de se apagar na França, de onde para cá nos veio, e onde ainda hoje — a exceptuarmos o Theatro Francez e o Odeon — apparece de vez em quando, ora pela *Tour de Nesle*, ora pela *Closerie des genêts*, ora pela *Chambre rouge*, ella quiz tentar sem outro auxilio que o dos seus esforços, todas as manifestações mais nobres e mais levantadas da arte theatral.

O disparate, porém, — o grande poder entre nós ! — nunca lhe permittiu bem as significativas dedicações do seu espirito á causa das Medéas e das Judiths, mas enthronisou-a por muito tempo como a mais elegante e distincta protogonista dos dramas modernos, dramas da sociedade, — em que ella, aliás, apesar de magnificas *toilettes*, tinha uns ares tão theatraes, um arquear de braço tão fóra da attitude usual, umas inflexões tão falsas, uma expressão de tom e gesto tão alheia ao natural da vida, que um simples :

— Bom dia !

ou

— Boa noite !

dito por ella n'estas obras, podia parecer uma revelação, um aviso sybillino, uma ameaça, uma ironia, uma benção, um sermão, uma aria, só o que não parecia era «Bom dia !» — ou — «Boa noite !»

A Ristori estimava-a como uma mulher de talento. A

primeira vez que a viu representar foi no Porto, e o Porto que soube dar á Ristori a mais viva demonstração do enthusiasmo no theatro, que não é a dos applausos, como a que se lhe deu em Lisboa, mas a da concorrencia, a das enchentes, portou-se gentilmente com Emilia das Neves, saudando-a e festejando-a não como quem a comparasse á mais extraordinaria artista do mundo, que a isso deveria equivaler o equiparal-a á tragica da *Medéa* e da *Izabel de Inglaterra*, mas como quem apreciava em todo o segredo da sua valia a rara vocação scenica d'esta portugueza, que, sem estudos de nenhuma ordem e só pela adivinhação do talento e pela applicação no tablado conseguira, por entre defeitos desculpaveis em quem não tinha onde aprender, nem quem pudesse ensinar-lhe, o primeiro logar na esphera da sua profissão e do seu paiz.

Lisboa tem sempre, mais ou menos, preoccupado o Porto; mas o Porto n'esse momento preoccupou Lisboa.

O acolhimento expansivo e febrilmente enthusiastico para com a Ristori envergonhou a meia indifferença da capital para com uma artista, que o mundo inteiro celebrava.

Aquelle amigo, de quem fallo no primeiro volume d'esta obra a proposito do desapparecimento de Emilia Letroublon n'uma noite de recita do theatro do Gymnasio, Nicolau de Brito, estava por este tempo viven-

do na cidade invicta. N'um bello dia em que a mosca da amisade lhe deu uma ferroadita mais valente, esse benemerito lembrou-se de mim, e escreveu-me, desafiandome muito instantemente a ir para lá.

«Precisamos rir! dizia-me o meu Nicolau n'uma bem traçada epistola. Tenho de tudo aqui como o pastor da Marilia de Dirceu: vinho, legumes, fructa, azeite... Só me falta a tua doce companhia, para nos espojarmos a rir de qualquer coisa, e até de coisa nenhuma. Vossê, que se tem desenfiado em perolas para com a Ristori, tem excellente occasião de não fechar ainda a bocca, e vir para o Porto esta semana admirar de novo a tragica, continuando de bocca aberta como nós, perolas áparte, estamos desde que a vimos. Traga dinheiro se o tiver; se o não tiver, traga coisa que o valha, isto é, letras suas, que um editor troque a patacos. Dando-se o caso de tambem lhe não ser facil trazer escripta, previno-o á puridade de que no Porto não ha a miseria franciscana de editores, que catam ao sol d'essa capital as traças de livros velhos sem se arriscarem com auctores novos. Venha vossê, e não lhe dê cuidado o resto; que ha de divertir-se, ganhando para isso, sem quebra da independencia a que todo o bom portuguez attende.

Post scriptum: As mulheres, aqui, são um assombro. Nunca se viu coisa melhor.

Nota bene: Desafia o Silva Pereira (o sobrinho do conde das Antas, sabes?) para que venham juntos.

Novo postscriptum: Avisa quando sahires d'ahi, para dispor as coisas. Tenho um andar devoluto no predio em que habito. É para ti. Na rua Formosa: casa ao lado da do conde de Bolhão. Que tal?

A' ultima hora: As mulheres, aqui, até ao fechar d'esta carta, continuam a ser um assombro!...»

Eu tinha lido já a esse tempo alguns auctores. Mas, porque digamos com franqueza, nem a concisão do Tacito, nem a verdade crua do Suetonio, nem as graças de Tibullo, haviam accordado no meu espirito uma impressão tão lisongeira do poder do homem, como a esperança que me deu, de uma folia de bota abaixo, a missiva encantadora do melhor dos Britos.

Nós haviamos devéras rido varias vezes na nossa vida; e, da ultima occasião em que nos tinhamos encontrado, antes da partida d'elle para o Porto, a risota tinha tomado taes proporções, que a patrulha chegou a advertir-nos de ser contra os dictames da ordem publica a desbragada hilaridade em que nos surprehendeu alta noite.

O caso fôra este...

Ia o actor Rosa, Rosa pae, João Anastacio Rosa, com o auctor do *Alcaide de Faro*, Joaquim da Costa Cas-

caes, pouco antes da meia noite, pelo largo do Passeio, e dirigiam-se lenta e compassadamente para o Rocio, quando, ao chegarem perto do Café Suisso, e encontrando dois marujos inglezes bebedissimos, um d'esses nossos alliados, sem mais quê nem porquê, e decerto simplesmente por um desejo de acção e de exercicio, desabou um murro de tal quilate sobre o nosso Rosa que atirou logo com elle de pernas para o ar.

Estatelado no chão, o grande actor, já n'esse tempo tão cheio de rheumatismo como de gloria, especou-se n'uma das mãos, firmando-a no solo ingrato, volveu uma embaciada vista para o chapeu, que lhe saltára da cabeça, e que o sr. Cascaes, que se puzera ao largo, lhe offerecia gentilmente, e, porque os inglezes, como se nada houvesse sido, continuassem estrebuchando de tombos e de lingua sem se tirarem do mesmo sitio, disse ao auctor dramatico n'aquelle tom incisivo e penetrante da sua declamação tantas vezes celebrada:

— Ó sr. Cascaes, o sr. que sabe fallar inglez, entenda-se com esses homens!...

— Eu sei cá fallar inglez a esta hora da noite! — retorquiu Cascaes. — Levante-se e vamo-nos embora!

Este episodio da historia contemporanea, que apanhámos fresco n'essa noite, poz-nos por tal arte em veia de alegria, que os proprios marujos, tanto foi o motim que nós fizemos n'aquella noite a rir, pareciam decerto mais

inglezes que nós; mas, no conceito da patrulha, creio que não pareciam *mais que nós*... senão isso.

O certo é que, não na semana immediata, como queria Nicolau, mas no mez seguinte, Silva Pereira e eu, tomavamos no escriptorio do Chambica, ao caes do Sodré, os nossos respectivos bilhetes de passagem para o Porto, e enviávamos um telegramma, que obedecia a todas as leis do estylo, harmonia, precisão, e clareza, no qual diziamos ao nosso amigo, que na tarde d'aquelle dia seguiriamos viagem no vapor *Lisboa*.

A viagem principiou por um episodio ultra-comico...

Sei o respeito que se deve guardar ao leitor, á leitora ainda mais, e hesito gravemente antes de o referir...

— Que dizem? Mas depois...

Emfim, ahi vae.

Havia grande vento no dia da partida, o mar devia estar bravo, eu enjôo desastradamente, sahimos ás quatro horas e meia, o vapor era o mais ronceiro da companhia: tudo isto fez-me fugir o apetite, e, instando Silva Pereira para que eu não embarcasse sem jantar, o unico prato que, de algum modo, poude sorrir-me, de todos que vieram á mesa, foi um meu predilecto desde creança, feijões encarnados com azeite, vinagre, cebola, salsa e pimenta.

— Pois cóme d'isso! — dizia Silva Pereira.

— Coma d'isso, senhor! — dizia a criada.

— Como d'isso, sim! — disse eu.

Comi d'isso e fui para o vapor. O pouco sol que ainda se avistava ao longe tinha ares de uma ironia: as vagas principiavam a cobrir o barco de vez em quando, o vento gemia e apostrophava, principiei a bocejar como quem cahe de somno, esfregava os olhos, firmava os pés, e dirigia ao homem do leme perguntas importunas: se o mar iria a peor, se á meia noite o vento augmentaria ou diminuiria... Depois, não me dando resposta senão com encolher os hombros, esse homem disciplinado, voltei-me para o capitão; ia dizer-lhe alguma coisa, que elle parecia realmente disposto a ouvir, mas sentei-me, vi as ondas acommetterem o vapor, atirarem-o de bombordo a estibordo; com a primeira refrega de norte rijo nas alturas do Cabo da Roca senti as ancias do enjôo, uma onda cobriu o vapor e alagou a tolda, gritaram-me que voltasse o rosto para o vento, que me encostasse ao parapeito, o capitão quiz amparar-me para eu descer ao beliche, mas...— *troppo tarde!* e as cascas dos feijões, á luz indecisa do cahir do dia, figuraram-se-lhe sangue...

— Sangue! — disse o capitão quasi commovido.

Logo o então barão de Magalhães, e hoje conde d'este titulo, se approximou de mim com o maior interesse, e, elle de um lado, do outro Carlos Cyrillo Machado, antigo deputado, cavalheiro por extremo amavel, ponderaram n'um commovente colloquio com o capitão, quanto

acerbo deveria ser meu soffrimento para que o sangue irrompesse em golfadas de tão phenomenal pujança.

O vapor, que devera chegar ao Porto das oito para as nove horas da manhã, avistou a barra ás cinco horas da tarde. Tivemos vinte e cinco horas de viagem, e, mercê dos feijões encarnados, todos os passageiros se interessaram por mim vivamente, fui o alvo das attenções no momento de subir á tolda, e os passageiros fizeram-me a fineza de não observarem tanto, ao avistar terra, as margens do Furadouro, da Costa de Espinho e do Senhor da Pedra, como a minha physionomia. Pareciam ter mais desejo de ver a minha lingua, do que a lingua de areia do Cabedêlo que fecha a barra; e, em vez de mostrarem uns aos outros a Foz, que ficava em frente, tudo era mostrarem-me a mim...

— Aquelle é o do sangue!

— Lá está o do sangue!

— O do sangue!......

Tudo isto me preparou um desembarque glorioso, acompanhado do Nicolau de Brito, que tinha effectivamente um primeiro andar devoluto, na rua Formosa, para onde nos dirigimos, sem dar ouvidos a uns homens de capote côr de pinhão, orlado de amarello, que azoinavam a gente com gritos a offerecerem-nos *cadeirinhas*...

— Que diabo de historia! — scismava eu. — Já se cá

sabe do meu caso, suppõem-me tão doente que nem de sege possa ir!

E elles á roda de mim:

— Cadeirinha! Cadeirinha! Firme, leve, cadeirinha! Eram ás duzias.

— Que terra! — pensava eu. — Que hospitalidade! Ó feijões encarnados, eu vol-o agradeço!...

O Porto n'esse tempo — ha vinte e um annos — tinha ainda uma feição diversissima da actual: os predios eram quási todos esguios, de quatro e cinco andares e tres janellas cada um. Presentiam-se quartos sem commodidade, que devessem cançar quem estivesse em casa, peor do que se andasse a pé pela rua. Já a cada passo se avistavam obreiros a levantarem predios, e percebia-se, que aquella cidade monetaria tratava de se embellezar e de attender aos seus edificios. A cidade n'essa epocha não poderia dizer-se bella, mas as camelias, o Douro, a Foz, compensavam tudo. Uns omnibus, uns char-à-bancs, uns diabos de carros phantasticos, venciam a passo por minuto a legua do Porto á Foz; porém, logo que desciam a Restauração, começava a deleitar-se a vista n'um panorama admiravel, que se descobria em todo aquelle passeio á beira do Rio. Esses carros no verão tinham immenso que fazer; no verão antecendente áquelle em que alli estive, haviam feito, os carros, todos, mais de dezoito contos de réis. Cada logar custava seis vintens,

Tudo quanto havia rico e elegante no Porto reunia-se na Foz. A curiosidade, n'aquelle tempo, era o salvavidas, uma casita com um pequeno jardim de entrada, situada de modo que ouvia de um lado as queixas do rio, e do outro as iras do Oceano; não tinha sahida para o mar: havia apenas uma portasinha, e, quando o barco devesse ser empregado no serviço dos naufragos, chamava-se povo, e era arrastado pela areia até á beira-mar; essa operação levava uma hora, hora e meia: o sufficiente a um salvavidas para poder salvar os mortos.

Despachei nos primeiros dias os encargos obrigatorios de todo o bom forasteiro, ver a Sé — onde, por signal, havia um sacristão que me dizia: — «Aqui está um santo *canalisado*!» e mais adiante: — «Aqui está um santo vivo!» e, porque eu ficasse pasmado: — «Vivo?!» — «É como lhe digo... É de carne.» — «Ah! Não é de pau?!» — «Não, meu senhor; se fosse de pau era um santo morto!» — «Ah!» — o paço do bispo, onde o viajante tem um quarto de hora para abrir a bocca, esbogalhar os olhos, e mostrar-se profundamente impressionado, á proporção que lhe façam notar a escada, a galeria, a cupula... — Mattosinhos, passeio de duas leguas de bonita estrada; — e Leça da Palmeira, que é um encanto.

Os theatros tomavam-me pouco tempo; os conhecimentos que eu tinha no Porto, ao principio, eram em nu

mero limitado; ficavam-me as noites livres muitas vezes, o que me permittia trabalhar.

Logo que tive uma porção de cadernos de papel sufficientemente rabiscados, dirigi-me ao livreiro Cruz Coutinho, editor do *Jornal do Porto*, contractei com elle uns vinte folhetins, que principiaram a publicar-se no dia immediato, metti o dinheiro na algibeira, e desde essa manhã o Porto pareceu-me ainda mais bonito e principalmente mais alegre.

Não estejamos a fingir que uma natural distracção me leva a fallar-lhes de tudo, menos d'aquelle *post-scriptum* da carta do Nicolau, que tão de molde lhe pareceu destinado a dar-me no goto. As barqueiras do Douro, as gentis raparigas de Avintes, de S. Cosme, da Magdalena, deixam tal impressão a um homem que vá passeiar ás Fontainhas, e que se debruce a contemplar as formosas moças que vão remando, sustendo o remo com mais distincção do que a Stael segurava a penna, a julgar pelos retratos d'essa litterata celebrada, que se fica por uns tempos a não pensar n'outra coisa, a suspirar pelas festas de agosto, e por aquelle panorama encantador N'esse tempo quasi não havia casas n'aquelle sitio algumas choupanas humildes, simplesmente, como que a dizerem que alli a riqueza não era chamada, e que a natureza e a formosura foge para os pobres e para os infelizes, como para os consolar da vida. Quando por lá

se me dizia ser pena que no Porto e nos arrabaldes não haja quintas, tinha impetos de lhes gritar: Para que haviam os senhores de querer quintas, se a sua terra é uma quinta em grande, onde não ha olhar para algum lado que não se vejam arvores, uma vegetação esplendida, japoneiras altas e robustas como laranjeiras, carregadas de camelias preciosas!

A sociedade do Porto era muito dividida n'esse tempo; a classe a que se chama propriamente sociedade dava-se certa feição estrangeira, principalmente ingleza; a burguezia era caracteristica, tinha uma sinceridade de positivismo, que não se encontra facilmente; as senhoras sabiam ser donas de casa, ensinavam ás filhas coisas uteis, contabilidade domestica, cosinha... Isso tinha influencia nos costumes portuenses, notaveis de austeridade e de paz; os maridos deixavam-se ser *caseiros*, por verem as coisas de casa correrem com economia e certo conforto relativo. Não sei se isto era bem assim, mas a impressão que me produziu foi esta.

A redacção do *Commercio do Porto*, de certo por querer aproveitar a occasião de tornar sensivel á imprensa de Lisboa os sentimentos de generosa camaradagem que caracterisaram sempre os cavalheiros que em todo o tempo se teem achado á frente d'aquelle jornal, um dos primeiros, senão o primeiro do paiz, fez-me a honra de me offerecer um sarau musical. Toda a imprensa

portugueza registou esse facto de tão cavalheira bizarria; eis, de entre as noticias que conservo, um trecho em que vem citada a parte musical da festa:

«1.ª Andante e grande polonaise brilhante, para piano, composta e executada pelo sr. A. Moreira.

«2.ª Romanza da opera *Maria di Rohan*, cantada pelo sr. Affonso Pinto da Gama Leão.

«3.ª 9.ª aria variada de Beriot, executada no violino pelo sr. Marques Pinto.

«4.ª Grande phantasia sobre motivos da opera *Somnambula*, executada no piano pelo sr. José de Mello Abreu, composta por Thalberg.

«5.ª *Fé e Esperança*, trecho de Galam, composto e executado pelo sr. Nicolau Ribas.

«6.ª Final de um quartetto de Fesa, para piano, violino, viola e violoncello, executado pelos srs. Antonio Moreira, Nicolau Ribas, Augusto Marques Pinto, e José Pereira da Silva Ribeiro.

«7.ª Galope, para piano, composto e executado pelo sr. Agostini.»

Ainda era moda n'aquelles dias a phrase altisonante «O barco da vida vogando n'um mar revolto»; mas eu só teria que dizer do barquinho da minha existencia, que parecia ir á vela n'um mar de rosas... Festas e

mais festas, comer, beber, divertir. Desde pequeno que eu ouvira dizer que o homem come para viver, mas não vive para comer; isso, para mim, durante aquella estada no Porto, ia mudando de figura. Muitas vezes pensei então nos cuidados e necessidades inuteis que esta historia de comer traz ao homem, e quanto seriamos mais felizes e ricos, com mais saude, e tantas vezes mais independentes, se não houvesse este mau costume. Mau costume, entendamo-nos: o que pretendo lembrar é que era escusado ser absolutamente necessario, ser indispensavel, comer: prohibido tambem não conviria por nenhuma maneira que o fosse; o bom do caso seria comer por golòdice, e, então, já se vê que ninguem comeria senão coisas delicadas, coisas muito saborosas, como quem usa de cheiros, e gasta no Godefroid um quartinho em cada frasco de agua de colonia: não por necessidade, por delicia.

D'essa maneira seria comprehensivel uma boa gastrica de vez em quando, para castigar o abuso do luxo... da barriga; — mas, no estado de simples uso, é mais que tudo cruel, que uma pessoa não possa viver sem a paparóca, e que tenha ás vezes uma colica, não por haver comido de mais, mas por haver comido para não ter fome!

Mercê de convites e mais convites para almoços, jantares e ceias, todo o tempo chegou a parecer-me

pouco para mudar de prato. Tive presentinhos de Porto velho, que faziam a ventura das minhas noites. Nos amigos silencios da lua, lá pelas tres horas da madrugada, que era quando eu ia para casa, trabalhava sempre duas horas antes de me deitar, e dispunha a mesa de trabalho com graça e symetria tão galantes, que era sempre certo o papel almasso ao centro, o tinteiro á esquerda, e á direita uma garrafa de 1815. Matava a sede, por esta maneira, sem me expor a constipar-me, desempenhava-me da grave missão que me conferiam os que me regalavam esse nectar, e, tornando-o socio das horas da applicação e do trabalho, figurava-se á minha modestia de cada vez que me sentava á mesa da escripta, que ia ganhar novas luzes!...

A alegria natural do meu genio era auxiliada ainda, ás vezes, pelas prendas do acaso, de modo que, a verdade é esta, andei sempre no Porto contentissimo. Os portuenses são boa gente; generosos, obsequiadores, sinceros.

E depois, quando se tem vinte e um annos tudo ri á roda de nós, o caso está em não fechar os olhos e não se obstinar a querer ser muito serio, muito serio...

O que eu ri, por exemplo, de uma passagem, como diz o povo, que ainda me diverte agora ao recordal-a...

Encontrei n'uma casa a passar a noite uma senhora estrangeira. Por que me agradasse a sua conversação,

aproveitei a vantagem de lhe ter sido apresentado, e entretinha-me a conversar com ella de preferencia a conversar com quem me não agradasse tanto. Isto passava-se em casa de um consul velho, que já morreu, e a quem eu era recommendado.

Pelo fim da noite, o bom do consul disse-me que no dia immediato haviamos de ir ver uma casa nova, lindissima, que o seu amigo fulano acabava de construir.

— Com muito gosto! — respondi.

— Ha de gostar. É uma belleza. Venha jantar comnosco, e depois iremos ate lá de passeio...

No dia immediato jantei lá; acabado o jantar, as senhoras foram pôr os chapeus, appareceu o amigo fulano, dono da tal casa nova, que iamos ver, e puzemos-nos todos a caminho.

As senhoras iam adeante, conversando.

Atraz, em certa distancia, o consul, o amigo, e eu.

O amigo era velho tambem; vélho gordo e bem posto, folgasão, agradavel.

Por mais que eu quizesse esquivar-me a essa distincção, chegados a certa altura, o consul chegou-se para a direita, o amigo chegou-se para a esquerda, e acheime no meio d'elles. Então o consul, moderando a voz, para que sua mulher e a cunhada, que iam adeante, não ouvissem nossas fallas, disse por esta maneira:

— Estivemos pensando em si...

Eu parei, pasmado a olhar para elle, em duvida do que se me figurava ouvir:

— Vamos para deante! — disse o amigo fulano.

— Vamos andando! — disse o consul.

E, d'alli a nada, proseguindo:

— O sr. Julio Cesar Machado está n'uma terra que não é a sua, não tem conhecimento das pessoas nem dos usos; é moço, é muito moço, — que edade tem, ó sr. Machado?

— Vinte e tres annos.

Olharam um para o outro...

— Vês? Vinte e tres annos! É muito moço!

— Muito moço!

— Pois, por isso mesmo, pensámos nós que toda a prudencia é pouca no seu caso. O meu amigo já leu as confissões de Rousseau?

— Já li. É a melhor obra d'elle.

— Sabe d'aquella semsaboria que lhe aconteceu em Veneza... Ora isso é que é preciso ter sempre em vista quando se chega a uma terra e se é rapaz...

Eu parei outra vez, ainda mais pasmado a olhar para elles...

— Vamos para deante! — disse o consul.

— Vamos para deante! — disse o amigo.

— Amanhã, do meio dia para a uma hora, visto como o sr. Machado tem de escrever a respeito dos usos e cos-

tumes das terras que visita, e decerto o typo da lavradeira lhe ha de absorver um capitulo, tomámos em consideração o caso em que se acha, e, para que possa ter conhecimento da feição e linguagem d'essas personagens caracteristicas do norte, alcançámos que uma, verdadeiramente typo, o procure na sua qualidade de modelo...

— É — disse o outro — uma figura digna de observação. Pintor que fosse o sr. Machado, não lhe seria facil alcansar mais formoso modelo. Deve ter alli um bom capitulo...

E como eu de novo parasse, e já estivesse a esbogalhar cada vez mais os olhos:

— Fica, pois, prevenido... — disse o consul.

— Ámanhã ao meio dia! — retorquiu o amigo.

Eu ficava sem saber o que dizer-lhes...

— Vamos para deante! — disse o amigo.

— Vamos para deante! — disse o consul.

Fomos para deante; démos o nosso passeio, vimos a casa, e fomos convidados a ficar para a noite. Com muito agradavel surpresa minha, entre varias pessoas que alli se reuniram, appareceu a senhora estrangeira. Conversou-se, fez-se musica, e eu, seguindo o movimento natural de ir cada um para o que mais lhe agrade, fui sentar-me junto d'ella. Conversámos, rimos, disse-lhe finezas, ella era espertissima e sabia dar o desconto devido ás circumstancias que concorrem n'um forasteiro, que

não tem tanto tempo como os da localidade para prefaciar as obras que emprehenda ; e, pedindo-lhe eu licença para lhe escrever, respondeu-me com grande delicadeza, que não tinha dúvida em me auctorisar a isso, porém que uma coisa, isso sim, me pedia...

— Que coisa é ? — perguntei eu.

— Fazer com que nem o consul nem o amigo d'elle sonhem sequer...

— Oh ! minha senhora, posso jurar-lhe que...

Levantei-me, fui conversar com outras pessoas ; na manhã immediata escrevi á senhora estrangeira : — ao meio dia appareceu a lavradeira trazendo um papel em que vinha escripto o meu nome e o numero da porta, mercê da previdencia dos dois cavalheiros que assim se interessavam pelo bom andamento das minhas diligencias litterarias de *touriste.*

No dia seguinte veio a resposta á minha carta, e n'ella se me dizia :

«Se tão vivamente lhe recommendei a maior discrição para com o consul e o outro amigo d'elle, perfeitamente segura dos bons sentimentos de V. , mas não querendo deixar de especialisar bem que para com esses dois respeitaveis cavalheiros era necessaria uma isenção absoluta de referencias, é porque... — como dizer-lhe isto ? — é porque... elles fazem-me a côrte ! »

Elles!...

Li isto, e, comprehendendo então a sollicitude com que aquelles meus dois bemfeitores, tão depressa me tinham visto conversar de preferencia com a estrangeira, logo se haviam occupado de me proporcionarem um objecto de estudo tão valioso como o tal modelo de Avintes, pisquei-lhes o olho, como se os estivesse a ver; e disse a mim proprio, como elles me diziam na tarde do passeio:

— Vamos para deante!

Uma circumstancia, todavia, como que um segredo, fazia com que a minha vida muitas vezes alegre, e apparentemente alegre sempre, fosse cortada de melancholias, de umas inquietações vagas, que ninguem suspeitava e que eu disfarçava como se fôra uma culpa.

Eu sabia pouco, e, melhor que ninguem, conhecia o muito pouco que eu sabia.

Não havendo passado dos estudos a que se chama preparatorios, e tendo sido obrigado a occupar-me de diligenciar a minha vida na edade em que os outros entram nas escolas superiores, e não precisam ter outros cuidados senão levarem o seu curso direitinho, e não excederem o numero de reprovações além do que é consignado no programma de estudos para não perder o anno, en-

contrava-me na situação equivoca de um actor que representa um papel superior ás suas forças, e que não póde contar senão com o deslumbramento, que n'um rapido instante consegue produzir, no publico, a fortuna viageira um pouco do talento e um pouco do acaso.

Appareccia sósinho, no fim de um intervallo que já estivera sendo aproveitado em rir dos grupos.

Esses grupos, de poetas, de novellistas, de criticos, estavam já tão dispersos, que era preciso querer conhecer a historia litteraria d'aquelles ultimos dois annos, para avaliar bem em que pouco tempo, com o apagar-se para elles a moda, se lhes havia tolhido o passo.

Fôra uma geração notavel de talentos, mas, por fim, no conceito publico, ia cahindo no séstro de Catilina — abusar da paciencia alheia.

Acolhido como uma novidade, deu-se-me rapidamente uma nomeada, que de um modo me alegrava, e me inquietava de outro modo, pela difficuldade de a sustentar. Tivesse eu tempo, e meios para preparar sufficientemente o que escrevia, e o caso não me metteria medo; mas o tempo chegava a faltar-me, para escrever, — o que seria para estudar! Sustentei n'esse tempo tres folhetins de revista de semana: o da *Revolução de Setembro*, o da *Opinião*, e o do *Rei e ordem*. Para a *Opinião*, jornal do duque de Loulé, entrei convidado por Barros e Cunha, para o *Rei e Ordem* por Eduardo Cabral, hoje conde de

Cabral. O folhetim da *Revolução* publicava-se ás terças-feiras, o do *Rei e Ordem* ás quintas-feiras, o da *Opinião* aos sabbados. Assignava com o meu nome na *Revolução* e na *Opinião*; com o pseudonymo de *Carolina* no *Rei e Ordem*.

Ninguem soube, durante mais de um anno, quem fosse essa *Carolina*. A indole dos artigos era completamente differente em cada jornal. Na *Revolução* fazia o folhetim divagando ao lado dos assumptos, conversando, contando casos que viessem a proposito d'aquillo de que se tratava: na *Opinião* narrava factos, contava o enredo das peças, e occupava-me mais rapida e mais directamente de tudo que por ahi succedia: no *Rei e Ordem* não tratava senão dos incidentes que occorriam na sociedade, que eu frequentava pouco, mas de que andava informado por pessoa — que tinha boas razões para não dizer a ninguem ser eu quem escrevia e que as informações vinham de si.

Desconfiava-se de um ou de outro, esses outros e esses uns sempre dos que devessem ser considerados mais sabedores e mais versados n'aquelles mysterios, n'aquelles pequenos *cancans* da vida elegante. Disse-se ser o conde de Ficalho, José Horta, Ottolini... E, eu, caladinho.

O folhetim de *Carolina* passava da minha mão para a de Eduardo Cabral. Eu não ia á typographia. Eduardo Cabral, Francisco Maria Bordallo, os irmãos José e Mi-

guel Osorio, e, de alguma vez, José Bernardo da Silva Cabral, redigiam a folha. Em noite de *provas*, Eduardo incumbia-se de m'as revêr: só uma noite foram revistas por mim, em casa d'elle. Uma das curiosidades d'essa historia, é que eu havia sido revisor d'esse mesmo jornal dois annos antes; por occasião da partida de Marques Pereira para Macau, haviam-me fallado para que eu me encarregasse da traducção das noticias estrangeiras, mas o jornal suspendeu dois dias depois, esteve quasi dois annos sem se publicar, eu não chegára a escrever, e os typographos não me conheciam a letra.

Por outro modo o espectaculo, que, por aquella épocha, apresentavam as letras nacionaes, não podia deixar de inquietar um pouco. Em Lisboa estava tudo calado: dir-se-hia que os talentos houvessem chegado todos á edade do silencio e da *terceira secção;* no Porto a sociedade de jornalistas, romancistas, poetas, andava dispersa, não por malquerenças, mas por ter de concentrar sua existencia nos limites e condições do officio especia de cada um.

Isto é, no Porto, como em Lisboa, póde dizer-se que ninguem era só litterato, ou vivia só d'isso. Alguma rara excepção só serviria para confirmar este exemplo.

Era singular, e grandemente louvavel, a applicação, o estudo, a permanente curiosidade de espirito da mocidade litteraria portuense; mas, entregue cada um ás

occupações da sua vida positiva, passavam o melhor do seu tempo este n'uma loja de ourives, aquelle n'uma loja de pannos, o outro n'uma officina. Tentavam triumphar das condições da vida material, procurando por entre as difficuldades d'ella uma hora de descanço, que aproveitassem desveladamente em dar por alguma maneira a medida da sua vocação.

Já não cheguei a tempo de conhecer Soares de Passos. Morrera, havia um anno. Guardava-se d'elle uma lembrança grave, profunda, como que religiosa e sagrada. Descêra á campa sem grande bagagem, que lhe embaraçasse a viagem, um livro unicamente, um volumito em que resplandece, sublime, a alma de um poeta.

Havia um grupo áparte de jornalistas retirados, jornalistas aposentados, jornalistas reformados, que se encontrava ás tardes, na Aguia de Ouro. Evaristo Basto, Girão... Homens de espirito, sem se lhes fazer favor, estes dois. Ia muito alli tambem Arnaldo Gama, que a esse tempo havia feito um *Genio do mal*, que o perseguiu toda a sua vida.

Esse *Genio do mal* era um romance em quatro volumes, publicado em folhetins de um jornal de quatro pollegadas, o *Braz Tizana*. Levou a vida de uma geração a publicar-se. Quando concluiu, e o auctor se entregou a compôr a *Ultima Dona de S. Nicolau*, e o *Sar-*

gento-mór de Villar, já não lhe restava vivo um só dos leitores que haviam acompanhado a sua primeira obra; eu sou d'esse tempo, e mais algumas pessoas, mas devemos principalmente o ainda existirmos a nunca a termos lido.

Entretanto, nos seus ultimos romances, esses dois que citei agora, Arnaldo Gama mudou de *genio*, e ganhou direitos de boa e sympathica justiça ao maior dos preitos que um portuguez póde prestar a outro — lêl-o.

A *Aguia de Oiro* — ó oiro! ó aguias! — era um botiquim escuro, feio, humido, velho; o *cavaco*, porém, de Evaristo Basto e de Girão tornava-o agradavel por meia hora. Evaristo Basto era homem do mundo, tinha distincção de espirito e de boas maneiras; vestia-se bem, e, comquanto retirado da imprensa, onde fôra, com Camillo Castello Branco e Ricardo Guimarães um dos plantadores do folhetim no Porto, e, feito escrivão de direito, ainda revelava as louçanias da garridice e elegancia antiga.

Não assim Girão.

Girão, original, engraçadissimo, mas outro typo, completamente e absolutamente outro typo,—na fórma ainda assim. No espirito, como elle, pelo menos, fino e gracioso.

Uma de suas historias, a primeira que me lembre de sua compendiosa vida...

Já sei.

Aqui vae ella.

Girão bebia, bebia bem. É escusado dizer bebia muito, porque já se percebe com a minha insistencia em lhes explicar que bebia, que isto não serve para os levar á convicção de que elle bebia pouco.

De uma occasião foi convidado a jantar por uma familia, que, duas noites antes, dera um baile.

Foi para lá guardando todos os preceitos, e entrou na sala dez minutos antes da hora marcada; estavam já alli reunidas algumas pessoas de melhor intimidade, e conversavam a respeito do baile, especialmente a respeito da ceia, e da voracidade que se observa sempre n'aquelle acto solemne em todos os pontos do paiz...

Girão pronunciou-se com toda a indignação contra o procedimento de taes homens, e, apoderando-se da questão, como se diz na camara, alli mesmo a tratou seguida e bizarramente, com estupefacção do auditorio.

— Estamos n'uma épocha de funesta intemperança! Comer, beber; eis tudo! Os partidarios de tal doutrina, representa-se á primeira vista, que devam ser o famoso fulano cosinheiro, ou o famigerado sicrano pastelleiro. Illusão! Os partidarios de tal doutrina não são tanto o cosinheiro, o pastelleiro, e o regimento de *mirmitons* empregados nas grandes occasiões em fazerem os *croquet-*

tes e temperarem as *sandwiches;* — ainda os ha mais enthusiastas, e mais fanaticos...

São os que comem as ditas *sandwiches* e as mencionadas *croquettes*.

Chega a ser acredora de notoriedade a devoção d'esses acolytos por aquelles acepipes fóra de horas na casa alheia!... Ouve-se dizer a cada passo:

— «A casa é magnifica... Muitas salas... A que horas será a cousa?»

Ninguem pergunta que cousa é; já se sabe que é a ceia.

E logo respondem com acerto:

— «A que horas ha de ser!... Á hora do costume!»

— «Sei lá! Andam sempre com invenções... São capazes de abolir isso!»

— «Abolir a ceia? Essa enormidade é do tamanho de um predio. Dono de casa que abolisse a ceia n'um baile, ainda seria mais assassinado do que o Gustavo Waza, que morreu, n'um baile tambem, de uma vez; mas de uma vez só. Teria de morrer mil vezes antes do *cotillón*; um tal malvado! Só de pensar n'esse monstro erriçam-se-me os cabellos. Ha de haver *foie gras*, ou arrebento de despeito, faço estourar esta camara optica com gritos sediciosos! Tenho oito gelados no bucho, e passam apenas minutos da meia noite; a ceia n'estas circumstancias é

indispensavel para a ordem. Por menos do que isto, têem-se feito *meetings!...*»

Ah! É phantastico, o que ha de comilões nos bailes! Gente rica, gente que vive ou que deve viver á farta, faz baixezas por uma tira de fiambre com vitella fria espremida em meia fatia de pão duro, ensopada em mostarda, com acompanhamento de mau Porto ou de mau Champagne!

O dono da casa, sua esposa, e os convidados que haviam escutado com attenção, diziam entre si:

— Quanto são delicados os sentimentos d'este cavalheiro em assumpto tão melindroso!

— Delicadissimos!

— Vê-se que é uma pessoa muito prudente, muito sobria...

— Muito sóbria!

O dono da casa estava contentissimo, estava propriamente o que se chama regalado de o ver, de o ouvir, e de possuir n'elle um exemplo de moderação, que serviria de modelo á mesa para os outros convidados,— porque era, como se lá diz, *apertadinho*, aquelle dono da casa, e d'isso corria fama na cidade.

Talvez até fosse esta circumstancia, que influenciasse o animo de Girão a ponto de fazer gosto em mystifical-o, como em Florença, de uma vez, Dumas mystificou, a seu modo, o conde de Bombella, que, convidan-

do-o a jantar, e sendo tambem a primeira vez que o recebia, lhe impoz logo, como *sine qua non*, um gordo album, em que lhe intimou que escrevesse, alli mesmo... Dumas ia a agastar-se; mas, sem o deixar perceber, perguntou ao conde, que era um pertinaz egoista, e á condessa, que além da mesma prenda de animo, tinha o dote de ser feiissima:

— E se eu estabelecer a condição de que não abram o album depois de eu escrever n'elle, senão á meia noite?

Era pelo carnaval, viram n'aquelle capricho uma phantasia propria do tempo:

— Está justo! — disseram o conde e a condessa de Bombella.

Dumas escreveu.

Os outros convidados scismavam:

— Que escreverá elle?

Depois de escrever uma ou duas linhas, Dumas fechou o album.

— Prompto! — disse.

Em seguida consultou o seu relogio, desculpou-se de não poder demorar-se, allegando que deveria partir no comboio das onze horas, despediu-se e sahiu.

O conde e a condessa quizeram logo ir ler o autographo...

— Não! — ponderaram os convidados. — A promessa foi abrir o album á meia noite!

Tinham razão. Os fidalgos cederam.

Á meia noite ficaram desertas as mesas do wisth, calou-se o piano, suspenderam-se as conversações, e, donos de casa e convidados, correram á sala pequena, onde, sobre a mesa, estava esperando por aquella hora o album.

— Vejamos! — balbuciaram todos...

Todos viram.

A pagina dizia:

«*O marido não é bom, a esposa não é bella.*»

E tiveram, conde e condessa, de continuarem a ser Bombella!

Quando o criado annunciou estar o jantar na mesa, Girão estava já enfadado da idéa da mesa e do jantar.

Mas um homem, que tem graça, nunca se enfastia por mais de um instante, nem sequer entre semsaborões; só o que lhe acontece é ter mais trabalho e dispôr-se a combater a insipidez que vem das outras pessoas presentes, destruindo-a pela sua propria graça.

Por isso, sentado ao lado do dono da casa, que se dava uns ares seraphicos e finissimos, e por coisa alguma tocaria n'uma garrafa, voltou-se sorrindo para um dos criados, — tres estavam esperando a um canto, engravatados e magnificos; dois, não menos magnificos e não

menos engravatados, distribuiam a sopa; e um ia principiando a deitar nos copinhos a suspeita, a lagrima, de Madeira secco:

— Madeira?

— Madeira.

Deixou deitar.

Mas, estendendo o braço, puchou gentilmente da garrafa de crystal, com vinho tinto, que se achava sobre a mesa, e, enchendo d'elle o copo grande que lhe estava destinado para agua ou vinho com agua, disse sorrindo ao amphytrião:

— Antes das sopas molham-se as boccas!

E bebeu-o todo.

O fidalgo teve um sorriso amarello.

A sopa era a que chamam *royale*, e nem pelo nome que lhe davam, nem pelo facto de ser um simples caldo de peito de gallinha, exigia com violencia aquelle sacrificio do copo grande; porém, depois de saborear algumas colheres, Girão entendeu não dever dispensar-se de encher de novo o copo, e dizer com bonhomia ao amphytrião:

— No meio das sopas tornam a molhar-se as boccas!

E záz.

O fidalgo teve um sorriso côr de canario...

Aquella sopa engóle-se n'um momento. Mais duas ou tres colheres mal cheias, e tudo fica dito.

Girão encheu de novo o copo solemne, e proferiu com

agrado estas palavras, sempre dirigidas ao amphytrião:

— Sôpas mamadas, goelas lavadas.

O fidalgo teve um sorriso côr de óցca...

O jantar seguiu o mais agradavelmente. Girão conversou com muito chiste e primorosa sensatez, teve um dito amavel para a dona da casa, uma sentença para cada prato, uma maxima para qualquer coisa, e de dito em dito, de prato em prato, de sentença e maxima em maxima e em sentença, bebeu quinze garrafas dos vinhos mais variados, applicando a cada um, conforme seus meritos, o louvor que lhes coubesse, e o annexim que melhor quadrasse á circumstancia.

Foi memoravel.

E, vê-se d'isto que, se Girão não escrevia folhetins como Evaristo Basto, armava folhetins em acção, o que, ao tempo da minha estada no Porto, Evaristo Basto nem sequer fazia já na sua grave qualidade de escrivão de fazenda.

O Porto d'aquella epocha conservava apenas um folhetinista, e esse folhetinista tinha sessenta annos.

Chamava-se José de Sousa Bandeira.

Tres homens haviam feito valer o folhetim em Portugal:

— Lopes de Mendonça; Antonio da Cunha Sotto Maior; e o Bandeira, conhecido nas letras por Braz Tizana.

Mendonça representára verdadeiramente, propriamente, as letras, a critica, o espirito.

Sotto Maior representára a phantasia romantica.

Bandeira representou sempre o que chamamos chiste, pilheria: neto até certo ponto de José Agostinho de Macedo, como elle esperto, paradoxal, bulhento, gostando do motim e das audacias, comquanto inferior ao padre não só em talento, mas em erudição e nos prodigios de memoria em que brilhava aquelle productor infatigavel.

Tinha esse homem a graça terra a terra, graça que não tem azas nem quer tel-a, que anda ao nivel da comprehensão, tendencias, e predilecções do vulgo, que estabelece como que uma collaboração tacita do escriptor e do leitor, ao ponto de ficarem eguaes e sentirem-se da mesma força.

É essa a graça, que, entre nós, melhor alcança a popularidade.

Em ar de brincadeira esse homem foi um jornalista não sei se respeitado, mas temido. Invejava-se-lhe o sceptro, cubiçava-se-lhe o poder, e ninguem o queria, e recusaram-o todos a quem elle depois de velho tentou offerecel-o; o throno de Hespanha em certas occasiões era o modelo em grande d'aquella ordem de coisas. Tem havido simples particulares, mais conhecidos dos credores, que das nações, que por terem os seus negocios em

mau estado, estejam sempre a ponto de resoluções desesperadas, e que, fosse qual fosse a circumstancia, se offereceriam para governar os hespanhoes, até com abatimento consideravel na lista civil: mas o Bandeira quando quiz um redactor, não lhe appareceu ninguem, nem mais caro, nem mais barato; e o Agapito separou-se e creou em Lisboa um jornal da mesma indole do ***Braz Tizana***, que elle collaborára.

Qual fôra o segredo do ***Braz Tizana?***

A pilheria, algumas vezes a bisbilhotice, mas emfim a alegria das suas cartas, que eram nem mais nem menos do que os erros da opinião publica, a qual principiou por esse tempo a formar-se, e que, comquanto não tenha conquistado nenhum direito e continue a viver pela tolerancia, já exerce hoje uma acção extraordinaria, porque não só o governo lhe não tem refreado o impeto, mas como que se tem comprazido em a deixar crescer, na idéa de ser uma força mais a ajudal-o, não deixando elle por isso de estar sempre no caso de a conter e de a dirigir. O peor é que não só a não dirigiu nunca, mas chegou a estar sendo dirigido por ella.

Escusado é dizermos que, se ha coisa respeitavel, é a opinião publica, e que a intervenção activa d'ella nos negocios politicos é um dos progressos d'este seculo; mas o que é necessario é que ella seja esclarecida e expe-

riente, e isso, infelizmente, é o que ella entre nós não tem chegado a ser.

José de Sousa Bandeira quiz, até o ultimo periodo de sua longa vida, reagir contra a hypocrisia com que as coisas eram julgadas; dizia elle que as palavras são como o vidro, e que escurecem tudo que não ajudarem a ver melhor. Moralista faceto, nunca deixou fugir-lhe o genio para a mysantropia e exercitou constantemente o lapis ironico na politica, á excepção de pequenas excursões fóra d'esse circulo que traçára a si proprio. Via as coisas como são, e castigava-as rindo; foi elle que disse, de uma occasião, ao grande Castilho, a proposito do seu *Methodo de leitura repentína*, que o melhor seria não teimar com aquillo, e que nunca os governos poderiam ver n'issso vantagem de nenhuma especie, *porque se toda a gente soubesse ler, sería impossivel governar*. Cito este dito, porque me persuado que dá a nota da caustica graça d'elle.

Não foi bem um escriptor, no sentido elevado d'esta palavra, teve convicções e não hesitou nunca deante da temeridade de dizer o que sentia: *Credidi, propter quod locutus; tive crenças, e por isso fallei.* A liberdade foi a paixão d'esse homem; não a poetisou, mas foi-lhe fiel.

O serviço de *novidades* especial áquelle periodico, não só bem retribuido, mas dirigido por elle como chefe experimentado, e verificado por sua filha como sub-

chefe intelligente, levava á redacção um contingente de noticias de toda a especie, que eram logo examinadas, encontrando unicamente logar nas columnas do jornal aquellas cuja veracidade estivesse bem provada. Foi exactamente então que principiou a observar-se por gosto a moda de annunciar á Europa que a menina tal, filha de fulano, esteve em vesperas de se casar com sicrano; que a baroneza * já, havia dias, se encontrava no seu estado interessante; e que o juiz * soffria cada vez mais de hemorroidal: communicações domesticas, que poderiam fazer-se em pleno escriptorio, mediante a intervenção não dissimulada de especies sonantes, se não fosse a compadrice e as complacencias bonacheironas, que sempre em Portugal, mais ou menos, teem reinado na imprensa, estabelecerem a maior facilidade em poderem levar-se de graça ao conhecimento do publico os pormenores interessantes de taes casos.

Fez prodigios, movido pelo amor á liberdade; o *Azemel*, jornal fundado por elle em Guimarães, em 1823, o *Artilheiro*, o *Periodico dos pobres do Porto*, e finalmente o *Braz Tizana*, foram o terror dos reaccionarios, sem outro segredo de combate que não fosse o atacar pela mordacidade e pelo chiste, atacar rindo, com critica acerba e irresistivel; a graça foi a sua arma, e soube ganhar-lhe honras e glorias, até as da perseguição, que o atirou para as cadeias da Relação do Porto.

O *Artilheiro* teve artigos notaveis de pilheria, a *Confissão da imprensa livre portugueza*, por exemplo, o *Passeio da mãe e da filha*, que eram a Constituição de 20 e a de 26, a *Conversa na taberna*, entre o chefe de ladrões e o aprendiz. Entretanto, todos esses artigos tinham de morrer sem quasi deixarem memoria de si, por serem escriptos sem cuidado litterario, sem a attenção e o esmero que unicamente podem conservar, pelo estylo, os improvisos folhetinisticos; destinados, a não ser isso, a entreterem unicamente durante vinte e quatro horas, e a não viverem mais do que ellas.

Ao receber no Porto uma carta de Bandeira, em que me dizia amavelmente que desejava ver-me; que estava doente e velho, por isso não sahia de casa; e que eu lhe daria gosto, visitando-o: não me demorei em o fazer senão o tempo de pôr o chapeu e ir para a rua.

Ao entrar em sua casa, vi um velho sentado a uma grande mesa de trabalho e uma menina a seu lado.

O velho era Bandeira; branco, tropego, querendo levantar-se para me receber, e contentissimo de que eu fosse ao encontro d'essa amabilidade e lhe poupasse o incommodo de se pôr em pé.

A menina era sua filha, D. Maria da Gloria Bandeira, de quem no Porto se fallava muito como pianista; que, pouco tempo depois, casou com Theotonio Patricio Alvares, e, pouco tempo depois de casar, morreu. Era essa

menina quem fazia ultimamente quasi o jornal inteiro. Ao vel-a junto de seu pae lendo-lhe as noticias dos jornaes de Lisboa que acabavam de chegar-lhe pelo correio, lembrou-me a casa de Alexandre Magno de Castilho, o fundador e compilador do *Almanach de lembranças para Portugal e Brasil.* Da unica vez que tive o gosto de o ver no escriptorio, encontrei-o com centos de jornaes deante de si, e sua filha com uma grande thesoura na mão:

— Estamos a fazer o almanach! — disse-me elle.

Marcavam á margem da folha, durante o anno, todos os jornaes em que encontravam noticia que lhes agradasse; depois, no tempo competente, iam-se áquella tarefa, e, melhor do que a tia do Nicolau Tolentino armou ao sobrinho de uma saia um fraque, engendravam, d'aquelles papeis cortados, o mais curioso e entretido almanach, e uma das empresas mais lucrativas do tempo.

— Venha cá — disse-me Bandeira — o folhetim de vinte annos abraçar o folhetim de sessenta e dois!

Ri muito com elle. Tinha immensa graça. Contava bem, e tinha muito para contar. Devorado pela doença e pela edade, triumphava a cada momento da edade e da doença. Que de coisas havia passado! Estivera immenso tempo preso na torre de S. Julião; chegára a dar as voltas á roda da forca: era casado pela quarta vez... Celebre homem!

O seu maior prazer áquelle tempo era conversar e fumar. Uma vez feito o jornal, appareciam pelo dia adeante uns amigos, que, em tendo caso, raridade, anecdota, corriam a offerecer-lhe o recreio de a ouvir. Elle ria, ria, e ficava de bom humor para muitas horas. Era coisa para se ver! Chegava um, dava os bons dias á familia, apertava-lhe a mão a elle, que o olhava desde que o visse entrar, com a avidez de um sequioso e a severidade de um juiz; depois, em seguida...

— Esta é lá dos meus sitios...

— Ha de ser boa. As da Beira são sempre boas. Conta...

N'aquelle momento chegava outro amigo, e, tirando a vez ao primeiro:

— Ó Bandeira, queres saber o que me contaram? O motivo porque a prima dos Manços deu em tonta...

— Por ser da familia?— retrocava o Braz Tizana a rir.

— Não. Por outra coisa, que se soube agora. Ainda por aqui não consta. Anda abafado isto... Coitada! Conheci-a pequena. Bonita! E, olha tu, se o mundo lhe tivesse sido indulgente, poderia haver sahido d'alli uma joia! Mas o mundo é bruto, tolo, e mau: tenho pena por elle, mas deve-se-lhe esta justiça.

— Sim! Deve-se-lhe essa justiça!

— Fel-a gastar o melhor tempo da vida a preparar-se para ser feliz e a merecel-o, e faltou-lhe a tudo; cui-

dava a pobre creatura que ser bonita seja o mesmo que pôr o amor no seguro. Espera por isso! Veio a conhecer com o tempo que as bonitas são principalmente destinadas... a que a gente as deixe para nos irmos ás feias!

— Está claro!

— Nós admiramos muito, sim, admiramos sinceramente uma senhora que seja prendada, mas as estupidas são as que nos captivam... Estou em te dizer, José, que até, por uma lei absurda, tem-se grande estimação pelas que são sérias e modestas... e gosta-se das outras.

— Cala-te. As paredes teem ouvidos...

— Quando a prima dos Manços chegou a perceber tudo isto, ia já a deixar atraz de si a mocidade, e estava furiosa, estava o que o povo diz, damnada! Mordia-se com a idéa de haver sempre aspirado sem obter; de lhe haver fugido tudo, quanto julgasse ter seguro! O espelho principiava a entristecel-a ainda mais: e a sua pouca felicidade a dar razão ao espelho. Já ia para saltar o barranco que em todos os tempos os moralistas teem desenhado com uma certeza de geographos: ia dar-se toda á devoção... N'isto, como tivera uma herança, appareceu-lhe noivo: casou. O marido tinha olhinhos piscos; pretenções a importante; dava-se ares de ter idéas altas, mas via-se logo... que eram baixas; largas, poderia ser, mas baixotas!

Viveram antes mal que bem. Não porque elle fosse um monstro, era um semsaborão presumido e ajudado não pela sorte, mas pelas protecções, que são uma especie de sorte que se arranja cá por baixo. Ás vezes chegava a parecer um menos mau figurão, entre interesseiro e sincero : mas se as coisas que dizia lhe vinham do coração, não é menos verdade que lhe sahiam pelo nariz: era fanhoso. O peor dos crimes!

Foi-lhe ella a pouco e pouco tomando tal quisilia que o seu gosto seria esganal-o. Mas, não se esgana assim! Continha-se, e ia-lhe fazendo presente em especial, do odio que tinha ao mundo todo. Chegado o dia em que o marido se sentiu em artigos de morte, como ella o fazia de fel e vinagre nos ultimos tempos, não quiz elle morrer sem lhe pregar uma peça, e jurou-lhe que voltaria cá todas as noites para a apoquentar.

— «Para me apoquentares ! ?» — exclamou a rapariga.

— «Sim ! Para te apoquentar!...»

Isto, que parecia nada, inquietou-a muito ; inquietou-a ao ponto de querer tomar precauções.

Foi-se a elle depois de morto, e pregou-lhe um prego na cabeça e outro nos pés, para ficar bem preso ao caixão e não se poder d'alli mecher.

Nunca o marido — esse é que é o caso — nunca lhe appareceu. Ella ia passeando a sua elegante viuvez,

e, apesar de ir para velha, como estava rica, os caçadores de dotes faziam-lhe muito a côrte. Ella ria-se. Haverá mez e meio, contou muito contente a duas amigas a esperteza que tivera; as amigas foram dizer tudo á familia, e um dos parentes obrigou-a a ir despregar o corpo do marido.

D'ahi lhe vem o nervoso, agora. Desde que tal fez, treme de medo que o marido se lhe apresente... Tem horas de loucura, e, nos intervallos lucidos, estremece á idéa de morrer de algum ataque mais forte... e ir encontrar-se com o marido...

— Diacho! — ponderava o Bandeira. — Por causa de Cupido mil transtornos; uns roubam, outros matam, outros suicidam-se, alguns — até se casam! Lembrar-me eu que já perpetrei esse acto quatro vezes sem me pregarem!...

Quando se lhe fallava do correspondente do seu jornal em Lisboa, respondia tranquillamente:

— Ah! O Agapito?! Magnifico. Conhece todas as senhoras, entende de *toilettes* de damas, e anda em dia com os bailes. Não sei quem elle seja.

— O Agapito?

— Nunca o vi. Não o conheço.

— E' boa! Mas, ao menos, por cartas...

— Tenho cartas de um homem que me diz que mande eu dinheiro, que elle mandará artigos. Mando-lhe di-

nheiro, e elle, effectivamente, manda os artigos. Já ha muitos mezes que offerece dizer-me o seu nome verdadeiro, e vir ao Porto apertar-me a mão, a não se dar o caso de ir eu a Lisboa apertar-lhe a mão a elle...

— E então?

— E então, respondo-lhe sempre que o melhor é não vir elle ao Porto, não ir eu a Lisboa, não nos apertarmos a mão, e ficarmos sempre n'isto de nos não conhecermos, para elle não ter o trabalho de desafivelar a mascara. Oxalá ninguem houvesse jamais sabido que o *Braz Tizana* fosse este seu venerador José de Sousa Bandeira. Para que quero eu saber quem seja o *Agapito?* Nada chega ao mysterio. Ó sigillo!... Se muitos homens preferem as amantes ás mulheres legitimas, não sabes porque é?

— Não sei.

— E' porque as conhecem menos, e ellas os conhecem menos a elles!...

Ás noites, porque já não jogasse, e não podesse supportar o calor: em se reunindo muita gente nas suas salas, deixava as visitas entregues ás delicias da musica e da conversação, e ia sentar-se na escada.

Na escada!

Era o seu forte. Alli fumava, aproveitando as primeiras novidades dos convidados á proporção que chegavam, e que, antes de entrarem na sala, eram obrigados

na escada a dizer-lhe o que houvesse por esse mundo, obrigando-os ás vezes a sentarem-se a seu lado nos degraus, e alli ficarem, narrando e discutindo... Houve tal que, tendo chegado ás nove horas, se conservou na escada, conversando, até á meia noite. Á meia noite, porque toda a gente fosse já a retirar-se, e o convidado entendesse serem horas de fazer o mesmo, despedia-se de Bandeira:

— Adeus, sr. Bandeira. Obrigado. Já estão na sala a apagar as luzes. Oiça, parece-me que seria, ao menos, do meu dever, entrar um instante, para cumprimentar as senhoras...

— Não...

— Póde a familia de V. Ex.ª extranhar, e com razãos que eu não passasse d'aqui, e não fosse, ao menos, dar-lhe as boas noites...

— Não tem duvida. Adeus, meu amigo! Ora, muito me contou! No sabbado proximo não disponha de si, hein? Tambem cá temos annos...

— Hoje eram annos?!

— Eram, sim. Isso é a mesma coisa. Adeus. Vá o meu amigo para sua casa... Boa noite e obrigado!

Tal era o Braz Tizana em 1860.

Estão decerto admirados de que, tratando do Porto d'essa épocha, e referindo-me aos escriptores notavei, de então, não tenha citado já os nomes de Camillo Cas-

tello Branco e de Ramalho Ortigão. Eu lhes digo: de Camillo e das primeiras relações que tivemos, quando a elle me dirigi para a publicação da *Estrella d'Alva*, fallei no primeiro volume d'esta obra; no tempo, porém, de que estamos agora tratando, o grande romancista estava n'um periodo de silencio: os seus romances eram muito lidos, é claro,—tem sido em Portugal o escriptor moderno cujas obras teem encontrado mais constante estimação no mercado; mas, lá dizia o outro, como se fallasse de um dia ou de uma semana: — «Ha annos em que um homem não se sente disposto para fazer nada!» — ; um sentimento de curiosidade, talvez, fizera com que elle cortasse a actividade permanente da sua vida por um anno de preguiça; ainda assim da preguiça excepcional d'esse anno de *«amaro» far niente* veio elle mais tarde a compôr dois volumes de *Memorias*.

Pelo que respeita a Ramalho Ortigão, Ramalho não tinha n'esse tempo ainda popularidade. Os mais cultos no Porto conheciam esse mancebo e apreciavam a agudeza do seu espirito; mas não possuia ainda a notoriedade e a voga que só depois de estar em Lisboa verdadeiramente alcançou.

Já nos conheciamos. N'uma noite, em que eu estava á porta do theatro do Salitre, Diogo de Macedo, nosso commum amigo, a quem ha poucos mezes este mesmo Ramalho consagrou um excellente artigo n'um jornal do

Rio de Janeiro, que tem a fortuna de o ter por folhetinista, appareceu alli em companhia de um mocetão, vestido com certa originalidade que lhe ganhava a vantagem de alguma. burguezinha que passasse voltar a cabeça para o ver segunda vez. Não era porque o casaco fosse encarnado, ou porque elle estivesse embuçado n'alguma capa de casimira branca; é até possivel que não houvesse raridade no seu traje, que era das fazendas de riscado de que se usam fatos completos; mas, um bonnet amplo, levantado, felpudo, petulante, escandaloso para a calçada do Salitre, em tempos que não deixavam presentir a avenida, e em sitios por onde não dou noticia — eu, que móro alli ha muitos annos — de haver voltado a passar um bonnet assim! — fez com que eu proprio contivesse difficilmente a minha curiosidade, e ficasse satisfeitissimo no momento em que o Diogo, com o ar nobre e franco que o caracterisava, nos apresentou um ao outro, e em que lhe ouvi dizer:

— O sr. Ramalho Ortigão.

Aquella coisita a que se chama boa educação pareceu-me ser desde logo um dos dotes que possuia esse moço. O resto estava em harmonia com isso.

Cuidei em parte pelo seu modo, em parte pelo seu bonnet, que elle andasse estudando em Paris e se achasse aqui de saltada; mas não; Ramalho, n'esse tempo, não só não havia visto a França, a não ser nas cartas geo-

graphicas, mas talvez nem pensasse que houvesse de visital-a um dia.

Estou a contar-lhes a maneira porque fiz conhecimento com elle, por me parecer curioso tornar bem apreciavel — aos que só d'elle tiverem conhecimento pelos seus livros e artigos, em que o sentir francez domina a ponto de julgar muita gente que depois de estar em Paris é que elle se habituou áquelle ambiente, — que, na indole, nas maneiras, na feição do etylo e na do fato, Ramalho Ortigão era, já em 1860, exactamente o que é hoje.

Nem o tempo nem as exigencias acanhadas e caturras da sociedade em que vive conseguiram nunca transformal-o.

Foi logo pouco tempo depois que elle principiou a esboçar, com a sua penna picante e garrida, nas folhas portuenses, os typos e costumes da nossa terra, conferindo-os já com os de outros paizes, que só conhecia então pela leitura dos livros e pelo dote que tem o talento de adivinhar tanta coisa.

Ramalho Ortigão tem phisionomia e não a perde nunca. Fomos de uma vez á horta da Rabicha: elle, Anthero do Quental, Jayme Batalha Reis, Alberto de Queiroz, João Burnay, Oliveira Martins...

O nome de Oliveira Martins é hoje conhecido no paiz; áquelle tempo não póde dizer-se que o fosse: ha-

via produzido apenas um livro sobre Camões e a sua obra em relação á sociedade portugueza e ao movimento da renascença, editado no Porto, com o titulo de *Camões e os Lusiadas.*

O publico não conhecia nem o passado d'esse escriptor nem o seu genero de estudos, nem a originalidade do seu methodo. Em vez de viver na intimidade dos livros de litteratura amena, que andam mais em uso, e se encontram por ahi em todas as estantes e livrarias, entregára-se sempre esse moço ás obras severas dos pensadores, estudando-as em boa ordem, annotando-as, nunca as deixando meio exploradas, e adquirindo grande abundancia de conhecimentos. Talento reflexivo, philosophico, averiguador. Coisa singular: tão dissimilhantes como eram as nossas predilecções litterarias, entretinhamo-nos muito conversando de letras.

Sabia o Proudhon na ponta da lingua, e entrava pelos philosophos e politicos d'essa familia; mas, de vez em quando apparecia, de manhã, em minha casa, e nunca encontrei espirito que melhor sentisse o folhetim do que elle. Sempre guardei lembrança d'isso, e, como pódem calcular, a minha estimação por elle tornou-se mais affectuosa. É um philosopho e ao mesmo tempo um artista, Oliveira Martins; tem grande e alto raciocinio, e ao mesmo tempo sensibilidade de poeta. Com que amor elle estudou os *Lusiadas*, e a vida

aventurosa, romantica, heroica, do Camões, lucta do talento contra a riqueza e a tolice!

Mas, emfim, n'aquella tarde da Rabicha, sinceramente se lhe figurou que, epico por epico, não ficasse a dever nada ao outro quem compozesse uma caldeirada em seis cantos — que tantos eram os que iam saudar, cantando-a ás auras e aos Arcos das Aguas Livres — a canto, por talher! — essa obra que emprehendi.

João Burnay havia mandado conduzir para alli, não sei se n'uma padiola se n'um omnibus, um *roast-beef*.

Pela minha parte, para não deixar na sombra esse clarão de meu engenho, cumpre-me dizer-lhes que havia tomado perante Deus, elles, a Rabicha, e a minha consciencia, o encargo glorioso de confeccionar lá mesmo a caldeirada das caldeiradas.

O ponto de reunião era na rua da Piedade, á Praça das Flores, — onde morava então Anthero do Quental. Alli nos juntámos n'um dia de verão esplendido, e partiu a caravana ao meio dia. Estava um sol de rachar. Poucos passos adeante ia resolver-se mandar buscar seges, mas ouviu-se uma voz sahir de um kiosque apostrophando-nos:

— Quê! Seges?! Qual diabo! Vamos a pé!

Era Ramalho Ortigão, que assim exprimia as suas convicções por baixo de um panamá; mas um pa-

namá, façam-me favor! digno emulo d'aquella couve heroica, que de uma vez deu sombra ao exercito de Napoleão! Encontrámos a guarda, — parou o official, pasmado, e os soldados iam cahindo de pasmo...

Na Rabicha a impressão foi profunda. Ramalho, alegre, risonho, ousado, explicou ao dono da fazenda, homenzarrão intrepido e de alta e antiga fama de valente com os homens e terno com o femeaço, pimpão reformado, a quem uma bala levára o braço direito, que, apesar de maneta, tinha *a linha*. Ao principio aquelle homem não percebeu bem isto; mas, quando de lá sahimos, ás oito horas, havendo alli chegado ás quatro, já elle proprio, maneta, explicava ás criadas da horta, qual d'ellas tinha *a linha*, e qual d'ellas não tinha *a linha*.

Anthero do Quental, que já chegára aos annos, não por certo do retiro e do silencio, mas da meditação severa, horas da madureza melancholica em que um homem, ao fazer a comparação do caminho que já andou com o que tem para andar, cuida avistar o segundo mais curto que o primeiro, parecia outro n'esse dia, tão juvenil e espontaneo era o contentamento em que estava.

Oliveira Martins, vivamente sensibilisado pelos resultados obtidos, esteve a ponto de chorar de gosto ao ver a graça com que Ramalho ajudava a criada

de Bournay — visto como Bournay mandára ir, além do *roast-beef*, uma criada franceza, ou á franceza pelo menos, isto é, de touquinha branca, saia curta e o avental de algibeirinhas consagrado pelas melhores *vinhetas* do Bertall — a pôr a mesa. Elle ia á quinta colher as flores mais variadas, elle as enfeixava em bem armado ramilhete, elle estabelecia os desenhos mais interessantes, mercê da disposição gentilmente matizada d'ellas; depois, vendo-me deante do grande tacho destinado á ceremonia solemne da caldeirada, perguntou-me tremulo de ternura:

— Já estás refugando, Julio?

Eu não dizia nada. Mas Jayme Batalha Reis, que, durante aquelle acto, não tirava os olhos de mim, respondia com commoção:

— Já; já está a refugar!

— Quantas cebolas, Julio? — perguntava Ramalho.

— Vinte e uma! — dizia Jayme.

— Vinte e uma!

— Cebolas verdes, em quartos!...

— *Est-ce possible?!* — exclamava a criada franceza, ou *á franceza*, consultando Ramalho Ortigão com o olhar.

— *Je m'égare!...* — retrucava Ramalho. — E, (voltando-se para mim) que mais lhe deitaste?...

Eu não dizia nada.

Alberto de Queiroz, debruçando-se brandamente, propunha-se metter o nariz no tacho. A tanto póde a sêde do saber, e quiçá uma juvenil ambição, acredora de estima, conduzir a mocidade!

Alberto de Queiroz era então um adolescente. Entrava na vida curioso de conhecer as luctas e difficuldades, ousadias e revezes do destino dos escriptores e dos artistas. Dotado de uma percepção rara, e de uma avidez de estudar que ninguem combinaria facilmente com os ares de dandysmo com que elle passeava ao sol ou á chuva o seu janotismo, os que o viam, sem o conhecerem bem, consideravam apenas n'elle um rapazinho rendido a dois coquetismos, o coquetismo da elegancia e o das letras, na idéa de que elle não quizesse d'ellas senão o que essas santas comadres offereçam de commodidade momentanea á existencia de um rapaz, — a saber, os bilhetes de entrada nos theatros, os convites para bailes, para regatas, para as inaugurações de linhas ferreas; e para as varias festas em que a vaidade ou a especulação do mundo, no habito em que estão de viverem colladas á publicidade dos reclamos, como a santola ao costado dos navios, recorrem aos que tiverem uma columna de jornal á disposição da patacoada humana.

Mas não. Levava-o para as letras o amor sincero que lhes tinha; ficava contente do seu dia, quando um trabalho de outrem lhe dava ao espirito a doce sa-

tisfação de apreciar; e, prova não só da aptidão das suas faculdades, mas da generosidade do seu coração, tudo era como que desempenhar-se de um empenho que houvesse contrahido comsigo mesmo de não se limitar á estimação silenciosa, e tirar, da comprehensão brilhante e facil de que a natureza o prendára, a consolação mais util e benefica para os que trabalham, qual a de não se limitar a aprecial-os de si para si, mas abrindo a janella que dá para a rua, por assim dizer explical-os ao publico, convidal-o a prestar a sua attenção ás producções d'elles; e, mercê do talento e da generosidade de animo, empregar em os fazer sobresahir, em lhes dar luz, a diligencia que os egoistas e os mediocres tanto applicam e de tão boa gana a pôr os outros na sombra.

— Que mais lhe deitaste? — tornava o Ramalho a perguntar.

Jayme Batalha Reis, que, a titulo de eu o conhecer desde pequeno, e haver sido um dos primeiros a maravilhar-me da rara lucidez do seu espirito, merecera da minha benevolencia o têl-o ao meu lado, recitou n'estes termos:

— Salsa, pimenta, sal, cabeça de safio e de eirós, coloráo, caril! tudo ás voltas, na fritura do refugado, um pouco antes de se lhe atirar com dezoito tomates grandes! em pedaços! tres colheres de vinagre, oito de azeite! lulas e ostras, além de peixe de sete qualida-

des! ruivo, tainha, chocos, safio, eiroz, peixe-gallo, xarroco!...

Porque os convivas, ao ouvirem isto, estivessem a ponto de se torcerem e retorcerem todos de commoção, em gentis ataques nervosos motivados pelas sensações d'este dia, resolveu-se, como medida de prudencia, emprehender um passeiosinho de distracção, para não estarem alli concentrando por mais tempo uma attenção illimitada no tacho, em que tantos e tão extraordinarios acontecimentos se estavam passando.

Assim foram pela quinta adeante até á estrada de Campolide.

Andavam trabalhadores a arranjar a estrada.

— Vossemecês são das Obras Publicas? — perguntou-lhes Ramalho.

— Sim, senhores! — respondeu um d'elles, que se achava a contas com uma pedrinha, procurando com arte o melhor modo de a encravar no chão...

Elle chamou os companheiros e entretiveram-se a contemplar aquelle espectaculo.

— É curioso! — ponderou.

Qual fosse o fim do trabalhador ao pegar n'aquella pedrinha, bem o comprehendiam elles; porém, com que habilidade elle se desempenhava de tal missão!

Piscava um olho...

Piscava o outro...

Mirava a pedrinha d'aqui, mirava-a d'alli...

Punha-a ao direito...

Olhava para ella bem, — e punha-a atravessada...

Apalpava-a...

Assoprava-a...

Espreitava-a e admirava-a, como faz um ourives a uma pedra preciosa, que se lhe figure de boa agua e com grande vida...

Depois, com geitos de observação que fariam honra a um mathematico, encanastrava-a em cima de outras, como quem está a fazer a caminha para uma creança, devagarinho, com extremos de quem sabe amar maternalmente, porque assim digamos...

Ramalho, tirando da algibeira do peito o seu lenço de assoar finissimo, dirigiu-se áquelle trabalhador das Obras Publicas, pediu-lhe para que o attendesse, conferenciou com elle mysteriosamente; depois, voltando-se para os companheiros:

— Segurae nas pontas d'este lenço!

Todos seguraram o lenço pegando-lhe pelas pontas, de fórma que não deixassem cair o que elle continha, e assim voltaram em procissão até á Rabicha.

A caldeirada estava prompta.

Eu passeava agitado.

Aquelles instantes pareciam-me de um comprimento excessivo...

Tinha a imaginação sobrexcitada por idéas de gloria...

Haveria querido n'aquelle momento ter alli á mão algumas paginas de leitura austera que me puzessem em afinação de modestia...

Mas, não se poderia arranjar isso n'aquelles sitios.

Puz-me a meditar as palavras do *Ecclesiasta*: Vaidade das vaidades...

Nada me acalmava.

Parava machinalmente deante do tanque, via-me na agua e comprimentava-me a mim proprio, como elle, esperava eu, teriam de comprimentar-me pela caldeirada...

Oh!

Essa idéa fazia-me empallidecer...

Ouvi-lhes as vozes.

De cabeça erguida e attitude altiva esperei-os, firme.

— Está prompta a caldeirada! — bradei.

E o echo dos arcos das Aguas Livres repetiu:

— Caldeirada!...

Jayme Batalha Reis dirigiu-me a palavra:

— Que dirias de Socrates, se além de philosopho, fosse industrial?

Eu ia dizer...

Anthero do Quental deu um passo á frente:

— Que dirias de Napoleão, se, além de guerreiro fosse pianista insigne?

Eu já, por um triz, ia a fallar...

Oliveira Martins, pondo-me a mão no hombro, contemplando-me longamente:

— Que dirias de Thomaz de Carvalho, se, além de tudo que sabemos d'elle, fosse tambem capitão de navios?

Já a resposta me ia pela lingua adeante...

— Que diremos de ti, querido amigo, — proferiu Ramalho commovido — que, além das occupações do teu officio, te propões ser o que ha mais sublime entre as diversas especies do saber humano,— cosinheiro! A tua dedicação á humanidade é sem limites; o teu amor ao trabalho é digno do espirito scientifico de um grande seculo... Aqui te trazemos um presente! Tens ouvido fallar no suor do povo?

— Muitas vezes.

— É uma curiosidade rara, mas encontra-se. Pedimos um pinguinho d'isso a um trabalhador das obras publicas, que anda alli adeante na estrada, e eil-o aqui... Entendemos que aquelle pinguito de suor do povo podia, mercê de que a raridade augmente o valor ás coisas, constituir o mais glorioso baptismo de um cosinheiro voluntario...

E, soluçando de jubiloso enternecimento:

— Para a mesa, amigos!

— Para a mesa!...

A caldeirada, — não digo isto ao leitor, por eu agora estar presente, — ficou pyramidal, como dizem os hespanhoes. A criada do Bournay, tomando-me devéras por um cosinheiro inspirado; queria casar commigo; teve o amo immenso trabalho a recusar-lhe a minha mão.

Emquanto ao Ramalho, Deus me perdôe, saudou a caldeirada terminando emblematicamente pela ceremonia de rapar o tacho — com tanto enthusiasmo, me disse, como o que testemunhára no Porto á Ristori, — por quem eu lhe perguntára, tão depressa elle uma manhã me deu o gosto de o ver no famoso primeiro andar do Nicolau de Brito.

— Tem acompanhado sempre as representações da Ristori, o sr. Ramalho?

Era este o tratamento ceremonioso que então tinhamos.

Elle respondeu-me, que, se não estivesse casado, faria mais do que acompanhar as representações da Ristori no Porto, iria acompanhar a Ristori nas suas representações n'outras terras...

E discorreu a respeito d'ella com o enthusiasmo exuberante a que se entrega quando admira. Sabia tudo da carreira e destinos d'ella, e logo para alli discorreu de como os proprios francezes a queriam para si, a titulo de ser na França que essa mulher, que nascera na Italia e na Italia balbuciára o alphabeto tragico, fôra acclamada

consagrada; e que apparecera em Paris, pouco tempo antes, pela primeira vez, em 1855, no anno da primeira exposição; que a Rachel pedira, á Ristori, que fosse ao theatro n'uma dada noite vêl-a representar, dizendo-lhe galantemente a phrase sabida dos artistas: — «Esta noite representarei para si.» — não custando effectivamente a crer que fosse essa a sua intenção, e que a grande tragica da França se propuzesse mostrar á italiana o que vinha a ser isso de Rachel: mas que já estava doente,— e n'aquella noite, ou porque o tempo a peorasse, ou porque estivesse, como nós dizemos, nervosa, o caso é que lhe haviam faltado as forças, e que o publico estivera frio durante a representação... Que, segundo corria fama, á sahida d'essa récita, a Ristori dissera: — « Quanto é feliz, esta Rachel, em fallar aos francezes a lingua que elles entendem! » e se déra desde logo a aprender bem francez, fazendo-se-lhe de proposito uma peça para ella representar n'esta lingua. Que a peça era uma semsaboria pretenciosa, uma massada litteraria e grave, *Beatriz ou a Madona da Arte* (que se deu em Lisboa no theatro de D. Maria II, traduzida pelo auctor do *Cura d'almas*, Ricardo Cordeiro, e representada por Emilia das Neves); que a Ristori, tendo aliás grande estimação pelo auctor da *Beatriz*, Legouvé, e fallando sempre d'elle com a seriedade digna e nobre que respirava em tudo que esta grande mulher dissesse, — por-

que nunca houve, n'este mundo, quem fosse mais elegantemente senhora do que ella, que não parecia artista com ares de fidalga, porem sim uma rainha, não podia deixar de se rir, em se lembrando de certa cantiga que os estudantes lhe haviam feito na musica do Lariflà:

Madame Ristori
a vraiment le tort i
mmense d'avoir un gout vé
hément pour Legouvé!

Ditas estas e outras cousas fumámos um charuto, e estavamos a ponto de combinar uma rica funcção, quando Nicolau abriu a porta, e, tétrico, exclamou:

—Sem appelação?

—Sem appelação! respondi. Bem o vês; ha quasi mez e meio!

—N'esse caso, meu amigo, deixas ámanhã o Porto; o *Lusitania* sae hoje de Lisboa, e gasta treze horas!

Assim foi. Na tarde do dia immediato o *Lusitania* fez exactamente como se tivesse ido de proposito buscar-me, e viemos por ahi fóra, sulcando as aguas até o Tejo meu amado.

Por que fui eu, logo que voltei a Lisboa, n'uma manhã d'esse fim do outono, á rua do Ferregial, e, batendo á porta de um primeiro andar, perguntar se morava alli o sr. Monet, ou Monnet,—elle era capaz de ter dois *nn*—?

Pertencêra esse Monnet á companhia de dança de Saint-Léon, o incomparavel Saint-Léon, choreographo, bailarino, violinista, um dos talentos mais graciosos, mais finos, e mais maleaveis d'este seculo. Era o mimico da companhia.

Comquanto as danças de Saint-Leon, o *Saltarello*, o *Duende do valle*, as *Flores animadas*, *Trilby ou a rebeca do diabo*, *Paquerête*, o *Pastor Aristéo e as abelhas*, primassem e se fizessem valer sobretudo pelos passos da Fleury, da Lisereux, da Palmyra, do Saint-Léon, e do

Gredeloue—que oito annos mais tarde veiu a Lisboa na empreza de Valdez, Cossoul, e Lima, já na qualidade de compositor, em companhia da loira e gentil Mérante, com quem casou,—ainda assim a mimica era, n'essas danças, o fio indispensavel para atar, ligando-as entre si no seguimento de uma dada acção, as scenas destinadas a fazerem brilhar os saltos do Saint-Léon, saltos inimitaveis, que elle justificava nas suas danças pelo enredo d'ellas, os saltos do cannavial por exemplo, no *Duende do valle*, ao luar—os passos brilhantes da Palmyra, o *tacté* da Lisereux, o *ballonné* da Fleury, e os grandes bailados do corpo de baile,—bailarinas francezas, quasi todas; alem de francezas, moças; alem de moças, bonitas; e, ainda alem de bonitas, discipulas de Saint-Léon, o que é dizer tudo: «segundas» e «*ratos*» da Opera de Paris, o que é dizer ainda mais que tudo!

Por cá ficaram muitas d'ellas, e não ficaram mal. Algumas casaram com gentishomens; passou uma a ser madame Gadanho, outra madame Thanberg.

Thanberg era, nem mais nem menos, do que visconde e coronel. Viveu em Lisboa muitos annos. Homem distincto e amavel. Foi, com o sr. Daupias, um dos fundadores do hotel Central; ao cabo de alguns annos passou a parte, que lhe tocava n'esse negocio, a Daupias, ficando com direito a um jantar permanente no hotel.

A este tempo estava já viuvo de sua segunda esposa,

a ex-primeira bailarina Palmyra, viscondessa de Thanberg.

Alem de viuvo, estava enfastiado. *Outros* diriam *apesar de* viuvo; na idéa de ser raro esse estado de espirito em circumstancias tão vantajosas... Mas, não brinquemos. Estava triste, enfastiado da vida, sinceramente caido n'um torpôr, n'uma atonia physica e moral desagradabilissima. De uma occasião Santanna e Vasconcellos, visconde das Nogueiras, amigo intimo e antigo d'elle, propoz-se distrail-o, com o fazer-lhe ganhar muito dinheiro. Como havia de ser? Havia de ser, por meio de um jornal, composto de tres homens.

Primeiro homem, elle Thanberg.

Segundo homem, elle Santanna.

Terceiro homem, eu.

Esse jornal teria artigos em francez e artigos em portuguez. Nós dois escreveriamos os artigos em portuguez. Thanberg escreveria os artigos em francez.

O formato deveria ser apparatoso e elegante: o papel teria de ser vellino: a typographia não poderia ser outra senão a Imprensa Nacional, ou a dos Irmãos Lallemant.

— E o dinheiro? perguntei eu.

— O jornal ha de dar muito dinheiro, disse Santanna. E' uma novidade em Portugal. Um jornal humoristico para a sociedade, exclusivamente para a sociedade...

— Mas o dinheiro para os primeiros numeros?

— *Ah! Voilá!* disse Thanberg.

— A imprensa que o adeante! disse Santanna.

Como eu estivesse, n'aquelle dia, propriamente o que se chama de feição, encarreguei-me de convidar os Lallemant para essa grande empreza.

Os irmãos Lallemant acceitaram o convite: terem uma parte na sociedade.

Ficámos sendo quatro socios: Santanna—Thanberg—François Lallemant — e eu. — Lallemant encarregar-se-hia das despezas e da administração; nós tres escreveriamos.

O jornal foi portuguez e francez até no titulo, chamou-se:

O TEJO

Journal le plus occidental de l'Europe

Editeur—François Lallemant

Thanberg redigiu um pequeno aviso, dando-nos de conselho que nunca esse aviso deixasse de ser publicado em todos os numeros: — *Une boite aux lettres est installée au siège de l'administration du journal, pour recevoir tous les articles—bons mots—épigrammes, etc., etc., qui désireraient se voir imprimés sous le controle de la rédaction. On sera très indulgent pour le style; mais inflexible sur le bon goût. Les manuscrits non insérés seront brulés* — »

E, magnanimamente, voltando-se para François Lallemant:

—Póde o meu amigo assignar isso!

Lallemant não quiz deixar de nos consultar pelo olhar e...

— Assigne o meu amigo isso! retorquio o visconde.

Santanna ponderou:

— Sim, porque não ha de elle assignar isso!?

— Está dito! accudiu François Lallemant. Assignarei...

E escreveu por baixo do artigo esta palavra, ainda dictada por Thanberg: «*L'éditeur — François Lallemant.*»

— Bravo! exclamou o visconde.

Foi o unico artigo que fez Thanberg; no primeiro mez, — esse aviso!

O jornal tinha um artigo politico, no logar consagrado pelo uso aos artigos de fundo; era escripto por Santanna, que parecia encantado do promettedor andamento da nossa fortuna.

Uma das condições do contracto, redigido com o maior escrupulo, era a de jantarmos juntos uma vez por semana. Emquanto o jornal não desse para esses festins, cada um de nós convidaria os outros, alternadamente. O dia do jantar será destinado a escrever o jornal.

Foi a unica condição seguida á risca.

Santanna chegava da Camara ás seis horas, Thanberg levantava-se da cama segundo o seu costume ás cinco; e, ás sete horas da noite, uma vez por semana, os dois irmãos Lallemant, os publicistas Thanberg e Santan-

na acima citados, e eu, achavamo-nos ora no hotel Central, ora no Matta — rua do Oiteiro.

Então, porque fosse um pouco tarde para fazer o jornal antes de jantar, jantavamos e fazia-se o jornal depois. Tudo que nos viesse á cabeça, punhamos para alli. Em seguida liamos uns aos outros, e achavamos-nos uma graça extraordinaria, que os irmãos Lallemant sinceramente nos confirmavam. Uma graça de virar gente, com o riso, de dentro para fóra! Historinhas, — um homem que de dois filhos gemeos não quizera reconhecer senão um; — commentarios aos acontecimentos; — questões de lingua, apurando as irregularidades flagrantes do pae idioma, e encontrando em qualquer coisa uma irregularidade pavorosa; conjugação do verbo *morrer*, por exemplo:

Eu dou á casca
Tu vaes para os anjinhos
Elle estica
Nós nos pirâmos
Vós daes á canella
Elles espicham

Ao mesmo tempo curiosidades instructivas: estatistica conjugal, esposas que fugiam aos maridos, maridos que deixavam suas mulheres por não as poderem aturar, casados que se haviam separado de commum accordo, casados, que, havendo principiado por quererem comer-se de beijos, acabavam por estarem arrependidos de não se

haverem comido, porém, por decencia, occultavam á sociedade esse sentimento; casados indifferentes entre si, casados que o mundo reputava felizes sendo infelicissimos, casados felizes a irmos comparal-os com outros desgraçados, casados verdadeiramente felizes...

D'estes ultimos, n'aquelle anno, — havia nove, pelas nossas contas.

Era um estudo, para as leitoras, delicadissimo e interessante!...

— O trabalho que isto nos deu! diziamos nós ao Matta. Mas está exacta a estatistica... Exactissima!

Elle olhava-nos com admiração, — o que não impediu que, ao fim do terceiro mez, Thanberg se sentisse cada vez mais fatigado da gloria e queixoso do mundo. Não perdera o sol um unico de seus raios, nem a primavera economisava mais flores que n'outro tempo: ao visconde é que lhe chegára a edade, que torna experiente o homem, porém lhe tira os raios e as flôres da imaginação. O jornal obrigava a grande despesa, e absorvia o producto das assignaturas: o meu Santanna e o seu Thanberg viram este estado de coisas com olhos de melancholia, Thanberg deu-se sinceramente por incapaz da paciencia, Santanna partiu para Cintra com a sua familia, e François Lallemant tendo de ir a Paris, onde não havía voltado, creio eu, desde que viera estabelecer-se em Portugal, disse-me sinceramente:

— Meu caro Machado, o meu amigo foi quem me convidou para esta empreza; procurei assignaturas dirigindo-me ás pessoas mais conspicuas, e recebi adeantado o importe do primeiro semestre...

— E o jornal ha de sahir, pelo menos, seis mezes; não é isto?

— E' exactamente isso!

Sahiu seis mezes, o jornal o *Tejo*. Os ultimos tres, fil-o eu sosinho, sem fallar sequer em tal assumpto ao Thanberg, excellente e amavel homem, mas que addiava tudo, por um amor tão entranhado ao prazer da quietação, que, de uma vez, dizendo-se-lhe haver morrido uma pessoa de sua amisade e accrescentando-se:

— Vossê de certo não deixa de ir ao enterro ámanhã?

— Ámanhã talvez não possa; mas irei depois de amanhã! respondeu elle com a maior sinceridade.

Tudo isto, porém, veiu a proposito de Monnet, e do Monnet é que se estava tratando. A minha pergunta era:

Para que havia eu ido uma manhã bater á porta de Monnet?

Pois já me lembro.

Fui lá bater para lhe dizer isto:

— Queridissimo sr. Monnet, está vendo em mim o seu discipulo mais respeitoso.

O Monnet abriu-me os seus braços.

— *Cher!*...

Depois abriu-me as minhas pernas: e, obrigando-me a deitar os pés para fóra, disse-me animadoramente:

— *Allez!*

Ensinou-me a dansar — Ensinou-me... Sim, digo bem, ensinou; eu é que não aprendi. O caso era da maior urgencia: tratava-se de ir a um baile do club — tinha seis dias deante de mim — e era-me indispensavel, eu considerava indispensavel, dansar com certa dama... O bravo Monnet chamou sua esposa e os seus dois meninos, para empreendermos alli uma bem travada contradansa, e eu, no emtanto, fui para a janella ver quem passava.

Passou um cavalheiro, — e ninguem mais tarde mereceu melhor para mim este titulo do que elle — José Maria Corrêa Seabra, administrador da *Revista Universal Lisbonense*, o qual, vendo-me á janella:

— Onde posso eu fallar-lhe? me perguntou. Tenho grande urgencia de fallar ao meu amigo! Grande urgencia... Ia agora mesmo informar-me da sua morada...

N'isto, vem de dentro o Monnet e diz-me contristado:

— Minha mulher tem que sair. Que transtorno! Tinhámos uma contradança: eu tocava rebeca, e ella, os pequenos, e o senhor dansavam. Isto são coisas, que por palavras não adeantam nada; é uma arte muito philosophica, a dansa, mas quer pratica. Falta-nos uma figura; não

podemos fazer nada sem ella. Fique isto para amanhã!

E o Seabra, da rua:

— Se não se demora muito a descer, espero-o aqui para lhe fallar!

— Suba, meu amigo! retorqui eu, inspirado. Suba e fallaremos!

— Ahi vem uma figura. Dá licença? E' um amigo meu. Não ha tempo a perder, tenho já cinco dias apenas deante de mim!...

— Sim, disse Monnet; o seu amigo que suba!

E, chamando os seus dois filhos, e pegando na rebeca, emquanto eu abria a porta ao Seabra:

— *A vos places!*... disse.

O Seabra vendo aquelle apparato choreographico, suppoz que viria incommodar-nos, e quiz abreviar quanto possivel a exposição do assumpto que tinha a expor-me.

— Só duas palavras, meu caro. Proponho-me ser editor de...

— Em que logar deverei collocar o meu amigo? perguntei ao Monnet.

— *C'est votre dame!* respondeu-me aquelle professor.

Logo coloquei o meu amigo Seabra á minha direita, visto como elle na contradança fosse figurar de senhora.

—Vá dizendo! acudi eu.

Elle proseguiu:

—Proponho-me ser editor de...

— *Attention* ! disse Monnet aos pequenos, que eram nossos *vis-à-vis*.

— Editor de...?

— Editei já as obras completas do padre Vieira, cinco volumes de sermões...

Monnet rompeu a primeira arcada na rebeca...

— Quatro de cartas, tres de obras ineditas...

— *Partez !* disse Monnet.

Os dois meninos, rompendo a primeira figura da contradança, vieram gentilmente fazer-nos a reverencia.

Seabra, sem dar por isso, continuava.

— Dois de obras varias, a *Arte de furtar*, a *Historia do futuro*, a *Vida do auctor* com retrato, vinte volumes ao todo...

Palavras não eram ditas, aqui lhe pego eu pela mão, e o vou levando commigo tres passos adeante e tres passos atraz, com o ar mais delicado...

— E agora quer...?

— Publicar um livro seu. Os folhetins da *Revolução de Setembro* teem tido fortuna : é a occasião de tentar um livro...

— *Traversez !* bradou Monnet.

Achámo-nos do outro lado.

Um dos meninos á voz de seu pae, que marcou :

— *Chevalier seul !*

adeantou-se até nós...

— E o que ha de ser esse livro?

— O que o amigo entender. Romance, divagações humoristicas, o que quizer, que não tenha mais de um volume, que alcance duzentas e cincoenta paginas, de que eu faça uma tiragem de mil exemplares, e ponha á venda por cinco tostões...

— *A votre tour!* disse Monnet.

Seabra pela primeira vez me pareceu estar surpreendido ao ver-me abandonal-o e ir desempenhar-me da figuração de *Chevalier seul* para com os dois meninos; voltando depois a segural-o pela mão, e, levando-o commigo e com um dos meninos, o qual, como o Seabra, representava uma dama, obedecermos todos tres á voz de Monnet, que prescrevia n'essa occasião com a maior gravidade:

— *En avant trois!*

— Mas...? balbuciou Seabra.

E eu, sem demora:

— Duzentas e cincoenta paginas, *oitavo*...?

— *Oitavo francez*, é bonito formato...

— Para estar prompto quando?

— Esse é o caso: cumpre trabalhar desde já, e entreter a imprensa á proporção que fôr escrevendo o livro...

Bravo! disse Monnet. *Recommençons!*

Tornámos a principiar.

Monnet veio tirar o chapeu ao Seabra. O Seabra pare-

cia, na sua distracção, não lh'o querer dar; tudo era segural-o, segural-o, recusando-lh'o.

— *Prenez le chapeau a votre ami!* exclamou emfim o professor, dirigindo-se-me com sentimento repreensivo de extranhar a descortezia com que eu tratava a minha dama.

— E quanto? disse-me o Seabra, continuando a segurar o chapeu.

— Fallaremos n'isso depois.

— Ha de ser já.

— Homem! Estou principiando carreira, faz-me conta fazer o livro, vossê m'o pagará como entender...

— Marque o preço!

— O que julgar de equidade...

— Bem sei que cem mil reis é pouco, mas quero fazer uma edição luxuosa, com retrato, e, se o livro agradar, ir-nos-hemos a outro e dobraremos a parada... Convem?

A rebeca de Monnet soltou de novo os sons intrepidos de uma quadrilha:

— *A vos places!* bradou elle outra vez, arrebanhando-nos...

— Convem? repetiu o Seabra, entregando-me, sem se sentir, a mão, que de novo lhe segurei.

— Está justo. Principiarei o livro ainda hoje. Trabalharei n'elle com amor. Ha de chamar-se *Contos ao luar!*

— *Allez...!* gritou Monnet.

— Dansemos! disse eu ao Seabra, que percebeu emfim que estavamos n'uma contradansa.

— Que é isto então? perguntou Seabra com pasmo.

— Veja n'essa sua phrase a nossa lingua, caro amigo! Considere as difficuldades com que vou arcar, n'um livro que se proponha a graças de estilo! O sr. Seabra acaba de proferir uma phrase, que é um fogo de artificio: «*Que é is*... (accender do foguete) *to*... (o foguete sobe) *en*... (o foguete estalla) *tão*!... Lingua para tudo, meu amigo! Dansemos!...

Assim foi feito o contracto para os *Contos ao luar*.

Ó lua! Ninguem venha dizer-me que sejas quarenta e nove vezes mais pequena que a terra... Para mim foste quarenta e nove vezes maior que tudo!

Diz o rifão, que se soubesse a mulher a virtude da arruda, buscal-a hia de noite á lua; o que direi eu que devo, não á arruda, mas á lua, a virtude de se haverem tirado n'um anno tres edições d'aquelle livro!

Porque, emfim, o titulo entrou por metade no segredo da fortuna que a obra alcançou; e se com os raios da lua não amadurecem as uvas, o que é uso dizer dos que não teem vontade efficaz no que emprehendem, certo é tambem, que, para mim, só depois de dose a quatorse volumes, que se seguiram áquelle, — *Scenas da minha terra*, *Passeios e Fantasias*, *Recordações de Paris e Lon-*

dres, *Em Hespanha*, *Do Chiado a Venesa*, *Quadros do campo e da cidade*, é que consegui, com o livro *Da loucura e das manias em Portugal*, voga egual á que obteve o dos *Contos ao luar*, que me ia levando a crer, que, entre os meus trabalhos, não tivesse parceiro, como se diz que o luar de janeiro tambem o não logra ter; e que a lua, que se me *havia mostrado* então como que reflectindo sobre mim muita da luz que recebia do sol, houvesse minguado de uma vez por todas, e se me eclipsasse para sempre, ou désse em lua d'agua como dizem os botanicos!

Caso mais serio do que possa parecer, — tanto mais que eu poderia ver n'isso o conselho da ironia das coisas, e lembrar-me de que os velhos portuguezes recommendavam que quando a lua minguar não se comece a fazer coisa alguma... E havia de dizer adeus ás lettras, e não escrever mais livros só porque a lua se me apresentasse em minguante?!

Não. *Cris* ou não *cris*, que se eclipsasse, á vontade; cumpria teimar e não ceder tão facilmente a Juno.

Que ella sempre teve, bem o sabia eu já de o ouvir dizer, fama de caprichosa, de inconstante, e sobretudo, perigosa...

A de março tem maus creditos, e, pelos modos, com ares de não ser nada, adoece a gente, e o menos que faz é tornar nervosas até as pessoas menos propensas a

melindres de temperamento; — para os namorados, para os amantes, chega a ser funesta.

Se os que inventaram o celebrado *fleuve du Tendre*, tambem houvessem descoberto algures um rio da Desesperação, especie de lagôa stygia de ondas pretas, feito de lagrimas das coisas, e indo perder-se n'um abysmo, ver-se-hia que a lua de março faria n'esse rio as maiores marés!

Lá veriamos tambem differentes poetas a contemplarem melancholicamente sua imagem no espelho movediço da agua, alguns a dormitarem na praia, outros a brincarem na vaga, contentes, ainda assim, por assustarem os seus admiradores e tranquillos por virem para a terra em querendo; maridos em agitado batel, amantes agarrados ao remo e dasafiando com vistas furiosas um ceu sem Deus... E tudo isso por causa d'ella, da lua de março, — da qual me perguntava de uma occasião em Paris, o sr. Andrews, que por muito tempo viveu entre nós, velho amabilissimo de cabello um pouco ruivo, muito penteado:

— Ainda ha lá em Portugal aquella brégeira de lua marcelina?

Calei-me por que não poderia, sem offensa da verdade, deixar de attribuir-lhe os maleficios da estação primaveral; e de mais a mais, o sr. Andrews era insuspeito em embirrar com ella; por que a lua de março é a *ruiva*,

ruiva como elle era, e o mundo inteiro está de accordo em affirmar que as imprecações dos que são victimas das intemperies se voltam merecidamente contra essa inimiga. Que chova, que faça vento, que caia neve, que haja uma sécca de rachar, vae tudo para o lombo da pobre marotinha, que tem as costas largas!

A quantas applicações proverbiaes esse pallido satelite tem dado ensejo! e que de comparações para que se presta na linguagem pittoresca!

Dos primeiros dias de casados, em que tudo é alegria, felicidade, illusões, diz-se serem *lua de mel.* A expressão ainda assim, quero notal-o, julgo ser imitada do arabe; os arabes teem um proverbio que diz: «A primeira lua depois do casamento é mel, as que se lhe seguem são vinagre.» Rigor de maxima. Não é admissivel que passados os primeiros dias de noivar, se mude o lar em vinagreira. Os arabes poeticos, mas brutos, são ás vezes, como agora, brutos sem serem poeticos.

Ladrar á lua diz-se dos que investem em pomposas apostrophes, de longe e em vão, pessoas que lhes não deem ouvidos. — Ter cara de lua cheia é ter o rosto redondo. — Estar com lua diz-se, dos que não querem accommodar-se com as rasões que se lhes offereçam... Ter luas é ser sujeito a mudar de genio com frequencia, sendo desigual, caprichoso, dado a phantasias, a teimas, e rebeliões subitas...

No dizer dos poetas, a lua é Diana, a casta deusa que se chamava Hecate no inferno, lua ou Phœbo no ceu, Diana na terra; e tambem lhe chamam amante de Endymeão, do qual vivia tão captiva de amores, que não se atrevendo a encontrar-se com elle de dia, tirava-se do ceu todas as noites para visitar o pastor.

E é poetica, todavia, e inspiradora! E eu dizia com a melhor sinceridade, e o meu enthusiasmo todo no prologo d'aquelle livro:

«......

Perdão! Não estranhem os pontinhos, nem cuidem ser trecho solto do prefacio, o que transcrevo. O prologo principiava assim, exactamente assim, com reticencias antes da primeira palavra. Diacho! Ou se era romantico ou se não era; e o luar, n'aquelle tempo, pedia isso! Vamos ao prologo:

...... E depois, eu não sei bem por que chamei ao meu livro *Contos ao luar!* Por mil motivos; por nenhum, talvez. Não podiam estas historias ter sido contadas em noites de verão, n'uma quinta, n'um terraço, a uma janella, ou sobre o mar? É por ventura estranho, que ellas nascessem das vagas inspirações que nos dá a lua, quando, um instante, parece namorar-nos fixa, e depois esquivar-se, vaidosa de estar tão alta, escondendo a face bella por detraz de uma nuvem branca? Ou, ainda, não nascerá, o titulo, da indole d'estas historias, de um

capricho essencialmente moderno, fogoso, excentrico, desegual, tão depressa pondo o pé na realidade mais trivial, como mettendo a cabeça na nuvem da mais alta phantasia, cheio de gritos, de sorrisos, e de relampagos subitos, misturando a paixão com a ironia, fazendo estremecer com uma acentuação comica, dizendo as coisas mais tristes e fataes no tom de quem conversa, dominando o andamento da acção a seu bel-prazer, precipitando-o, retardando-o, fazendo-o obedecer, como um escudeiro elegante e habil a um cavallo fino que roe o freio? Tudo ao acaso, tudo a brincar, tudo para entreter, —como se faz em Cintra, quando se conta um conto, logo depois do cair da noite, em Seteais; — como se faz na eira, á hora da descamisa, quando se narram historias para affugentar o somno; — como se faz a bordo, na tolda, quado o mar vae sereno, e as estrellas se miram nas ondas, a fallar-nos de saudades; como se faz sempre no estio, quando a brisa offerece á noite o perfume colhido nas flores, dois bellos olhos se fixam nos nossos, o amor nos accorda n'alma, e a lua está no ceu!...»

Protegeu-me, ella, a meiga e doce lua; e as tres edições que teve a obra deram-me das lettras tão auspiciosa idéa, que me propuz desde logo a merecer o premio que um rei da Thracia promettia ao som de trombetas a quem achasse uma voluptuosidade nova: inventei

para meu uso o prazer de não pertencer a nenhum partido politico. Não é mau. Experimentem, se lhes parecer, e hão de ver que se darão bem, até no dia immediato! e não póde dizer-se isto de todos os prazeres. Tive sempre uma opinião politica, que é o amor da liberdade; mas, áparte esse, as lettras foram a paixão dominante da minha vida. Isto bem averiguado não viria talvez a demonstrar que a maior parte dos meus compatriotas sejam muito mais propensos á politica do que eu; mas com certesa provaria que eu tive sempre menos ambições, e me considerei menos apto para tudo que estivesse fóra da especialidade dos meus estudos, do que o meu visinho Mattos que se fez administrador, o meu visinho Mattoso que se fez governador civil, o meu visinho Mattinho que se fez deputado, ou o meu visinho da Matta que se fez ministro. Que eu, nem percebo bem como os inglezes sejam nossos alliados, parecendo-nos nós em tudo tão pouco com elles. Se fôr alguem á ponte de Londres offerecer uma pasta de ministro aos cem primeiros individuos que por ali passarem, será grande maravilha o dar-se o caso de encontrar um dos cem que acceite; — dizia um observador inglez do seculo passado. Agora façam favor de ir por Lisboa, a qualquer sitio, ponte ou não ponte, á dos vapores de Belem, se quizerem, e dirijam o mesmo offerecimento aos cem primeiros portuguezes que atravessem por ali;

muito azar ha de ser o seu, se encontrarem um que lhes diga que não.

Movido por um sentir sincero, suppuz que o meu paiz não tivesse em menos estimação os trabalhadores dedicados, desinteressados, do que os que de seu principio se destinem habilmente á gymnastica politica. Estes effectivamente teem vantagens consideraveis. Áquelles, é preciso que o conceito publico os engrandeça : estes recommendam-se a si, e dispensam o conceito publico! Não ha luctar com elles! Ninguem entra n'um omnibus nem trepa para a varanda d'elle, senão no caso de haver logar vasio; ainda não aconteceu que uma familia, pelo facto de já se aborrecer de esperar na rua, mandasse descer, de um omnibus que fôr cheio, as pessoas que estiverem accommodadas lá dentro. Pois, na politica não ha essas delicadezas; despeja-se o vehiculo e mettem-se os sujeitos nos logares dos que lá estavam. Note-se, porém, ninguem reclama!... Se fossem no omnibus, correriam indignados a queixar-se á policia e á administração! Em não se tratando de omnibus, mas de ministerios, nem isso fazem. Esses *maganões* bem sabem, que não têem direito de reclamar!

Escrever livros sinceros, em que fique o quanto um homem deva á vida de experiencia dolorosamente adquirida, de sentimentos verdadeiros, de piedosas memorias : fechar a porta ás solicitações da vida apparatosa,

ás tentações da vida lucrativa, e recolher-se uma pessoa aos seus sonhos, ao interior de sua casa e da sua familia, n'um romance como que ideal, mas verdadeiro, bem seguido, bem sustentado, sem desilusões, sem a realidade das coisas vir desmentir de vez em quando a felicidade de viver assim, não é tão trivial nem tão insignificante sonho como poderá parecer a alguns.

Accresce que, o meu temperamento, teve sempre uma porção de ternura, que me era grato não ser obrigado a suffocar. Na vida militante dos partidos, que diabo havia eu fazer d'essa ternura?

Escrever, poetar, contentar-me com as alegrias do trabalho e com a felicidade de ir no verão passar algum tempo com minha mãe na aldêa, e trazel-a todos os annos a Lisboa para passar o inverno commigo, tudo isto festivamente matisado dos devaneios e sorrisos da mocidade, figurava-se-me ser uma existencia sufficientemente preenchida e não menos significativa do que se a esmaltasse de reverencias ao chefe do meu partido fulano ou sicrano, e de *hurrahs* congratulatorios com a pontinha de riso ou com o encrespar de sobrolho do meu deus Fontes, do meu deus Braamcamp, ou do meu deus Bispo...

Tudo isto, e d'este peccado me confesso, seriam influencias da lua nos cerebros fracos, que, da antiguidade até hoje, tem sido sempre infallivel pagarem tri-

buto áquella chamma encravada n'um aro de prata. Quanto mais eu, que cheguei a persuadir-me que ella estremecia de alegria, quando no silencio das noites se me figurava estar prestando o seu complacente ouvido ao hymno de gratidão e de esperança que eu lhe erguia. Cuidava dever-lhe o segredo, da fortuna do meu livro, e, por isso mesmo, esperava tudo d'ella. Exercia na minha imaginação a attracção que exerce nos elementos. As aspirações sem um fim bem determinado da minha vida, meio sonhos meio esperanças de um rapaz sem familia, atirado pela sorte ao centro de uma cidade, alegrias sem base, tristesas sem objecto, perguntas sem resposta, impulsos da sympathia que prende o homem á creação inteira, tudo isso enviava eu no olhar, como uma prece, áquelle rosto pallido que parece callar comsigo uma idéa eternamente attenta, e estar, a cada instante, a ponto de quebrar o seu silencio eterno... Ó mocidade! Ó impagavel e encantadora confiança d'essa edade festiva, em que todos somos poetas! Que encantos de que a bruxaria antiga devia ter enleado as illusões, no dia em que imaginou fazer baixar do ceu á terra aquelle oraculo em que tantos olhos estavam pregados...!

Não me cumpriste as promessas todas, loira; ou, porque melhor me explique, não escutaste a maior parte das coisas que te eu pedi, e deixaste-me entregue á influencia depressora da fortuna das lettras em Portugal.

Magana! Se não tenho tido tanta cautela, haver-me-hia affogado na lama. Diga embora á sua vontade o Theocrito, que a pobresa faça accordar as artes; depressa deixa de ser incentivo, para ser obstaculo; e não consta de memoria de homem que haja sido ella propicia aos litteratos. Convém, pelo menos em Portugal, ter certo o pão do dia de amanhã, a quem quizer conservar-se independente, sereno, e digno. Com a bréca! se é certo que o oiro seja filho de Jupiter, como o Pindaro affiança, bem podia ser irmão das musas... Mas, *chó, mosca!*

A fortuna dos *Contos ao luar*, — tres edições em oito mezes, de mil exemplares a primeira, e a segunda e terceira de dois mil — foi tão risonha que o Seabra, d'esta vez sem dança, disse-me apenas:

— Vamos a outro?

— Vamos a elle! respondi.

— Para estar prompto quando?

— Da Durruivos lhe mandarei dizer.

Seabra, como muita gente por esse tempo, cuidava que a Durruivos não existisse, que fosse brincadeira, invenção minha.

— Qual Durruívos, nem meio Durruivos, vamos nós ao caso... Quando?

— Como, qual Durruivos?! Vossê não acredita em Durruivos?

— Eu sei cá...

— Vossê cuida que não tenho mãe?

— Dizem-me que tem.

— E onde é que minha mãe vive?!

— Vive lá?

— Certamente que vive lá.

— Mas em o Julio se apanhando na... Como é que lhe chama? Na... Durruivos..., adeus livros, e adeus Seabra! Vossemecês, de mais a mais, oiço dizer que são muito amigos...

—Ah! É transtorno, darmos-nos bem, minha mãe e eu?

— Póde ser transtorno para a paciencia que requer trabalhar no livro. Não esteja a fazer que não me entende. Tresentas paginas não se escrevem a conversar, a caçar...

— Eu não caço.

— Não, mas conversa por quem converse, e por quem cace... Emfim, quando?

— De lá lhe escreverei para a semana! Venha esse abraço!

Como se estivesse a fazer-lhe falta a rabeca do Monnet, demorou o abraço e disse ainda:

— Em dois mezes? Em tres?

— Parto ámanhã.

Parti.

Cheguei á Durruivos ao cair da tarde do dia immediato.

Alli escrevia na solidão da aldêa, tendo deante de mim um ramo de *giestas*, *saragoças*, *flores de cavalleiro*, *verdiselas*, *e sorrisos do campo.* Dava-me a mania para não querer sentar-me á mesa de trabalho sem todo aquelle apparato. Ainda sou do tempo da litteratura dos *talismans*, e ficára-me, supponho eu, das leituras de rapazito, a scisma de ter tambem um talisman eu proprio. O ramo de flores silvestres fazia as vezes d'isso soberbamente; acabei por tomar a serio aquella pieguice e tinha sempre, pelo menos, giestas, deante de mim, como condição indeclinavel para molhar a penna no tinteiro.

A jornada á Durruivos era a melhor festa que eu tinha. Havia-se estabelecido vir minha mãe a Lisboa passar o inverno commigo, e ir eu á Durruivos passar o verão com ella. Porque não podesse demorar-me muito na aldêa, em logar de permanecer ali os mezes de estio, ia e vinha, e voltava, tres, quatro vezes no verão. O caminho de ferro era ainda novidade n'esses tempos; a viagem até o Carregado entretinha-me uma hora — era só uma hora, então; hoje são duas, de que o comboio expresso precisa para deitar ao Carregado: os caminhos de ferro são n'isso como nós, a attendermos a maxima de que, ao homem, com os annos lhe crescem as necessidades.

Uma vez no Carregado, deixava-se uma pessoa conduzir na prudente diligencia do José Paulo, quasi sempre

na companhia de alguns rheumaticos que se dirigissem ás Caldas da Rainha. Custava essa brincadeira meia moeda, representada n'um bilhete que ia comprar-se previamente á rua do Arco do Bandeira, nas cocheiras do Manuel hespanhol. Havia lá um velho magrinho e alto, n'essas cocheiras, que era o encarregado da escripturação e de registrar a data, o numero do logar e a qualidade de ser de varanda ou do interior da carruagem; esse velho dizia sempre a qualquer passageiro:

— Ó *seu taful!* — para o consolar, por esta delicadeza, da brutalidade com que ali era o uso tratarem quem lá ia.

De uma vez o José Paulo, pouco ameno, mas bom homem, estranhou-lhe aquelle costume:

— Vossê chama taful ao freguez, seu diab'alma?! Isso são palavras que se digam! Olhe que o estoiro...

O velho magrinho, com um ar maliciosissimo que Deus lhe dera, chamando-o de parte, disse-lhe:

— Ó *seu* José Paulo, vossemecê já me conhece ha um par de annos, não?

— Sim, conheço; e vae d'ahi?

— Vou dizer-lhe uma coisa...

— Que coisa?

— Falle baixo... Chegue-se mais para aqui... Dê cá o ouvido...

— Despacha!

— Calluda... (ao ouvido do José Paulo). *Seu* José Paulo, vossemecê sabe que tenho sido poupado, que tenho algumas economias... *Seu* José Paulo, vossemecê está no meu testamento! Oiça. Esta a novidade; agora, aqui vae o conselho: — não queira ter a deixa cedo. Seria peor para si! Oiça, homem. Não lhe deixo por agora senão uma bagatella, mas determino que a quantia dobre de anno para anno. É um bocado de pão, que póde chegar a ser riquesa por pouco que eu viva. Tenho sessenta e um... O caso está em que eu vá vivendo. Não me ralhe... Percebe? Nada de me amofinar. Para mim, ralhos e mau tratamento, seria uma apoplexia certa... Que quer vossemecê?! A gente não nasce feita. O meu genio é assim, seu José Paulo! Vossemecê tem maus repentes; isso não vale nada, mas, agora, seria capaz de dar cabo de mim!

O José Paulo ficou-o tratando muito bem, desde esse dia. Tinha para com elle attenções que causavam surpresa á vigilancia invejosa dos companheiros. Quando o via constipado, perguntava-lhe com bonhomia:

— Isso vae melhorsinho?

— Melhorsinho vae alguma coisa..., respondia o velho com um risinho seraphico.

— É arribar, é arribar. Não dê cuidados á gente.

Os arrieiros pasmavam.

O velho, quando lhe pareceu tempo, morreu.

Não deixou nada ao José Paulo, nem tinha que deixar.

A diligencia seguia, pela estrada real, o mesmo caminho que toma ainda hoje; porque a chamada estrada nova, — a de Villa Verde, apenas alcança, por emquanto, ao Cadaval, e não tem sahida para as Caldas da Rainha senão, como se lá diz, por caminhos de cabras. Magnifica, notavelmente bem feita, aquella estrada real; mas, de um lado e do outro, tudo charnecas, charnecas...

Fica, essa estrada, fóra e distante de todos os logares, a exceptuarmos Otta, Cercal, a Seicheira; mas a cada momento se avista a vereda que conduz a Alemquer, ou o atalho por onde se toma para Tagarro, ou a carreira por onde se vae para o Pral, para a dos Francos, para a dos Negros, para o Paiinho.

Diz-se que na estrada antiga era outr'ora frequente assaltarem os passageiros, e roubarem-os. Conta-se que, por aquellas paragens, era perigoso pernoitar n'uma certa hospedaria; e que, tendo voltado do Brazil ao cabo de muitos annos um filho da gente d'essa casa, sem que por carta houvesse prevenido da sua chegada, porque melhor armasse á familia a surpresa de lhe apparecer como hospede, e, no caso de o não reconhecerem, visto achar-se ausente desde pequeno, não declarar quem era senão á hora da comida, quando fizesse uma saude aos locandeiros e explicasse estar bebendo á saude de seu

pae e de sua mãe, essa mãe e esse pae, não o havendo effectivamente conhecido, e vendo n'elle um forasteiro completamente alheio áquelles sitios, lhe deram sumisso para o roubarem logo depois de entrar na casa. Não sei se é certo o caso, e o furôr de desesperação em que se diz terem ficado quando a horrivel verdade se lhes patenteou; mas ninguem d'aquelles sitios deixa de ter noticia, com verdade ou sem verdade, d'esse horror de boato.

De Ótta para deante o caminho é cada vez mais arido e faz perceber tanto mais isso, que Ótta apresenta-se aos viajantes com uma feição elegante e senhorial. As quintas são bonitas; as fazendas andam bem tratadas. As propriedades Belmonte são ali as mais importantes. Ultimamente, n'uma noite de arraial, pela festa do anno, passei por lá; era cedo para o comboio que devia passar ao Carregado ás quatro horas e meia da noite, o cocheiro disse-me que poderiamos demorar-nos na festa algum tempo; apeei-me, e dei uma volta no largo. De um grupo, saiu um conhecido meu, que veio fallar-me; instantes depois, olhando para alguem que estava n'outro grupo defronte, junto de uma fogueira, disse-me amavelmente :

— Se não conhece o conde de Belmonte, elle é meu amigo, e eu estimaria apresental-os...

— Meu amigo é elle tambem! respondi eu. Onde está

ella? Vae ver com que abraço nos atirámos um ao outro...

O meu conhecido, chamando:

— Ó Belmonte!

Veio o conde, e quando eu esperava encontrar o conde de Belmonte com quem andei no collegio de Santa Martha, o collegio Pontes Athayde de que fallo no primeiro volume dos *Apontamentos*, vi um cavalheiro, que, ao estender-me a mão, me disse, como que respondendo ao meu pasmo:

— Sou o filho!

A philarmonica de Ótta, felizmente, cobriu n'essa occasião o «ah!» de despeito, que essa appellação aos meus annos me fez accentuar n'um tom entre envergonhado e austéro...

Levava-se a jornada a espalhar a vista para um lado e para o outro de Ótta para deante, sem avistar uma vivenda senão a casa das Marés, lindissima casa, á ingleza, com um parque á frente; e, mais adiante um pouso, uma quitanda de ramo á porta, a chamada venda de Aguas Espalhadas.

D'ahi em deante, como unico entretimento, não havia remedio senão dirigir perguntas ao cocheiro: se as fazendas eram de Sancho ou Martinho, se o administrador teria projectos de pôr uma taboa por cima de um regato, aqui ou ali, para ficar com a consciencia de haver dado uma ponte á localidade...

A estrada, curva a cada momento, ergue até se perder de vista a branca cintura no meio das charnecas com um movimento sinuoso que tem pouca graça.

A conversação dos rheumáticos era dos encantos mais curiosos da diligencia. Dizia sempre alguem:

—Em começando o tratamento, nunca mais poderá apanhar sol, nem ar, nem vento, nem sair á noite, nem de tarde, nem beber vinho, nem comer...

—Nem comer?!

—Nem comer senão um franganito cosido, e á sobremesa um perinho assado...

—Hem?!

—Um perinho assado. E disse.

Chegava-se ao Cercal, um pouco antes da uma hora da tarde.

Os cocheiros demoravam-se nesse ponto de reunião; e as seges particulares ou de aluguer, por melhores instancias que se fizessem ao cocheiro para attender á velocidade como vantagem especial, quer viessem das Caldas para o Carregado, quer fossem do Carregado para as Caldas, em sendo meia hora depois do meio dia davam aos passageiros occasião certa de exclamarem jubilosamente:

—Estamos a chegar ao Cercal.

Este costume, com a concorrencia de trens, que, a pouco e pouco, n'aquelles sitios, se estabeleceu, cada

vez mais fez do Cercal áquella hora um ninho de cocheiros. O vinho ali é sempre mau, e elles aproveitam essa circumstancia para melhor demonstrarem pela ingorgitação de successivos litros o seu fervente amor ao copo de canada. Quando algum lá apparece pela vez primeira, tem de desempenhar-se dos seus deveres bebendo uma canada de vez e sem pestanejar. Um de uma occasião pediu dez minutos para reflectir no que ia fazer e quaes as consequencias da sua acção. Concederam-lhe os outros cocheiros esta pequena espera, e o neophyto voltou costas e saiu. Havia no Cercal duas casas de comida com venda de vinho, a da viuva Moreira, que pertence hoje a um filho, e a do Leal, que foi trespassada aos que actualmente a dirigem. Passados os dez minutos appareceu outra vez o cocheiro novo e submetteu-se sem difficuldade á experiencia convencionada da ceremonia. Em logar de uma canada, bebeu duas. Disse-lhe um dos cocheiros veteranos: — Estavas a fazeres-te fino, e enxugas por esta maneira! — O Galvêas, futura flôr dos cocheiros das Caldas da Rainha, sorriu-se:

— Está bem de ver! respondeu esse prudente moço. Quiz experimentar primeiro se era capaz, fui beber a canada ali ao Leal; por isso é que me *estrevi* a beber agora as duas!

É uma terra pittoresca, o Cercal; e tem a habilidade de ser alegre em qualquer situação e com qualquer tem-

po. Quantas vezes ahi cheguei debaixo de grandes cargas d'agua, como dizem das chuvas grossas os almocreves.

O inverno no campo é medonho, e o Cercal sabe tornal-o ainda mais assustador por offerecer a serra á vista como um papão. Essa famosa serra da neve despede um friosito, quando bem lhe parece, que sem ser propriamente o frio da Siberia, em que o thermometro tem o costume de se conservar entre vinte e trinta abaixo de zero, descer de vez em quando a quarenta, e chegar aos cincoenta lá uma vez por outra para variar, é, para o Cercal, um frio digno de apanhar mais gente, com a graça que tem de enrijar pela noite adiante até conseguir que, de manhã, se entretenha a gente em desfiar a dedo as pestanas para as despegar da geada e poder abrir as palpebras.

N'uma noite que alli passei, devendo haver theatro, representação particular, uma invernia phantasista viera oppôr-se a tal designio, e, á proporção que chegavam os convidados, ia-lhes dando gasalho a hospedaria, já que o theatro lhes não dava funcção. A estrada em lagos, todas as portas do Cercal fechadas, os cocheiros praguejando, a longos intervallos o surdo rodar na lama de algum carro de matto, e a bulha monotona da agua nas janellas da hospedaria, e nos vidros das seges, que esperavam como abandonadas na rua, fôram os encantos d'aquella para mim memoravel noite.

Cada um dos passageiros, acoitados ali da sorte inclemente, teve talvez por um momento a idéa de se fazer amphitrião de um festim, que entretivesse a noite, e convidar os outros a uma ceia, que lograsse compensar bizarramente a ausencia da comedia e a comparencia do temporal; mas seria difficil: um amphitrião precisa de seis condições indispensaveis, ter dinheiro, ter mesa, saber como se come, ser de indole munificente, ter methodo, e ter graça. Com uma noite d'aquellas, no Cercal, ninguem se atreveria a ser engraçado, e, esta ultima condição por preencher, destruia toda a possibilidade de ceia alegre.

Depois de se fumar o mais que se poude, ceiou-se. No Cercal, assim mesmo, o melhor que se póde fazer, é comer. Sempre ali foi assim. Ahi está que, de amar, não se poderia já dizer o mesmo. Comer, sim. O coração, por lá, não passa por se dar verdadeiramente bem; Cupido quebrou as azas n'aquella terra, desde que uma das mais bonitas filhas do logar veiu para Lisboa casar com um anão, o famoso anão retrozeiro; hão de nascer-lhe as azas outra vez ao pobre Cupido, é natural, mas por emquanto, anda na muda. Divaga por aquelles campos; vive de raizes, e do ar da serra; principalmente do ar da serra. O estomago é que brilha por lá, e é muito attendido; a canja é boa, carne ha quasi todos os dias, trazida das Caldas, peixe fresco com frequencia, e o

presunto, são e rubro, chega a parecer uma invenção privativa d'aquelle povo laborioso.

N'essa tal noite, chegando-se cada um para o grupo dos seus conhecidos, se ali os tinha, tratava de entreter a noite, quando, um que voltava das Caldas, e a quem perguntavam, se, n'aquelle anno, por lá haviam corrido bem as coisas, disse muito serio:

— Succedeu um caso!

— Homem, conte lá isso!

— Um caso nas Caldas! ponderou um dos circumstantes...

— É de rheumatismo?

— Conte! Conte!..

Referiu então, não sei se inventou, a historia de um Souza, — já o Victor Manuel dizia que em Portugal todos são Souzas, por mais que o marquez de Souza-Holstein lhe jurasse não haver cá Souzas verdadeiros senão os da sua familia. — *«No, no, siete tutti Souza lá bas!»* — o qual Souza fôra de Lisboa ás Caldas da Rainha, para assistir á caçada da lagôa, e entrou lá como em paiz conquistado, munido de uma espingarda finissima, em traje de especial tafularia, todo elle botas inglezas grandes, altas, fartas, jaquetão de velludo, chapeu de côco, guapo moço de bigode encerado, regalando-se n'aquella festa de dar, como se diz, *umas calças* furiosas ao pobre cão para o fazer procurar

caça... que ficára de perfeita saude, dizia elle que por influencias do clima humido e das cavacas, que haviam tolhido seus vastos dotes de caçador demonstrados muitas vezes, na quinta das Mattas, a Santa Suzana, e em Villa Viçosa, e na Trafaria...

Chegára o tal Sousa á noitinha, e, porque fosse no alto da diligencia, conversando com o cocheiro, perguntára-lhe com modestia:

— Diga-me cá uma coisa, ha hospedaria nas Caldas, pois não ha?

— Hospedarias bastas. É o que falta ahi! Havia a do Miranda, que era um palacio; fartou-se de gastar dinheiro para arranjar tudo como deve ser, mas ninguem se gabava de ter quartos com mais aceio... Tambem havia a do José Paulo, que tinha uma rica mesa... E a Malhôa, uma velha pequena, que, isso, para biffes ainda hade nascer quem lhe chegue...

— Más pelo que vossê diz, representa-se-me que já lá vae tudo isso?!

— Pois vae; mas que quer que lhe eu faça; a gente não é eterna!

— Bem sei, nem os censuro por terem morrido; o que eu desejava obter da sua informação, é se ainda ha nas Caldas algum vivo, que resista aos maus exemplos, ao ponto de se conservar com casa de hospedes de porta aberta?

— Bem entendo. Ha, sim senhor.

— E então quem é, se não for segredo?

— É gente. Mas não tem nome.

— Ah! Não tem nome!? É celebre!

— Não é celebre, não senhor; é gente que está na sua casa, e se o senhor se quizer recolher, recolhe-o e não lhe hade faltar nada.

— Ninguem diz o contrario!

— O senhor quer ir para a praça?

— Para onde a prudencia aconselhar, é que eu hei-de ir.

— Então venha para a praça. Se vae para a rua da Olaria, tem um ramo de porta em porta, e não ouve fallar senão em vinho.

— Vamos lá para a praça!

— Hé macho! Hé diabo!... Má raios te partam! Hé macho de um démo!... Prompto. Está o senhor á porta de uma familia capaz. Ó de casa? Arrecada lá esta malla; espere;... já cá ficava a manta;... olhe a espingarda, mulher... Está tudo?

— Bem. Ahi tens para os ramos da tal rua das Olarias...

— Nunca as mãos lhe doam, meu amo. Ó menina, vejam lá como tratam esse fidalgo!..

A casa era limpa, e as patroas, duas senhoras edosas, passavam na villa por serem pessoas de maior virtude que adoptavam como filho quanto hospede lá lhes fosse

parar. Uma d'ellas havia sido bonita, e requestada, em tempo; por isso conservava para com os homens certa ternura, que não tinha outra significação senão o reconhecimento do culto que lhe haviam prestado em rapariga.

Logo deram a escolher ao Souza um quarto alegre, com janella para a praça, e lhe explicaram ter vastas accommodações a casa que habitavam, mas estar occupado um dos lados d'ella.

Por maior que fosse o attractivo da conversação e da curiosidade, mais imperiosas necessidades primavam sobre o Souza, que tratou de tomar chá e reservou para essa hora todas as informações.

— É bonita, a villa?

— Ai! Muito bonita! Grave, vistosa, enfeitada! O Passeio publico, com o ter mais arvores e mais agua que o de Lisboa, bem se pode calcular que terá mais sombra e mais frescura; o hospital é um amor; e, do que respeita ás graças da terra, seria pouco o que dissessemos: fructa deliciosa, pecegos, alperces, melões, maçãs: muito bom doce, trouxas de ovos, cavacas; e depois a galanteria da loiça, hoje conseguem n'isso tudo que se faz nos paizes estrangeiros: já não é só os boisinhos, as bilhas de segredo, como quando nós eramos raparigas.... Está muito adeantada esta villa, meu senhor; só quem a conhecêsse ha quarenta annos, lhe dá valor! Vem para a caçada?

— Venho.

— Oh! Vae gostar! Vae gostar!..

E começou a descrever-lhe a lufa lufa em que andava toda a gente das Caldas da Rainha n'aquelles dias, e de como a caçada fazia emmagrecer as senhoras da localidade pela lida de receberem hospedes, recommendar que não façam ceremonia, offerecer a cada instante um caldo, um copo de vinho, uma *colher de doce*, fazer visitas successivas á cosinha, ao forno, correr para um lado e para o outro, abrir armarios, tirar a prata, a loiça da India, e mil coisas de ver a Deus, que apenas saem á luz n'essas occasiões memorandas. Historiou o chegar das tribus, parentes, amigos, convidados, de todos os logares, que caem alli n'esses dias, uns a pé, de vardasquinha e espingarda, outros a cavallo, outros na *diligencia*, ainda alguns em carro de matto; e abraço cá, abraço lá, viva, tóca, bom dia, e nós cá estâmos! Descripção da grande scena do accrescentar da mesa e fazer as camas, metade da casa para dormitorio, a outra metade para refeitorio: sempre mesa posta, sempre gente á mesa; e, em algum convidado se levantando para ir tomar ar, logo outro a cair das nuvens no logar d'elle e a herdar-lhe o talher e o copo. Relatava minuciosamente quanto alli eram homericas as coisas de comer e infatigaveis as boccas dos convivas; que não ficavam por alli, d'aquellas festas, vivos nem boi nem vacca; que emigra-

vam todos os coelhos para a cosinha; que a cada hora chegavam regimentos interminaveis de perus; que as gallinhas não tinham tempo de optar por um desenlace da sua existencia em fricassé, em cosido, ou em cabidella; que os fornos iam a desabar com os pudins. Annunciava-lhe, batendo as palmas, a deliciosa alvorada que o esperava, o saltar da cama accordado pela philarmonica que percorre as ruas da villa, ainda fusque fusque, para despertar os caçadores; o almoço antes da partida; o montar no burro, ou no cavallo, melhor ainda se é burro para favorecer o episodio de cair nos atoleiros d'aquelles caminhos pittorescamente horrorosos; depois, o saltar para a bateira sempre na esperança muita vez realisada de ir alguem de trambolhão ao lôdo; e no fim da caçada, ás cinco horas, outra vez para a mesa, sempre para a mesa, para a mesa por todo o sempre...

Ia o Souza tomando o seu chá, e tem fama o chá das Caldas porque a qualidade da agua o auxilia quasi tanto como ao rheumatismo; ia comendo cavacas, ia escutando com attenção os dizeres descriptivos da patroa, e dispunha-se a accender um charuto e ir dar uma volta na villa para não se deitar sobre a refeição, quando, de repente, se abriu uma porta que dava passagem aos hospedes do outro lado da casa e elle viu duas senhoras, — deveriamos dizer uma só, porque só essa, essa unicamente, é que elle viu, Deus santissimo! com uma admiração

de tal qualidade que se dissera terem renascido n'esse instante as paixões subitas, que parecia haverem fugido da terra com as chacaras e as balladas...

A patroa agarrou precipitadamente n'um castiçal, correu a abrir a porta da escada, desceu até á rua para as alumiar. Depois, voltando, e como que dispondo-se a empreender uma nova serie de informações, com que entretivesse o seu hospede, em quanto a outra irmã acabava de lhe aproptar o quarto:

— Vão para o club! disse.

— E não é permittido a um pobre caçador como eu, que traz mala mas não traz casaca, ir tambem alli passar a noite?

— Se conhece algum dos socios, melhor ainda algum dos directores...

— Vamos tentar! disse o Souza erguendo-se. Se o quarto já está prompto, queiram lá pôr luz para eu me arranjar...

Lavou-se, mudou de roupa, escreveu n'um bilhete o mais attencioso requerimento á direcção do club para lograr ter entrada n'aquellas salas, dirigiu-se alli quasi correndo, teve logo a fortuna de encontrar o director do hospital das Caldas, amigo de seu pae e que ficou encantado de lhe servir de apresentante: — um quarto de hora depois, fazia a sua entrada gloriosa, e era apresentado, sem mais indicação nem mais pedido, ás duas se-

nhoras que acabára de ver pela primeira vez na hospedaria.

— A senhora baroneza de***, a senhora von Elsberg, distincta pianista e mestra de musica da baroneza. . .

O Souza olhou demoradamente para a baroneza ; não era uma physionomia muito picante, perigosa, por que assim digamos, pelo tom da pelle moreno e ardente, ou pelo negrume e fartura dos cabellos, que fizesse lembrar aquelle extravagante dito de lord Byron de que uma trigueira valha um harem. Era uma loira — Venus tambem o era — agradavel e magnifica.

O barão estava a jogar. Mostraram-o de longe ao Souza, explicando-lhe por essa occasião uma quantidade de coisas curiosas a seu respeito, que não são para aqui. Essa gentil creatura, de adoravel collo no entender dos especialistas, inspirára uma paixão ao cavalheiro, que tinha a ventura de ser seu marido. Eram ambos muito amadores de musica, e tudo pareceu inculcar desde logo que não poderia dar-se jamais sobre a terra um mais harmonioso duetto, do que o que ia ser entoado nas alegrias apaixonadas d'estes conjuges. — Ao irem para as Caldas n'esse anno, offerecêra elle por surpreza um movel de raridade, um sophá-orgão, — á baroneza: Tinha esse sophá orgão as mais doces vozes, e soltava cantos inteiros em alguem se lhe sentando em cima. Tão encantados se achavam com aquella raridade, que,

não esconderem o prazer que lhes dava e quererem de algum modo que esse gosto fosse partilhado pelos que têem por taes curiosidades artisticas o culto que ellas devem merecer, tinham-o levado para as Caldas, o sophá-orgão, e para o club, n'aquella noite, a fim de que, entre as diversões que alli ha sempre, figurasse aquelle pelo attractivo da novidade.

O Souza era, o que se chama, rapaz fino; mas tinha pouco mundo. A formosura da baroneza entonteceu-o, e, porque essa amavel senhora houvesse acolhido com agrado a apresentação que lhe fizeram d'elle, julgou-se o Souza com direitos a fazer-lhe uma côrte estapafurdia, que ella por entre as polkas e as contradanças, nem tinha léo para reprehender.

Foi leviana? Não o foi? As noites das Caldas são silenciosas, mas, ainda assim, as opiniões variam sempre em assumptos d'estes; e não seria de espantar se alguem dissesse que ella acceitava com uma satisfação por extremo visivel o esgrouviado namoro armado á optica com que o Souza lhe deu batalha.

O caso é que o marido, fremente de ciume, entregando-se ao sentimento raivoso da indignação, deu duas voltas na sala, em largas pernadas, e, sem attentar no que fizesse, por não querer dar-se ao disfructo indo direito ao Souza, atirou comsigo, com modos de quem dizia álerta, para cima do sophá-orgão, — que n'essa noite man-

dará para o club, — e o diacho do sophá-orgão, de repente, largou a tocar o alegre motivo do *Rigoleto*.

La donna é mobile...

Este caso, sem resultados graves felizmente, fez rir, como é facil calcular; mas quando o Souza na noite immediata appareceu no club, e perguntou pelo orgão, deram-lhe a noticia de que já lá não estava; e de que a baroneza á hora da caçada na Lagôa, havia deixado as Caldas da Rainha em companhia de seu marido e da mestra allemã.

— Homem! exclamámos, quando o outro acabou o seu conto: Mas isso é serio?

Elle riu-se.

E cantou um trecho de opera; — com o que ia estragando tudo, porque tinha pessima voz.

Uma hora mais de diligencia do Cercal até uma arribana n'um descampado, a que dão o nome da Palhoça, e ahi me apeava eu, avistando logo o burrinho, que o Antonio da Costa, um dos meus compatriotas de Durruivos, costumava sempre ir offerecer-me pela sua propria mão, com a gentileza de quem offerecesse um *bouquet*.

— Hé! ó Antonio da Costa?!

— Hé lé! Sr. Machado!

— Tudo bem?

— Está tudo bom, não ha novidade, graças a Deus. Toca a montar. Quer estribos?

— Se os ha hoje, aproveitêmos.

— Pois ha. É um jumento, este, que tem tudo! Arriba... A caminho!

Deixa-se n'esse ponto a estrada real, corta-se á esquerda na direcção do Cadaval; á metade do caminho os pinheiros purificam o ar, com aquelle bom cheiro resinoso que têem; uma hora depois de sair da Palhoça avistam-se os moinhos da Vermelha e do Barrocalvo, duas aldeias, e, d'alli a instantes, os moinhos da Durruivos, espertos, alegres, independentes, com vento que os procura por todos os lados, sem precisão de irem estabelecer-se nos cabeços, como os moinhos dos arrabaldes de Lisboa para apanharem por acaso o pobre sopro de um zephiro asthmatico: moinhos infatigaveis, sempre de panno inchado, mó em movimento, e zoar ruidoso!

A entrada da Durruivos é formosa. Na baixa, avistam-se as casinhas brancas por entre a rama dos sobreiros, que cortam o prado onde vão pastando vaccas e carneiros. Á beira de um riacho, os choupos e os salgueiros arrastam a sombra sobre a relva. A estrada serpentêa no fundo de um valle de oliveiras, disputando a passagem entre monticulos áquella agua, que vae deslisando tranquillamente n'essa solidão abençoada. Tudo por alli se inunda de luz, com a suavida-

de de uma caricia, n'uma harmonia doce e meiga. Respiram alegria as fazendas da aldeia. Arvores e arvores de fructa, vinhas magnificas; e a evidencia de que, em toda a parte onde haja podido brotar uma espiga, se semeou um grão de trigo.

A aldeia é tranquillissima. Durante o dia, todo o povo do logar anda entregue ao seu trabalho. Ouve-se apenas o zum zum dos moinhos, e, a espaços, o latir dos cães.

Comquanto seja uma pequena aldeia, sem aspirar a tornar-se notavel em trigo, milho, vinho, ou azeite, ainda assim a Durruivos, dá quatrocentas a quinhentas pipas de vinho. É vendido quasi todo á casa Fonseca, do Sanguinhal, a qual, de sua lavra, tem umas poucas de mil pipas; obrigou-se este anno a dar todo vinho para o consumo do Pará, e gasta, por dia, só no que paga aos seus empregados, setecentos mil réis.

O que poderia caracterisar a pobre gente da Durruivos é o não haver ninguem preguiçoso na aldeia; homens, mulheres, creanças, todos trabalham. Na Durruivos levanta-se toda a gente ás tres horas da manhã.

A producção é boa. O trigo e o vinho são excellentes; a agua tem fama de fina, com quanto mal estimada, porque, tendo, quasi todos os d'aquelle sitio, poços nas fazendas, não fazem caso das nascentes. E depois, alli, quasi todo o anno, bebe-se agua-pé !

O prior, filho da Durruivos, é um padre que represen-

ta n'uma esphera modesta a acção intellectual que o clero pode e deveria sempre exercer. Excellente homem para a sua familia, conhecido alli e muito estimado, trabalha, ajuda os que trabalham, e propõe áquelle pequenino povo o ideal divino sem o afastar do ideal humano, porque o tempo sempre possa chegar para a religião e para a agricultura. Aos domingos o povo da Durruivos vae ouvir a missa á egreja do Senhor Jesus do Carvalhal; ou á capella da casa de Loridos, a um quarto de legoa de distancia da aldeia. Pode calcular-se, o quanto as quatro velhas da missa do dia de semana se lamentam, de que a Durruivos não tenha missa ao domingo!

Pouco depois das tres horas no verão, e ás cinco horas no inverno, toca o sino, a chamar essas quatro velhas para a missa. Ao irem para o seu trabalho, os *antigos* do logar, que já arrastram o pé e são tardios a despacharem-se de suas casas, trepam ao adro, e regalam-se de olhar para o prior, que diz a missa, encostados á enchada e debaixo do alpendre, — porque a egreja é alpendrada como todas as egrejas antigas, que, por haver escrupulo de admittir dentro do templo pessoas julgadas pelo povo do logar na conta de gente de má conducta, as deixavam ficar á porta durante o tempo sufficiente para testemunharem emenda nos seus costumes.

Ao Senhor Jesus do Carvalhal concorrem desde S. Pedro até fim de setembro grandes romarias, que se demo-

ram dois dias alli: cyrios do Ramalhal, da Ermigeira, Maxial, Ribeira de Palheiros, Pero Moniz, Cadaval, Athouguia da Baleia, Ferrel, Obidos, Tornada, Bombarral, e, os dois mais antigos, de Peniche, e de Torres Vedras.

Quer seja para o Senhor Jesus, quer para Loridos, os caminhos são lindissimos. Aos dias de semana têem principalmente um encanto, que os torna ainda mais agradaveis, não se ver gente. Os aldeões ás vezes tiram a graça á natureza. Goethe indo com um amigo por umas terras de trigo e de cevada, fez-lhe, se é certo o que elle conta, este singular pedido:

— Ó amigo meu, põe-te nú!

— Que me ponha nú! Para que?

— Põe-te nú, e larga a andar por ahi fóra, para eu poder confrontar bem o homem com a natureza, cousa de que nunca se me offereceu ensejo!

Não sei se os laponios mereceriam ao Goethe egual convite; para interesse da natureza, acho melhor vel-a sem elles... mesmo vestidos!

A maravilha, porém, a joia d'aquelles sitios, é Loridos!

Essa propriedade é decerto uma das mais formosas do paiz. Da aldeia da Durruivos até lá avistam-se constantemente sitios de uma graça extrema, que parecem o desenho fresco, puro, de uma pastoral, e fazem criar

vontade de estender a vista á procura de Estella e de Nemorino...

De repente, encontra-se uma fonte; mas, uns annos por outros, triste coisa, a fonte está secca: os tubos, que sempre costumavam estar cheios de agua, estão vazios de todo: a nascente concentrou-se avaramente n'uma bacia estreita e pequenina...

De outras vezes os ventos têem saccudido a fructa das arvores, o sol tem queimado as uvas, e só n'alguns raros abrigos, — como que astucias, laços armados ao sol, para o enganarem! — resistem cobertos com feno uns cachos de uvas resguardados com cautella para não se queimarem; dos lados da estrada fluctuam nas sebes uns troncos resequidos, que o vento, umas tardes por outras, vem de repente balouçar, partir...

— Tudo está mudado! dizem os aldeãos, por lá, a cada instante.

A meio caminho encontra-se um pinhal, quieto, sereno, sem fazer lembrar a bulha ruidosa e melancholica do mar; e o campo scintilla por entre a rama em cumiadas alvejantes... Mas adivinham-se, no estio, as iras do inverno; na serenidade da atmosphera, no ar quente e humido, mais de trovoada que de verão, das estações que temos agora, sempre incertas e crueis: e o pinhal tem o seu quê ameaçador n'essa mesma pasmaceira, n'aquelle descançar de quem espera,

mal se mechendo os pinheiros, e só a espaço parecendo conversarem uns com os outros, como que concertando o disfarçarem os terrores que hão de inspirar nos mezes da nevoa e das ventanias, que são, por alli, terriveis.

A entrada nos Loridos remoça o animo. Áquella missa affiue gente do Sobral, do Barrocalvo, do Val de Canada, do Bairro do Lobo, do Salgueiro, de Famões, de todas as aldeolas dos arredores; o povo considera uma festa ir alli: é o espectaculo da opulencia que influenceia n'aquelles espiritos, contentes de se encontrarem n'uma vivenda luxuosa, e terem de alguma maneira o goso da propriedade sem os encargos d'ella.

Os Loridos são uma propriedade extensa, bem cuidada, abundante de arvores e de vinhas, e famosa pela sua matta, da qual o povo diz com respeito:

— Só os medronhos que lá ha, dão para as vindimas! Dezesete cascos, de aguardente d'elles, se fazem alli quasi todos os annos!

A capella é espaçosa, e clara. O povo, no fim da missa, canta um côro; caso singular, canta-o bem! Versos de grande innocencia; esta quadra, por exemplo:

Nome de Jesus
Que tão doce é!
Salvae a minha alma
Ella vossa é!

Depois, todo aquelle povo espalha-se pelo campo e pelas estradas, em procura cada um da sua casa e da sua aldeia. Parecem dizer que não ha remedio; que o almoço tambem tem importancia, que a missa é cedo, e que a retirada convem ser rapida, visto como a belleza das paisagens se arrisca a perder com estar uma pessoa a vel-as, pela segunda vez,... em jejum!

Teve certa notoriedade ha vinte e cinco annos a amisade com que o beneficiado Malhão me distinguia. Referiram-se por muitas vezes os jornaes a essas intimas e honrosas relações, e muita gente celebrava a boa fortuna de eu haver merecido a esse illustre velho, eu folhetinista, eu homem dos theatros, dos divertimentos, dos jornaes, n'essa epocha, uma tão pronunciada estima.

Tudo isso veiu como que por acaso.

N'uma tarde, voltando das Caldas da Rainha, onde havia ido jantar, a titulo de dar um passeio na companhia do administrador do Cadaval, João Motta da Fonseca, e de um padre Tavares que por esse tempo era prior do Carvalhal, disse-me o administrador, excellente homem de quem hoje sou amigo:

— Gostaria de que fossemos ver o Malhão, sr. Machado?

— Gostaria, de certo.

— Não o conhece, pois não?

— Não o conheço. Viu-me elle quando eu era peque-

no, mas já me não lembro das circumstancias em que isso foi, nem de se elle é alto ou baixo.

Fomos a Obidos, e parámos, n'uma rua estreita, diante de uma casa de apparencia modesta, quasi humilde.

— É aqui, disse o Fonseca.

Malhão estava no seu quarto de estudo, quarto escuro e humido. Disseram-lhe o meu nome; elle conhecera muito a minha familia; principalmente minha mãe, de quem uma irmã d'elle era muito amiga.

Acolheu-me com grande doçura, e principiou logo a conversar commigo, fallando-me da Durruivos, de meu pae, de quem se recordava perfeitamente, de um meu tio Fr. Fernando, doutissimo freire, grande figurão, bom cavalleiro, — os freires, como se sabe, eram cavalleiros de ordens militares, que faziam votos religiosos e residiam nos Conventos das Ordens : — de José Estevão, e, finalmente, dos folhetins da *Revolução de Setembro*, de que, me disse, havia lido alguns. Pode calcular-se o gosto que me deu ouvir-lhe essa amavel palavra. Malhão

que era homem alto e robusto, tinha uma expressão de physionomia extremamente suave, que contrastava com a virilidade da sua figura, e augmentava o encanto que exercia nos animos a doçura ineffavel da sua voz um pouco velada, mas, tão sonora, quanto a voz de um homem o pode ser.

Envolto em roupas de brixe e n'um capote comprido, passava alli, áquelle tempo, a sua vida a ler. — Tinha sessenta e dois annos, por essa epocha. A cabeça estava toda branca. Quando conversava animava-se muito, e, por momentos, o homem de outra edade, moço e esbelto, como que reapparecia n'elle. A conversação era um tão grande prazer para o seu espirito, que elle pediu-me, — pediu-me é a palavra, e explica-se pelo isolamento em que vivia em Obidos esse homem talentoso e amável — que voltasse alli alguma vez para conversar com elle.

Sahi de lá como atravessando um sonho. Aquelle padre, aquelle velho, elegante na sua condição, magestoso, e tão singelo, tão innocente, tão alegre, por instantes, tão simpathicamente melancholico, tão illustre, tão citado, tão celebre e tão simples, impressionára-me.

Succedeu por essa occasião, — que um acaso vivamente desagradavel para mim me tirou por um tempo o gosto, a vontade e paciencia de fallar, fôsse com quem fôsse, á excepção de Malhão, que, por assim dizer, me consolava pelo bem que me fazia ouvil-o e pelo poder que tinha quando fallava commigo de obter que eu não pen-

sasse em mais nada, e se desvanecêsse qualquer preoccupação, que pudesse dominar-me, no grato prazer de o ver, de o escutar, de estar com elle.

Fôra o caso que a troca de uma carta ia occasionando um funesto lance. Havia alguem que me considerava, na sua meiga affeição, melhor do que eu era; estava doente essa pessoa, e eu, escrevendo-lhe de Lisboa, sobrescriptára por engano, dirigindo-lh'a, uma carta, que estava para ser enviada a outro destino, a uma cantora. Felizmente, ainda assim, uma irmã que por essa occasião abria as cartas para ella e lh'as lia, deu logo por essa terrivel leviandade, e improvisou os dizeres de uma carta, annunciando-lhe que eu iria d'alli a dois dias ver essa querida doente. Em seguida escreveu-me, a pedir-me que fosse. A irmã estava sua hospede, desde que adoecêra. Parti de Lisboa, cheguei lá, a senhora que me escrevera e a quem eu áquelle tempo nunca havia fallado, appareceu-me logo que eu subi uma grande escada de pedra pela qual se chegava a sua casa; e, quando rompia a minha saudação e os votos de agradecimento pela bondade de que me dava tão honroso testemunho, metteu-me uma carta na mão, e, de relance, um pouco seccamente, disse-me:

— D'aqui em diante peço-lhe que dê attenção ás suas cartas. Restituo-lhe esta, que veiu por engano, e que, se fosse lida pela doente, poderia matal-a.

Pode calcular-se em que situação me encontrei então, n'aquella casa, durante tres dias, que alli me demorei!

Não só, em estando na Durruivos, eu ia a miudo visitar Malhão, mas escreviamos-nos com frequencia. Sentia-me feliz pela amisade d'elle. Dá-se na velhice um duplo effeito d'optica, a vista exterior diminue e a vista interior augmenta; distinguem-se menos os objectos, mas vê-se melhor a rasão das coisas. O espirito d'aquelle homem captivava-me de dia para dia. Nas suas cartas sentia-se a velhice respeitavel, a velhice christã, a velhice do homem que não se faz feio pelos destroços graduaes, pelas ruinas que levam tantos a serem, como se diz, creanças duas vezes,... mas sem a graça das creanças.

Muitas vezes, a olhar para elle, ao ouvil-o, ao lel-o, me lembrei eu de outro homem, e que homem! o grande Garrett! E a circumstancia de eu ter assistido a um caso, que deu ensejo a que as sympathias do illustre, sublime poeta, affrouxassem para com Lopes de Mendonça, e a que este escrevesse um folhetim por occasião de se publicar o segundo volume do *Arco de Sant'Anna*, tratando Garrett com demasiada severidade, acudia-me ao espirito mais vivamente ainda.

Tinha quinze annos, eu, quando vira isso... Foi, n'uma noite, na *Floresta Egypcia*...

O visconde de Almeida Garrett passeava brandamente

junto dos jogos, olhando para todos aquelles divertimentos com o seu modo de meia observação meio desdem.

Escostou-se depois a uma das columnatas, sorrindo-se para os meninos que gyravam nas cadeirinhas, e deitando o luzio para as mães...

N'isto Mendonça vê-o, vae direito a elle, e dá-lhe um tão infausto abraço, que o poeta, com o recuar um pouco, encosta com força o chapeu á columna, sente-o cair-lhe da cabeça e voltar-se-lhe o chinó...

Largou toda a gente a rir.

Pode calcular-se a indignação de Garrett.

Voltando-se para Mendonça e desvairado em ira, disse-lhe com o entono de quem se propõe esmagar:

— Que vossê haja de ser sempre desastrado!..

Mendonça queria ainda dizer-lhe alguma coisa; mas o que?

Pedir-lhe desculpa?

Inutil.

Justificar-se?

Difficil.

Estreitar de novo relações, que aquelle episodio rompera abertamente?

Impossivel.

Preferiu outro expediente.

O expediente foi largar a rir, como toda a outra gente, que alli estava.

O visconde endireitou o chinó, poz o seu chapeu, e, quem observasse o olhar que trocáram, conheceria desde logo que aquelles homens n'esse momento eram dois inimigos irreconciliaveis; porque Mendonça, um momento depois, já não ria, e não lhe pesava menos a agreste phrase do poeta:

— Desastrado!

do que ao cantor de D. Branca o haver visto alguem rir-se d'elle.

Malhão, era um aldeão poeta. Alma terna, toda effluvios de religião e de doçura. O genio poetico foi o que dominou n'elle. Não porque os seus versos denotassem grandes dotes artisticos e se pudesse admirar n'elles o segredo de Garrett, por exemplo, de introduzir, por assim dizermos, a pintura e a esculptura na poesia, enlaçando-as e formando um grupo indivisivel como o das graças: o seu talento brilhava pela sinceridade, pela espontaneidade, pelo sentimento; era a lyra campesina e christã.

Poucos destinos, tão sympathicos, como o d'esse padre. Nasceu em Obidos; era de uma familia de arcades; seu pae era o poeta Silveira Malhão: seus tios, João Monteiro e Antonio Gomes, poetas. O vigario geral influiu para que elle se dedicasse á vida ecclesiastica; Malhão, muito novinho ainda, frequentou o seminario de Santarem: estudou alli o seu latim, a sua philosophia... Aos vinte e tres annos estava padre.

Voltou de Santarem, onde estivera nove annos, e foi achar em Obidos unicamente seus irmãos: tinham-lhe morrido pae e mãe.

Ficou vivendo em Obidos modestamente, ensinando ao povo o ideal divino e ao mesmo tempo o ideal humano. As letras não tiveram n'aquelles sitios outro iniciador senão elle. Uma casa importante na proximidade de Obidos, a casa do Sanguinhal, chamou-o a si por muito tempo. Uma senhora, filha d'essa familia, D. Sophia da Fonseca, e um mancebo seu irmão, que chegou a ser conhecido em Lisboa e estimado pelo seu merecimento, Paulo Romeiro, foram, n'essa casa, discipulos d'elle. Possuia o mestre por alli umas fazenditas, os discipulos eram filhos do primeiro proprietario do sitio: depois das lições do cathecismo, havia lições de agricultura; Malhão encontrava meio de ir ensinando ao mesmo tempo tambem o quanto sabia, muito ou pouco, da antiguidade grega e latina, e não contente de ressuscitar um ponto ou outro do saber dos antigos, compunha, para se entreterem, artigos e poesias; theologo, poeta, artista, lavrador, fazia d'isso uma synthese magnifica; e, de trabalhos e aptidões tão differentes, formava uma especie de laço entre a terra e o céo. Uma vez findos os cuidados d'essa educação, a tristeza como que principiou para elle. O campo não lhe bastava, — ou antes talvez o entristeceu ver que o campo não bastava aos outros.

Compreende-se isso.

O tempo hoje está só para a industria, e a industria não é affeiçoada ao campo: supprime os jardins, deita as arvores abaixo, volta costas ás meditações e devaneios dos amigos da natureza, e não se importa com os riachos senão para fazer mecher as machinas.

De mais a mais entre nós o camponez não inspira grandes sympathias; chamam-lhe bronco, feio, dado a interesses pequeninos, e consideram-o tão miudo nos seus negocios, que, no caso de ir para o inferno, o que não é de crêr, seja capaz de rezingar com o diabo por causa da fogueira e metter-lhe na cabeça que se gasta alli lenha de mais, e que com dois cavacos póssa arder do mesmo feitio qualquer pessoa!

Os velhos do campo, em Portugal, são tristes. Têem o corpo dobrado pelo trabalho. Lavam-se pouco; são fuscos, encortiçados; têem os olhos a lagrimejar: testa curta e rugosa, cabello esgroviado, a sair, em farripas, de um chapeu russo ou de um barrete velho...

Nunca tiveram senão um amor na vida, — a terra.

Paixão permanente, invencivel.

A rigidez de porte serviu-lhes sempre de capa ás ambições. Mesmo quando estão a morrer, ainda se espertam para dizerem a alguem, pondo-lhe a mão no hombro, carregando, segurando, como quem está em ancias de confessar o que quer que seja:

— Agora é que já não tenho precisão nem necessidade de ver se arranjava aquillo...

Depois, sorvendo um suspiro, e como que resumindo n'uma phrase a aspiração de toda essa existencia, que chegou ao fio:

— Tinha aquella idéa... mas não poude ser: comprar isso tudo por ahi arriba, e amanhar por minha conta... Ter fazendas bastas... Comprar tudo!

Ao que a mulher retroca ás vezes:

— Lá principia elle com as asneiras! Diz sempre a mesma coisa. Tudo é querer ser mais poderoso que os visinhos... Vê se dormes!

A terra dá-lhes pouco; mas, quanto dinheiro tiverem, ninguem lhes falle de o empregarem de outro modo: comprar terra, terra...

Para algum mais desfavorecido da fortuna, a riqueza é os filhos. Não podendo ter terra, quer ter homens. Na cidade ha sempre quem diga por gala:

— Sou filho do meu trabalho!

O camponez pobre prefere vir a dizer em velho:

— Sou o trabalho dos meus filhos!

Chamem-lhe tolo.

As mulheres, trabalhando na sacha, na monda, á lagarta, á vindima, carregando como elles, e não bebendo como elles, vêem nos filhos mais do que riqueza; como nos costumes antigos, vêem gloria em ter muitos!

Diz-se que uma dama grega estando a mostrar a outra as joias que possuia, lhe ia dizendo:

— Como esta é bcnita, não é?

— Bonita.

— E esta?

— Tambem bonita.

— E esta...

Depois:

— Agora, hade tambem deixar-me ver as suas.

A outra foi buscar os filhos:

— Aqui as tem! disse.

São assim as mulheres do campo. Mas, diga-se a verdade, as joias d'ellas não são de grande belleza nem parecem preciosas... á primeira vista; são creanças fuscas, arrepiadas, arrédias, que fogem de quem passa, vão espreitar para um combro ou de traz de um silvedo; rindo de um modo alvar, ou pondo-se de uma seriedade de gatto-pingado; ora selvagens á força de timidez: ora pedindo a benção a toda a gente, a este e áquelle a quem fallem.

Em todo o caso, se a fecundidade materna é uma benção do ceu, póde dizer-se que no campo chovem bençãos de todas as formas e feitios... Todos os annos as esposas dão um rapaz ou uma rapariga ao mundo, mais ou menos lestos e escorreitos.

Emquanto poude, emquanto a saude lh'o permittiu,

Malhão não parou muito em Obidos. Quando menos se esperasse, montava a cavallo, e elle ahi fugia por aquellas estradas.

O gosto pelas viagens foi-me em grande maneira excitado por Malhão. Talvez que se eu o não houvesse conhecido, não tivesse sahido nunca do mesmo sitio, como acontece a tantos. Principiou isso logo pouco depois de eu lhe haver sido apresentado. Em 12 de julho de 1860, escrevia-me elle da Nazareth dizendo-me:

Nazareth, 1860, Julho, 12

A continuação do meu teimoso padecimento obrigou-me a deixar a patria, e a vir procurar em terra alhêa o que não achava na propria. A passagem para aqui, incommodos imprevistos da jornada, arranjo de casa n'esta localidade; eis aqui a causa por que tenho demorado a resposta á muito obsequiosa carta de v. ex.ª, e não agradeci ainda, o que agora faço, o generoso mimo de Lacordaire. Accrescentarei a esta outra causa: a confiança na bondade d'um coração de 24 annos.

Não é preciso ser propheta, para predizer futuros, que são consequencias logicas do presente. Não é difficil vaticinar a belleza dos fructos da arvore quando feita, quando apresenta tão saborosos os primeiros que dá: as estrêas regulão o que se deve seguir.

As letras, consideradas como instrumento de celebri-

dade e de gloria, só pedem o que v. ex.ª já tem; o genio e o desejo de as cultivar. Olhadas pelo lado do interesse, são um campo que, raras vezes, corresponde aos trabalhos de quem o cultiva, campo cheio d'espinhos e d'abrolhos. A natureza commette um erro, quando faz nascer o genio fóra do berço da fortuna. Pode elle descer ás occupações das profissões uteis, aos algarismos do commercio, ás cifras da agiotagem, etc.? Contente-se o meu amigo com o seu destino; a gloria das letras não vale menos que os cofres pejados dos ricos: são riquezas de differentes generos; e quem não prefere as do espirito ás da materia?

Aqui fico n'esta terra, onde me demorarei por alguns mezes, a ver se a mudança d'ares muda para melhor o meu estado precario de saude. Nazareth é o objecto mais caro ao meu coração, desde a idade juvenil. Nazareth, visitada por v. ex.ª, dar-lhe-hia materia para uma longa serie d'interessantes folhetins. Que partido não tiraria a sua imaginação d'esta posição, que tanto approxima o homem do ceu, dos alcantis que a orlam, dos mares que lhe beijão a raiz, lá muito em baixo, da pureza d'estes ares, das tres povoações (Nazareth, Pederneira e Praia) que dão a mão umas ás outras, a primeira do pinaculo d'este velho promontorio, a segunda das collinas imminentes ao mar, e a terceira, irmã mais nova, que eu vi nascer, banhada pelas ondas, e visitada de tantas e tan-

tas gentes no tempo dos banhos! Que direi do sanctuario de Nazareth, tão antigo como a monarchia, e de tão agradaveis reminiscencias religiosas! A religião e a natureza offerecem aqui um rico banquete á imaginação, e ao espirito reflexivo.

Aqui fico n'esta terra, repito, apreciando sempre a fortuna de ter conhecido a v. ex.ª, e de ter recebido tantas provas da sua amisade. Creia, que muito o estima, etc.

Francisco Raphael da Silveira Malhão.

Não sei se a minha resposta a esta carta chegou á Nazareth antes de mim; o que sei é que escrevi a Malhão a dizer-lhe que ia, e parti sem demora.

Na Nazareth estava uma companhia de theatro, composta de actores conhecidos, Pinto de Campos, Gil, Florindo, Martins, Mendes Leal Antonio, e, — á ingleza, o melhor para o fim, *and* — Izidoro. Fôra Francisco Fernandes, hoje no Brazil, actor que se estreára no theatro de D. Fernando, quem fizera o milagre de conseguir que elles fossem á Nazareth.

Quando cheguei á praça, Francisco Fernandes, que tinha a paixão do barulho, largou a deitar foguetes logo que me viu. Malhão, que estava na egreja, cuidou que era um cyrio. Disseram-lhe que não era um cyrio, que era eu! — !

Vivi alli quinze dias do modo mais original. Quando não estava com Malhão, estava com os comicos. Malhão era o meu dia, os comicos a minha noite. Malhão sabia isso, provavelmente, mas porque a veneração que eu lhe guardava me não permittisse fallar-lhe das alegres ceias depois dos espectaculos, na hospedaria, e porque elle se limitasse a aconselhar-me que não jogasse, nunca entre nós se tratou d'aquelle assumpto. De mais a mais, da Nazareth mesmo escrevi folhetins para a *Revolução*, e, indo ler-lhos, elle riu de eu contar, entre outras coisas, que estava aquartelado com um anão na unica hospedaria do sitio,—um anão que se mostrava por dinheiro—e que, ás noites, para nos entretermos, quando não havia theatro, faziamos, o anão, a mulher do anão, e eu, uma partida de dóminó.

Porque minha mãe estivesse por aquelle tempo a banhos em Peniche, fui, no intervallo das festas *da terra* ás festas dos cyrios, que se realisam uma semana depois e duram tres dias, visital-a alli.

Peniche é melancholica, e encantadora; mira-se nas aguas não como uma *coquette*, mas com a expressão triste e poetica da noiva de um maritimo. Quando o mar accomette a praça e o vento redemoinha raivoso, Peniche parece esconder-se atraz das suas muralhas, como medrosa de morrer...

Por uma fresta da janella, as senhoras, que, n'aquella

villa, não deixavam ainda n'esse tempo ver o rosto, espreitavam com recato. Na rua usavam mantilhas e enviezavam-a por maneira que não se lhe distinguisse senão a ponta do nariz.

Em todas as ruas, rara a casa baixa em que não se vissem rendeiras a trabalhar; raparigas quasi todas, e, em geral, bonitas, sentadas juntinhas umas ás outras, entregues todas aos bilros e ao torçal.

Havia por lá, ao que me disseram, uns agiotas que lhes adeantavam os aviamentos, e, como emprezarios, lhes davam uma bagatela pelo trabalho de cada dia. É de crer que ainda assim seja. Peniche é pobre, e as rendeiras não haverão, provavelmente, melhorado muito de fortuna, apezar da estimação que se dá em Lisboa ás rendas que ellas fazem.

Ninguem sabe ao certo como principiasse em Peniche esta industria das rendeiras. Uma senhora muito sabida em contos, tradições, e lendas, disse-me, de uma occasião, que todo o segredo d'aquelles tecidos, quem o ensinára a uma rapariga da terra fôra a Virgem Maria em pessoa! ...

A rapariga andava namoradissima, e triste de ser pobre e o seu noivo ser rico.

N'uma noite, estando ella a chorar, e a lastimar-se da sua sorte, truz, truz á porta. Entrou uma senhora de sobrenatural belleza; sem soltar uma só palavra, depoz

sobre os joelhos d'ella, bilros, e linha fina. Depois, e, do mesmo modo, sem fallar, principiou a fazer trabalhar os bilros, ensinando por seu exemplo a maneira de se servir de tudo aquillo e de conseguir os desenhos que pareciam estar a nascer-lhe debaixo dos dedos, formando toda a qualidade de malhas e flores bordadas, como jamais se havia visto.

Quando a discipula aprendeu, por arte que ja fizesse tal qual, o que acabavam de lhe ensinar, ia a romper a manhã... Então a divina figura desappareceu...

Logo agradaram tanto as rendas e principiaram a vender-se com tal procura, que a pequena dentro em pouco tempo tinha, com o producto da venda d'ellas, um dote tão taful que a familia do noivo, que era bem remediada, teve grande satisfação de annunciar-lhe que consentia no casamento e applaudia a união de tão formoso par.

Nunca houve felicidade maior n'esta vida do que a d'aquella gentil noiva. Feliz como esposa ; d'alli ao tempo devido, feliz como mãe : e, sósinha no segredo de fabricar as rendas, ganhando lindamente, ganhando um dinheirão, ganhando o que queria.

N'uma noite que ella estava no seu serão, dá-lhe que dá-lhe, bilros para cá, bilros para lá, ao passo que o marido a contemplava com ternura e os filhinhos lhe brincavam aos pés, de repente entra n'aquella casa a mesma

desconhecida que lhe revelára o segredo, causa de toda a felicidade em que viviam.

Vinha, porém, triste e serena.

— Estão aqui a paz e a abundancia, estão ; — disse : — mas, a miseria e a fome andam por essas casas e ruas de Peniche. Vim eu a ti, mas tu não foste aos outros. Com isso, chorando, os anjos, de ti afastam a vista...

E desappareceu.

Do dia immediato em deante, foi bater de porta em porta, e entrar de casa em casa, a pobre mulher que assim fôra admoestada; e levando torçal e bilros, offerecia-se para ensinar a quem quizesse aprender a delicada arte de fazer rendas...

— Queres que eu te ensine, Maria? queres tu Joanna? e tu, e tu, e tu, Rosalia, Gertrudes, Margarida?

— Queremos, sim, se queremos !

As iniciadas quizeram tambem depois ter discipulas; e assim se estabeleceu em Peniche a industria das rendas, modo de vida de quasi todas as mulheres d'aquella terra encantadora e triste, cercada de rochedos fragosos que parecem estar dizendo que a natureza a defende como a providencia...

Na volta para a Nazareth, tendo-se-me acabado o dinheiro, estive mettido n'uma casa de venda de vinho n'um sitio chamado a Amoreira, emquanto a arrieiro foi da minha parte tratar de me arranjar *oiro*, como se diz

nos melodramas! Estive alli dois dias, a comer sarda que lá vendiam, e salame que eu havia levado. O da locanda dizia ao balcão, — em tom de mysterio aos freguezes:

— Não sei quem venha a ser este rapazola, mas é homem poderoso; até a chouriça, que come, vem embrulhada em prata!

Era o papel do salame, que o deslumbrava!..

Logo que o arrieiro appareceu com o dinheiro, fizemos contas com o estalajadeiro, e, apezar de ir principiando a ser noite e de estar a armar-se uma trovoada, puz-me o caminho.

Pouco adeantei com isso, porque a trovoada estabeleceu-se por alli como se estivesse na sua casa, e a chuva era em taes proporções que o arrieiro luzia todo e não fazia senão dizer-me:

— Vamos recolher-nos, senhor! Vamos ficar por aqui, olhe que não temos outra noite!

— Por aqui, onde?

— Ha já adeante uma pouzada...

— Vamos a ella! E depressa...

De noite, ou porque me resentisse da molha que apanhára, ou porque me fizesse mal a comida, o caso é que, de repente, senti-me doente. Chamou-se o cirurgião de um logar distante uma legoa d'esse povo. O cirurgião tomou-me o pulso, examinou-me os olhos, e fez gosto

em que eu deitasse a lingua de fóra. O arrieiro, que me era em muita maneira affeiçoado, perguntou-lhe se eu teria a espinhela cahida, — doença que elle proprio já tivera ao ponto de o haver levado á cama.

—Não, homem! disse o cirurgião. Isto é um pequeno...

— Um pequeno?

— ... incommodo. Dê-me papel e tinteiro.

A dona da casa, — moça guapa, conhecida n'aquelles sitios, e que estava casada havia pouco mais de um mez — disse de uma das portas, onde estava a espreitar:

— Se a penna não estiver boa, eu dou outra.

O arrieiro poz tinteiro e papel em cima da mesa. O cirurgião escreveu. Depois, tornando a dizer que o caso era leve, despediu-se até o outro dia, montou a cavallo, e foi-se embora. Eram dez horas da noite. A receita marcava infusão de flor de laranja. O peor foi, que, em todo o logar, não havia flor de laranja. A este tempo a familia da casa tinha ido deitar-se. O arrieiro correu a casa toda: vasculhava por todos os lados, — mechia aqui, mechia alli, abria gavetas, fechava-as, até que descobriu n'um armario, mettida n'uma redoma de vidro, e, em cima de uma almofadinha, a corôa de noiva da dona da casa. O arrieiro, por ser de um natural amoravel e querer o meu bem, pegou-lhe logo, foi mettel-a n'uma cafeteira em bastante agua, e deixou ferver aquelle emblema encantador de uma innocencia, a que ninguem

provavelmente teve nunca a mais pequena coisa que dizer.

Depois, deu-m'a a beber, n'uma chavena.

E eu bebi...

Quando tornei a apparecer na Nazareth estava tudo em festa. A enorme ladeira que conduz á villa achava-se já cortada de mendigos estropiados, que concorrem alli de todos os pontos do paiz fiados na affluencia de devotos. Chegavam, a cada instante, carros de todos os feitios, carregados de gente; cavalleiros, peões, celebridades do momento chamados jogadores de pau, as romeiras com os seus chapeus enfeitados de rosas, jasmins, e dhalias, a mulher que na praça dos toiros havia de farpear mettida n'uma dorna, os que iam a galope para já lá se acharem quando chegasse o cyrio da Prata Grande, ou o da Ericeira, as banhistas da praia em observação critica aos que passavam, a multidão buliçosa d'aquellas curiosas festas, — trinta mil creaturas que durante o anno esperam por esta funcção, e que, em chegando o tempo d'ella, largam tudo e correm para a Nazareth.

Na hospedaria havia um reboliço de metter medo. A estalajadeira pediu-me que a desculpasse, mas que, nas tres noites que iam seguir-se, não haveria alli rei nem Roque, e que um hospede, fosse elle quem fosse, teria de sujeitar-se a estar com outros hospedes no mesmo quarto. Moido da jornada, reservei para o dia immediato tudo

quanto houvesse e fui-me deitar. Havia já outra cama, defronte da minha, destinada a José Joaquim Pinto, que foi depois por muitos annos emprezario do theatro de D. Maria II em sociedade com o actor Santos, e é emprezario hoje do theatro do Gymnasio. Adormeci tão contente como se eu mesmo é que houvesse encommendado os foguetes que estalavam nos ares a cada instante...

De manhã abro os olhos e vejo uma turca, gentilmente recostada a um canto da casa. Uma turca, sem mais nem menos, vestida á moda do seu paiz...

Que prodigio!

Sem saber bem se estava a sonhar, conservei-me um pouco de tempo muito quieto, até me convencer que estava acordado, e que a turca nem era uma visão nem uma boneca...

Era uma mulher!

Tudo se explica em lhes dizendo que, durante a noite, chegára a companhia de arlequins; dera duas *funcções* ou quatro, ou cinco, e em seguida distribuiram-se por onde acharam quarto com porta aberta. Isto é, o meu somno fôra tão profundo, que não posso affirmar que, á turca, não fosse o magnanimo emprezario Pinto quem lh'a abrisse...

Estavam a banhos na Nazareth as tres familias Ferreira da Cunha, Abranches, e Gallo, que formavam

uma familia só. Ferreira da Cunha era o celebre advogado do marquez de Niza, Abranches era o auctor do *Captivo de Fez*, Gallo, advogado tambem, era além de tudo um homem engraçadissimo.

Costumava eu ir ás tardes á praia sem ser pela estrada: do *sitio* (logar do milagre) onde é a praça, a casa da Nazareth, palacete em que morava o admnistrador D. Francisco de Salles, o theatro, e a hospedaria, á praia e ás casinhas do jogo e dos banhistas, é um quarto de legoa; — a gente do povo, para evitar essa delonga, senta-se no monte de areia que está imminente sobre a praia, e a areia mesma a conduz docemente e com a rapidez de um caminho de ferro; — assim descia eu.

N'uma tarde, em que pratiquei este exercicio com a mestria que me distinguia n'aquellas delicadas circumstancias, chego á praia, vejo um rancho de gente, a olhar para mim e a rir; e, immediatamente, do grupo, que se compunha de seis senhoras e tres homens, destacam dois, e veem direitos a mim;

— É o sr. Julio Machado, se não nos enganamos?

— Perfeitamente...

— Somos Ferreira da Cunha, e Antonio Joaquim Abranches; estão alli as nossas familias, e o homem que ficou a acompanhal-as é o doutor Gallo. Dâmos amanhã um pique-nique na sala grande da casa da Nazareth, e, porque o vêmos por aqui ás tardes, sósinho, lembrâmos-nos

que talvez lhe seja agradavel dar-nos o gosto de ser dos nossos... Somos vinte...

— Com mil vontades, e mil agradecimentos!

— Vamos á apresentação!

Uma vez feita a apresentação ás senhoras, disse-me o doutor Gallo:

—Elles de mim não lhe disseram palavra? Sou o Gallo, advogado, Largo do Pelourinho, por cima do botequim do Marcos Felippe, 1.º andar: e aqui, na praia, aquella casa á esquerda, para onde iremos em sendo noite, conversar, dansar, jogar... (E, como eu, a esta palavra, me acudisse a recommendação de Malhão: — «Cuidado com o jogo! Na Nazareth não se faz outra coisa de noite por este tempo!» — e ficasse talvez com ares perplexos, o doutor acudiu logo:) — O meu cunhado Ferreira da Cunha joga tudo que o meu amigo quizer, o meu cunhado Abranches joga só o wisth, eu não jogo nada, e as meninas (uma filha sua, duas filhas do doutor Abranches, e uma filha do doutor Ferreira da Cunha) jogam jogos de prendas. O que escolher, jogará: tudo, wisth, ou prendas!?

— Prendas!

— Magnifico! Vamos passear. Não lhe dê cuidado a retirada. Ha um cavallo d'aluguel, que leva um homem a toda a hora da noite, da praia ao sitio por seis vintens — preço fixo; um cavallo branco, como o do Apocalypse! Vamos passear.

Passeámos, fomos aos jogos de prendas, rimos, conversámos, — Ferreira da Cunha era um conversador admiravel! — appareceram lá os irmãos Pinheiros, das Gaeiras, Adriano, o mais velho d'elles, e seu irmão Antonio; tomou-se chá, havia cavacas frescas, e uns bolitos oriundos da Nazareth; historias e mais historias, ditos, novos jogos, novas historias, novos ditos, — n'isto tropel na rua —...

Era uma hora da noite...

Chegam todos ás janellas, — e ouve-se dar os meus signaes e pronunciar o meu nome em tom de anciedade...

— Que é isto?!

Era Francisco Fernandes e uma parte da companhia, que, não me vendo apparecer no *sitio*, informados de que eu descêra á praia, e na persuasão de que na praia eu não conhecêsse ninguem, andavam em minha procura, receosos de encontrarem o que porventura para a curiosidade da sciencia valesse mais do que eu em vida — o cadaver de um folhetinista!

Compreende-se bem que por melhor companhia em que eu me achava, logo corri ao chamamento da voz amiga de Francisco Fernandes, e do Martins, e do Gil, e de outros, meus companheiros de mesa, porque na Nazareth com elles jantava e ceava sempre.

As amaveis familias com quem me achava, tinham co-

ração para apreciar isso, e juizo para o entender. Deixando-me partir, depois de instarem gentilmente com os meus amigos para que entrassem, limitaram-se a dizer-me á despedida :

— Ás seis horas, amanhã, na casa da Nazareth ! A toirada principia ás quatro, esteja livre em faltando um quarto para as seis !

Toda essa mescla de relações, que sempre tive, explica-se pelos destinos da minha vida e pela feição natural do meu genio ; em geral, porém, a mocidade, sem ter as razões que eu tinha para que assim me succedesse, é propensa muitas vezes a uma alternativa de *meio*, como se diz agora, de que nunca resulta mais tarde senão quebras de estima, e ingratidões.

Sinceramente, se eu tivesse de principiar de novo, evitaria a confusão e balburdia de conhecimentos ; e trataria de entrar e permanecer exclusivamente n'uma classe, — na alta — ou na baixa. Quanto menos se adopte este systema, mais vem, com o tempo, um homem a encontrar-se só !

Para que lhes digo isto ? Porque a unica utilidade, que esta obra dos *Apontamentos* pode ter, é a da verdade e sinceridade, a utilidade do exemplo. Aliaz, para que lhes estou a fallar de mim ?

O que pode ser interessante n'isto não é o que me aconteceu, — é o que aconteceu a um rapaz, que, como

se vê do primeiro volume d'estes *Apontamentos*, se achou, aos dezesseis annos, sem pae, que lhe morrera, sem mãe, que vivia longe, e sem os bens, que lhe pertenciam, e de que a hypotheca enguliu os rendimentos; — uma vez dada esta serie de circumstancias, observar como as coisas se passaram, até alcançar pelas lettras, — n'um paiz em que todos ralham d'ellas, d'ellas se queixam, ou manejam a arma não prohibida, perfeitamente assassina, elegante e envenenada, do *mas*, — não uma victoria, que isso não valeria nada, mas um milagre, viver. Depois, — nas vicissitudes de uma carreira em que a vontade e a força não se revelam na grandeza do fim attingido, porém sim na isenção de sujeições interesseiras, de baixezas ambiciosas, e até das mais aceitaveis e aceitadas especulações, dos que, para alcançarem, fazem officio de cão, — lamber — morder, — dar logar aos que entram na vida não pela porta doirada nem pela porta das flores, a fazerem de si para si as suas considerações, e emendarem para seu uso o capitulo *tal*, muito embora por ventura outros capitulos, outros trechos pelo menos, logrem a honra de lhes merecer o simples obrigado, que se dá, a quem nos diz por onde a estrada segue para ir dar aqui ou além...

Francisco Fernandes, contente pelos resultados obtidos na Nazareth, e, empreendendo novas conquistas, instou commigo para que o auxiliasse a resolver Santos e Emilia Letrublon, a irem dar algumas representações em Evora.

Santos ao principio mostrou-se difficil.

A Letrublon, a folia em figura de mulher, descobriu logo n'essa festa uns dias de vida airada...

— Ha hospedaria em Evora? perguntou ella.

— Ora essa! disse o Fernandes. Ha a grande hospedaria do Tabaquinho!

— Terá Champagne?

— Ha lá Champagne a rôdo! E depois, Evora é a terra da boa mesa! O João Theodoro, o *galleguinho*, tem um

festim todas as noites! Ha o manjar branco das freiras, que o meu amigo Luiz da Costa, barbeiro de Evora, barbeiro, dentista, cirurgião, e tudo, tem artes de alcançar a cada instante da generosa gulodice do convento... É uma cidade illustre, patria dos...

— Basta! disse a Letrublon. José? accrescentou fallando a Santos. Vamos?

— Hade o Machado vir comnosco!

— O Machado vae com certeza.

— Não posso! dizia eu...

— Então não vamos! retrucou Santos.

E o Francisco Fernandes:

— Ó Julio?!..

— Irei.

— Bravo! exclamou a Letrublon. Partâmos amanhã.

Não havia que dizer. Lisboa fazia-me falta n'essa occasião, — mas, que remedio senão preferir-lhe o João Theodoro, o theatro de Evora, o manjar das freiras, e o Champagne do Tabaqainho —... trocando a agitação da capital n'aquella epocha, pela soturnidade das noites de Evora?

Lisboa, de mais a mais, tinha n'esse momento uma novidade, — o Circo Price, que, sem embargo dos escrupulos e melindres dos que receavam que um tal divertimento irritasse demasiado os sentidos, conseguiu no primeiro tempo ser considerado por toda a gente de Lis-

boa como o ponto de reunião onde mais agradavelmente se passasse a noite. Alli se fumava, de chapeu na cabeça!: alli se estabelecia um namoro equestre bem armado! alli principiou Lisboa a beber o *bok!* nos intervallos, com o Frank Pastor, e um irmão d'elle, o dos saltos, o famoso William, que é hoje em Vienna o primeiro emprezario de circos; com o alegre Whittoyne, e, quando Deus queria, com as *écuyères*. No fim dos espectaculos, o gordo Price abancava no botequim com os principaes artistas e alguns amadores escolhidos, e convidava as *estrellas* da sua companhia. Havia-as alli de rara formosura. Ainda passada a primeira epocha, que foi a mais notavel a todos os respeitos, vieram ao Circo artistas excellentes, e mulheres admiraveis: cito uma certa Mina Goetz, por exemplo, que atirava sorrisos como flechas, armada da sua graça e formosura raras, e da *feição* principal que a distinguia, feição correctissima, saliente, perfeita, encantadora, — a perna: não do melhor que por cá se havia visto, mas do melhor que ainda se não tinha visto n'estes reinos; pernas de Diana caçadora, que pareceriam esculpidas em marmore, senão fossem de uma mobilidade viva e inquieta que nem as azas de um passaro!.. O William Pastor, era o Leão temido pelos janotas da epoca como *turbatore di quelli contrade*... Chegava ao meio da praça, firmava no chão as plantas das mãos ou as palmas dos pés — ... a lembrança d'a-

quelle sarilho me fez enganar agora! — e principiava n'uma vertigem de saltos encadeados uns nos outros, rolando no ar como uma bola com que o vento se divirta; saltos mortaes, duplos, triplos, para diante, para traz, sobre uma mão, sobre um pé, sobre... outro salto, — que produziam o mais terno effeito no bello sexo!

A Kennebel, a Gaertner, os famosos Delavanti, um milagroso Howard, os Sterzembach, umas poucas de *familias* prodigiosas, familia Gauttier, familia Boisset, familia Vilespy, com os americanos Hiller, o *diabinho* Julio Peres, os Mariani, o Camargo, a Mina, gymnastas, *écuyères*, trabalhadores em jogos icarios, rebequistas, homens elasticos, creaturas que se seguravam ao trapesio pela ponta do queixo, homens que ensinavam cães a dansar, palhaços em todos os generos, familias *impossibles*, como dizem os hespanhoes; foram durante tres annos nosso encanto e delicia nossa!

Um picador celebre, um tal Herzog, agradava bastante; mas a mulher d'elle, amazona, ainda agradava mais, não como amazona, mas como mulher d'elle. Os rapazes fizeram-se muito amigos d'esse Herzog, e mostraram-lhe vivo desejo de viverem na intimidade d'elle... Os artistas de Circo, pela maior parte das vezes, em os tirando da praça e lhes despindo os fatos de meia, perdem o encanto, e ficam reduzidos, pela rua, a terem ares de heroes em disponibilidade, chapeu mole, rosto triumphan-

te, costuras do fato esbranquiçadas, gesto ora emphatico ora por extremo humilde, mãos sujas, e botas alegres de mais...

Em se reunindo no botequim ou na casa de pasto, não fallam senão de triumphos...

Ouvem-se os applausos no ecco, quando elles narram...

— No Circo do Rentz...

— Ah! Tu estiveste no Rentz!... Em que estação?

— No Circo de Londres... No Hyppodrome... No Principe Affonso...

— O Price,... o Ribas,... o...

E salta um capitulo de cabalas ignoradas, intrigas, peripecias, victorias, luctas que mais ninguem conhece, de que mais ninguem ouviu fallar...

Bem. De accordo. É assim mesmo.

Mas, o Herzog, esse, não era assim!

Era um russo, que havia sido militar, passára não sei que lances por causa d'aquella mulher, e não estava resolvido a que essa mulher, que era a sua... pudesse parecer não o ser de todo.

Uns poucos de rapazes empreenderam a conquista da formosa russa, e um d'elles principalmente, o marquez de C. M., chegou a declarar-se apaixonado por ella, e a jurar aos do seu grupo que haveria de triumphar da rebelde moscovita. Tudo eram convites e mais convites ao Herzog, para jantares, passeios, ceias, almoços. Elle

acceitava e ia. Mas ia só. Um dia perguntaram-lhe pela mulher.

— Nunca vem a estas festas! disse elle. Na Russia vêmos isso com maus olhos. Não é como em Portugal. Ha por lá uns rapazes, que convidam os maridos com a esperança nas mulheres. Nós, que d'essa experiencia tiramos o desdem que temos por elles, acceitamos os seus convites, porque, como artistas, não nos convem indispormos-nos com o publico; mas só quando, um dia, jogamos jogo franco, e atiramos as cartas á mesa, é que lhes dizemos que somos mais espertos que elles, e lhes fazemos perceber que estimamos nossas mulheres. Em Portugal não é assim? Talvez. Mas, ficamos da Russia com estes usos bisarros! Que se hade fazer?

O marquez fez que não entendia, e, n'esse mesmo dia, offereceu-lhe um cavallo. Elle sorriu-se, e acceitou.

Houve tregoas desde esse dia á furia amorosa; e, coisa curiosa, que se dá muitas vezes da parte dos que pretendem ser amantes com os que sabem ser maridos, o marquez principiou a ter pelo Herzog uma dedicação de amisade, sincera e verdadeira.

Foi por esse tempo, que um mancebo da nossa melhor sociedade se namorou da mais bella amazona que olhos humanos têem visto, e, depois de a applaudir com o phrenesi enthusiastico dos vinte annos, quando ella montava a sua gentil egua arabe amestrada na alta escola de

equitação, fez apagar dos cartazes aquelle nome que era um dos segredos da fortuna do Price, e transformou-o para o mundo n'outro nome, — no seu.

Quando eu disse no Circo que ia para Evora, — n'aquella epocha em que não havia ainda caminho de ferro para esses sitios, — suscitei a admiração das pessoas que me ouviram. Figurava-se isso como uma viagem perigosa!

Partimos no vapor do Barreiro, e o actor Taborda foi alli dar-me um aperto de mão e um frasco com agua ardente para os frios da noite. O frasco tinha uma correia, que o tornava proprio para ser posto a tiracollo; e a tiracollo o puz. Chovia a potes. Partiu o vapor, chegamos ao Barreiro ao cair da noite, e toda a nossa esperança, n'essa verdadeira noite de invernia, era o chá de Vendas Novas, que tinha fama de ser o melhor chá do paiz. Em Vendas Novas, ponho n'uma cadeira o capote em que ia embrulhado e tomo chá em companhia de dois passageiros que iam na diligencia. Acabada essa feliz ceremonia, o cocheiro vem dar aviso de que vae *engatar*: levanto-me, vejo um bolso de viagem em cima da mesa, tomo-o pelo meu frasco, e ponho-o a tiracollo, sempre a tiracollo. Em seguida, capote no braço, e toca a accender um charuto. Um dos passageiros a este tempo corria a casa, espreitava por baixo das mesas, das cadeiras, n'uma afflicção terrivel. — «Vamos embora!?» dizia

lhe eu. E elle : — «Deixe-me, senhor ! Perdi um bolso de viagem em que levava alguns vintens que tinha !» — «É procural-o !» — «Isso faço eu !» De repente, estaca diante de mim : — «O sr. é que o tem !» Eu tinha um de cada lado, o frasco do Taborda e o bolso d'elle.

As estradas n'aquella epocha tinham má fama. Iamos dormindo, e, de subito, um de nós, larga a berrar : — «Ladrões !» Acordamos meios tontos e turbados, atordoados dos gritos, e avistamos uns poucos de homens estirados no chão, embrulhados em mantas, com tres lanternas ao pé de si — «Uma quadrilha !» Um dos passageiros tirou um annel que lhe havia dado uma rapariga, e escondeu-o na bota... Qual quadrilha ! Eram os moços da *diligencia*, que esperavam, em Montemór, para mudar o gado.

Entramos festivamente em Evora, ás oito horas da manhã. A entrada da cidade é alegre ; quintas e mais quintas de uma frescura extrema. O olhar hesita, quando depois se fixa no interior da cidade, em acceitar o estylo desgracioso da casaria, predios brancos, corcovados, de informes sacadas vermelhas, ruas em que se passa por baixo de arcos acanhados e desiguaes... A par d'isto, alguns palacetes magnificos, destinados a brilharem por si sós, porque nunca se veja ninguem á janella...

Sente-se a solidão.

Cae-se n'uma atonia physica e moral, n'uma melan-

cholia phantastica. Chega uma pessoa a suppôr que Evora desde os deuses nunca mais fosse habitada. A proporção que se encontra o solar de Garcia de Rezende, a Casa da Misericorida, onde estiveram as freiras maltezas, e a casa de Vimioso, em que apenas se adivinha nas janellas a ordem gothica, estando até os arabescos das cimalhas trocados por ornatos modernos, não se logra fazer idéa alguma da época em que se está, e acodem logo desejos de procurar a sepultura de Venus...

— O que ha que ver? pergunta-se.

— A Cathedral, a Bibliotheca, e S. Francisco depois de tudo — ... por originar impressão mais funda.

Pensa cada um :

— O que será?

Principia-se pela Cathedral, egreja magestosa e clara; tres entradas, a porta principal, a porta do norte e a porta do sul; vasto templo; anachronismos, erros da perspectiva e de gosto nos remoçamentos, por exemplo uma capella a interromper a linha de columnas, uma porta lateral que parece uma porta de escriptorio, a capella-mór em desaccordo com o estylo do templo; mas — de uma riqueza, que não ha remedio senão perdoar-lhe... E depois o quadro da *Invocação*, os bustos dos Apostolos, os ornatos, os marmores; a galeria dos arcebispos com os retratos; a casa das vestimentas, bordados de grande riqueza, maravilhas de opulencia; uma

cruz de pedras preciosas, pela qual em tempos se offereceram quatrocentos contos de réis; o famoso coro, notavel em trabalhos de entalhadura, arabescos, ornatos, figuras, emblemas profanos e principalmente agricolas, como era o gosto da epocha; finalmente subir á torre, contemplar dos terraços os suburbios, avistar o convento das freiras de S. Bento, o aqueducto, a Cartuxa, o forte de Santo Antonio, o convento dos frades do Espinheiro, um ponto escuro que é Evora Monte, Redondo, S. Miguel de Machede, a Serra de Alpedreira, a ermida de S. Pedro de Portel, a encosta e villa de Vianna onde se deu a batalha de 1846, a serra de Montemór mettendo a cabeça nas nuvens; e, ao espalhar a vista por aquella amplidão, sentir enlevada a alma, como atomo, que, nos calores do verão, se erga e se perca na atmosphera fluctuante...

Passa-se á Bibliotheca, que se deve a fr. Manoel de Cenaculo, considerado a flor dos arcebispos eborenses, o qual colligiu trinta e tres mil quatrocentos e vinte e quatro volumes, a que uniu avultada quantidade de manuscriptos e pinturas, offerta avaliada em tresentos mil cruzados. Pela guerra da peninsula foi desbaratada a livraria. A Bibliotheca teve na sua fundação um perfeito, um vice-perfeito, tres bibliothecarios, um cartorario, e um continuo, que entraram em serviço em 1811, sendo a vontade do prelado, na creação de tão util estabeleci-

mento, confirmada pela bulla expedida no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1810, undecimo anno do pontificado de Pio VII, assignada pelo nuncio Lourenço, arcebispo de Nicibene, precedida de licença regia de 21 de maio de 1807, e com o regio exequatur de 18 de janeiro de 1815... Quanda a visitei, tinha a Bibliotheca por empregados — um continuo.

Quando ha theatro em Evora, á hora de principiar o espectaculo da primeira recita chegam ranchos de homens, e enchem a platea, e os camarotes. Só homens. Se a peça é má, não volta lá ninguem : se é boa, na segunda recita vão as familias.

Os espectaculos de Santos e da Letrublon foram muito concorridos. Francisco Fernandes servia de ponto, e desempenhava algum papel pequeno, nas peças obrigadas a tres personagens. Ás vezes, fazia papel de velha ; estava no buraco do ponto vestido de mulher, e, quando chegava a sua scena, trepava para o tablado. A sociedade de Evora ria muito com isso. Elle conhecia effectivamente a principal gente da terra. Ao ponto de vista pittoresco, para elle Evora tinha dois homens : João Raphael de Lemos, antiquario, erudito, Evora antiga : Luiz da Costa, barbeiro, moço esperto, obsequiador, Evora moderna. Com este é que elle se entendia, e esse entendia-se com Evora inteira. Em poucos dias, Francisco Fernandes estava senhor dos segredos da localidade, e to-

das as manhãs ao almoço contava-nos uma historia. O creado que nos servia á mesa no *Tabaquinho*, chamava-se Florindo. Estivera para casar com a creada de um cavalheiro, que alli conheciamos, e havia sahido d'essa casa dois dias antes de nós chegarmos a Evora. Fôra escudeiro d'esse fidalgo. Dizia-lhe o Fernandes. — Já não casas, Florindo?» — «Não senhor!» — E o Fernandes para nós, quando elle voltava costas: — «Bem sei porque!» — «Porque?» disse o Santos. Francisco Fernandes referiu então que o fidalgo havia dito a esse escudeiro:

— «Não gosto de ter na minha casa senão gente casada. Custa-me ver-te solteiro, Florindo! Porque não cásas tu com alguma das criadas da senhora? Minha mulher havia de estimar tanto isso! De qual d'ellas gostas mais?» — «Da Romana.» — «Não és tolo. Pois hei de fallar a teu respeito; deixa estar.» — No dia immediato: — «O teu requerimento ha de ter despacho, Florindo. Romana não se mostrará contraria a que a pretendas!» — Florindo principiou a requestar Romana, e com tanto affecto e tantos zelos, que até, de uma vez, se lhe figurou que alguem, de noite, ia pelo corredor onde não havia mais que a casa da fructa, o forno, e a Romana. Pôz-se á espreita no dia immediato, e iria jurar que viu o fidalgo... Que fez o Florindo? Burrifou o corredor com agua, e despejou por alli uma caixa de obreias. De

manhãsinha foi-se ás botas do patrão, que estavam á porta da alcova para que as engraixassem, e poz-se a ver-lhe as solas. Tinham muitas obreiasinhas, muitas obreiasinhas...

Na breve pausa que se seguiu a esta historia, e em quanto a Letrublon ria, e o Santos meditava, Francisco Fernandes dizia-me com ufania :

— Nem o fidalgo nem a Romana sabem porque não casou, o Florindo! Só o Luiz da Costa o sabe, e eu!..

— Vamos d'ahi a S. Francisco... Anda ver uma coisa! disse-me o Santos. Logo riremos da historia do Fernandes,... para nos refrescarmos.

A coisa era a *Casa dos ossos,* uma ratice que lá ha, — o mesmo que ir metter-se a gente no papo da morte.

A egreja de S. Francisco, já vista de fóra, é linda. Frontespicio gothico, portada no gosto Manuelino ; por baixo das armas do lado direito refere-se a D. João II, que foi o que principiou a obra : do lado esquerdo a D. Manuel, em cujo reinado se concluiu. É historica por ter pertencido aos templarios, por haver sido freguezia em que foi prior André de Rezende e por instituir n'ella D. Manuel a irmandade da Misericordia de Evora, que é a segunda do reino. Por dentro, é uma egreja alegre, elevadissima, de columnas graciosas, paredes finas, tom de variedade e de elegancia... Lá está o jazigo dos Cogominhos, companheiro um d'elles de Giraldo sem

pavor... Alli está enterrado tambem, mas não se sabe o sitio, o nosso Gil Vicente.

De repente, um padre, o sachristão, um *cicerone*, alguem que nos acompanhe, diz friamente:

— A casa dos ossos.

Ossos, e ossos, em todas as paredes, de alto a baixo; caveiras por todos os lados, tibias e tibias...

Tentou outr'ora a velha antiguidade, como lhe chama o Bocage, expressar nos monumentos a idéa da morte; punham os egypcios aquelle sêllo da melancholia do seu genio em tudo que faziam, e, em quanto os gregos, elegantes sempre, gravavam apenas nas campas uma borboleta, como unico emblema que consagrasse á morte os marmores funerarios, a Italia representava nos baixos relevos, nos bronzes, nas pinturas, espectros e esqueletos... Mas n'isso havia intenção, era um protesto contra o orgulho dos grandes para os humilhar; e por isso os velhos poetas entremeavam os regosijos com a imagem da morte para os tornar mais vivazes. Alli, porém, na casa dos ossos de S. Francisco de Evora, nem intenção, nem arte. Fria brutalidade. Dir-se-hia uma brincadeira de mau gosto, uma *troça* grosseira, de rapaziada brava, á triste solemnidade da morte...

Algumas pessoas, fingem gostar. Ha gente que faz gala n'esses arremedos de coragem. Uma das coisas de que mais se recreava o Byron, por ser, ou para ser, o ho-

mem das excentricidades, era ir em Londres a *Hyde-Park* n'uma sege de defuntos.

Mette nojo, essa casa, em que as paredes são de ossos. A tristeza vive alli no horror, no silencio, e na noite. É-se assaltado logo de idéas confusas, tradições vagas, sonhos pesados, que transfiguram tudo. Herdava o paladino fabuloso a força dos que matava; e a gente parece mudar, em seus, os ossos que vê alli!

O soprar da brisa, entrando pelas frestas altas do templo, é glacial, n'aquelles corredores, n'aquella casa deserta e lugubre, aonde parecem passear a toda a hora fantasmas da noite, espantalhos funebres, a dizerem-nos que ámanhã haverão de anivelar-se comnosco no eterno pó...

Dizem os cirurgiões, haver exemplo de que doentes a quem se tenha cortado um braço ou uma perna, se queixem ás vezes, em certas condições de temperatura, de soffrerem da perna, ou do braço, que já não têem. Dá-se alli, com os visitantes, ainda mais que este phenomeno. Ao ir um homem lá parar com os ossos, sente-se esfriar... nos que lá vê.

A Letrublon queria fugir, o Santos esbogalhava os olhos, e deixava arripiar-se-lhe a formidolosa ganforina, que parecia em suas ostentosas proporções desafiar a minha trunfa por igual ambiciosa n'esses tempos, e, naquella hora, por igual arripiada...

O que a gente tinha de cabello n'essa quadra romantica, chegaria hoje a parecer mentira!.. O Santos, coitado, esse, tinha cabello, e tinha tudo por si, tudo a seu favor, tudo a sorrir-lhe, n'aquelles dias. Moço, com saude, alegre, amado; dispondo de dinheiro, do encanto e vantagens das commodidades; vivendo n'uma casa boa, quente no inverno, fresca no verão, bem mobilada, criadas, criados, excellente mesa, boa companhia, muita gente a cortejal-o, uns que precisavam lisonjeal-o e outros não, especuladores, e tambem sinceros; o que se póde ter, emfim, mais agradavel, ver bom modo em todos, respirar poesia no bem estar da vida e do talento!

De uma occasião e de repente a roda principiou a desandar...

Tudo então, ou quasi tudo lhe fugiu...

Cousa notavel, os cegos haviam-lhe produzido sempre uma impressão extraordinaria. Quando no theatro de D. Maria se ensaiou o *Tartufo*, a cada instante elle, maravilhado da riqueza de recursos com que o illustre traductor sabia fazer valer e brilhar a lingua portugueza, exclamou com aquella expressão de artista tão privilegiada que fazia uma só alma da accentuação do actor e da commoção do espectador: Oh! este cego!...

De outras vezes, se encontrava nas ruas um cego tocador de guitarra, que aqui havia, o qual andava acompanhado por um pequeno, fixava-o muito:

— Coitado! dizia. E que boa cabeça! Fronte alta, rugas parallelas e pouco cavadas, orbitas profundas; e, na parte inferior do rosto, pelo sereno das linhas, pelo suave dos contornos, aspecto de mocidade! Que destino, hein? Escutar as vozes da natureza, mergulhado sempre em sensações tumultuosas, e armar a tristeza por tal arte que lhe faça fallar a linguagem das harmonias terrestres tocando o fado na guitarra! Olhem que historia aquella!

... E agora é elle que chora a desgraça propria de já não poder espraiar na luz os formosos olhos de artista, que tanto valeram e tanto diziam por si sós nos grandes e brilhantes lances das suas noites de theatro!

Santos não era alegre, todavia, já n'esse tempo. Tinha elementos de felicidade, mas não era alegre. Alegre era o Francisco Fernandes, que tinha graça para um regimento, graça original, graça de idéa...

Quando principiaram, hoje uma, para a semana outra, a irem senhoras para a platea dos theatros, elle, de uma occasião, no theatro de D. Maria, quisilou-se de ter no logar adeante do seu uma senhora, que, com o chapeu, lhe tirava a vista.

Quando lhe pareceu, disse-lhe:

— Ó minha senhora, faz favor de tirar o seu chapeu, que não me deixa ver nada nem a quem está atraz...

A senhora olhou para elle, surpreendida, e calou-se.

D'alli a nada, o Fernandes:

— Ó minha senhora, faz favor de tirar o chapeu, porque não me deixa ver nem ás pessoas que estão atraz...

Ella:

— O sr. bem sabe que eu não posso tirar o chapeu!

— Ah! Isso, pode. Póde pôl-o, logo pode tiral-o.

Ella com grande enfado:

— Não quero.

Elle, um instante depois:

— Vou dizer-lhe, pela ultima vez, se faz favor de tirar o chapeu, porque não me deixa ver nem ás pessoas que estão atraz...

Ella, moita.

— Não lh'o torno a dizer; e repare bem, minha senhora, porque não respondo pelas consequencias... não me responsabiliso pelo que vae succeder.

Ella, com ares de arremetter, sacode desdenhosa, petulantemente, os hombros.

Momentos depois, a sala rompe em vozearia:

— *Beu! beu!*

Toda a sala, com furia, em berros:

— *Beu! beu! beu!*

Medonho!..

A senhora ouve aquelle motim horroroso, julga ser

ella quem lhe dê motivo, levanta-se do seu logar, sem olhar, sem ver ninguem, e sae precipitadamente...

Era o Francisco Fernandes, que havia posto o chapeu na cabeça.

Ella a sair, elle a tirar o chapeu.

Serenaram, por isso mesmo, os berros, de *beu beu;* a peça continuou; e elle, d'alli em deante, a seu commodo, desfructou o espectaculo que foi maravilha!

Uma carta de minha mãe foi dar-me, n'uma manhã de Evora, a noticia de que Malhão se achava mais doente. Por uma maneira o desejo de ir buscar minha mãe a Durruivos, para que, segundo o costume, passasse o inverno em Lisboa; e, por outra maneira, aquella noticia, fizeram com que eu apresentasse a idéa de ser tempo de deixar Evora. Foi isso o que a Letrublon quiz ouvir, desejosa como já estava de sair d'alli. Annunciou-se a ultima recita; e o Santos, a Letrublon, e o Fernandes, com ares de partirem de Evora para que eu não regressasse só, chegaram commigo ao doce accordo, logo que nos achámos na estrada, de confessarem que estavam, pelo menos, tão contentes como eu, por se verem já de volta no caminho.

Chegámos de madrugada ao Barreiro, e pelas sete horas a Lisboa. Na tarde d'esse mesmo dia parti para a Durruivos. N'esse tempo havia tres comboios da tarde; segui no das duas horas; cheguei á aldeia ás dez horas da

noite, indo encontrar n'uma confusão de gritos, que estrugiam os ouvidos do povo, o ultimo logarejo que se encontra antes da Durruivos, Valle de Canada.

Os habitantes, das oito ou nove choupanas, casas de rama, colmadas, tres ou quatro casebres caiados, e o resto verdadeiras choças pastoris, acabavam de acordar de repente. Levantam-se e correm ás portas a debruçarem-se ao postigo... Envolve-se na escuridão o campo, que a horrivel berraria atrôa... Ouvem-se os rebanhos nos curraes, como que a adivinharem temporal... Em alguem abrindo a sua porta, ahi entram os cães, em bandos, e aos latidos, de corrida, a refugiarem-se, atropelando os choupanarios assustados de sentirem, nus como estão, aquella malta, de repente, como o tiro de frecha que se fazia d'antes na serra ás perdizes, cair-lhes de chofre para cima das pernas.

As mulheres, em alaridos e vozes lastimosas, tudo é quererem que se lhes diga o que é passado... Tambem eu pergunto. Ninguem sabe. Ninguem pode dizer o que aquillo seja. É um reboliço, que ninguem sabe se vem lá debaixo, dos pinhaes que vão para a Durruivos, se da azinhaga que corta para o Sanguinhal, se do logar mesmo e dos curraes...

N'isto acorda um rapazito, chamado Francisco, que costuma andar com o gado de uma tal Rosalia, e larga a berrar:

— Ai que é o lobo! Ó tia Rosalia, é o lobo, que caiu no *cepo*, que lhe eu armei!

— O' demonio, pois tu armaste um *cepo de lobo?*

— E mais que armei, quem o armou fui eu! Levava o cepo do Thimoteo, todas as noites, ha mais de um mez, e de manhã tirava-o... Ai que reinata! Está lá em baixo na volta ao pé do rio... Apanhei o lobo!

Já os homens se armam, já as mulheres rompem a gritar que tambem querem ver, que esperem por ellas, arranjam archotes, poem-se a caminho, vae quanta gente ha em Valle de Canada, trinta e seis pessoas, com os cães, atraz, de má vontade. O cabreirito vae ás pernadas, pulo aqui, salto alli, contente, audacioso, intrepido, á frente do rancho, a commandar aquella tropa, de foice ao hombro... Fica Valle de Canada com as portas das casas ás escancaras, sem viv'alma. Não digo bem; ficam lá dois velhos: um pobre homem e a sua companheira, exasperados de os deixarem para alli abandonados a tal hora da noite, e com um medo do lobo que nem podiam fallar...

Quanto mais se vae chegando ao sitio a ranchada, mais aterradores se tornam os berros do animal... As mulheres espantadas do caso agarram-se aos homens; as creanças rompem a chorar e a pedirem para voltarem para casa.

— Elle tem geitos de ser graúdo! diz o cabreirito com

satisfação orgulhosa. Tem uma voz á mesm'alma. Apanhei um lobo, que é um regalo! Hé! amigo! Isto não é maio, não se trata agora de fazeres creação, — nem de espreitares de longe as rezes! Estão aqui cabeças bastas, mas não são de gado! Já querias preza, hein? para teu regalo, n'esta ninhada? Preso estás tu, e a batida é real! Estás com a bocca ainda maior e as orelhas mais pequenas! O' encrespado!? Hé lá! Que estacada, ó Zé?! Sus... O' diabo, ó lobo, ó maldito, ó aquelle — hé!..

Então, de repente, apparece, erriçado, o lobo, em pé, aos saltos de se ver preso com toda aquella gente adeante de si. Todo sujo de sangue, — e sangue d'elle d'aquella vez, para variar, — arreganhando a dentuça, e a deitar lume pelos olhos, ainda obriga a malta a parar em distancia, com receio de se chegar para elle...

— O que está a calhar é leval-o vivo! grita o rapazito.

— Cala essa bocca! Não sabes o que dizes! Então não querem lá ver! O rapaz cuida que isto é algum coelho! Arreda! deixa-me, a mim, estoiral-o com um tiro, a este raio do diabo!

E, palavras não são ditas, o João Sabino, da horta do poço, a mais bonita horta de Valle de Canada, vae a apontar a espingarda... ; mas, o Francisco, como se tivesse o demonio no corpo, salta furioso, pendura-se no cano da arma, afasta-a, gritando que se deve apa-

nhar o lobo vivo, que está alli gente que farte para levar aquelle caso a effeito, que não ha coisa mais facil.

Não poude dizer mais. Veio uma rabanada de vento sacudir a luz dos archotes; depois, reforçando, apagar todos de uma vez...

As mulheres gritam, os cães ladram; ninguem se entende... Fica tudo escuro como breu. Ninguem tem animo de se mecher, com medo de se chegar para o lobo. Chamam uns pelos outros, apertando-se aos encontrões. No auge da desordem ouve-se um tiro... Depois, maior ainda a calada e o susto...

Avistam-se duas luzes, do lado do logar... — chegando, chegando... até que se conheça quem as traz. São os dois velhos, que haviam ficado sosinhos em Valle de Canada, e que, de curiosidade, e de medo, não puderam parar em casa.

Chegam, aos tombos, truz, catrapuz, grazinando, a ralharem qual d'elles mais. Tornam a accender-se os archotes, correndo a roda, a um por um; mas, — agora o verás?! — que é do lobo?!! Já lá não está! O que lá está, no cepo, é uma das patas d'elle ensanguentada... O diabo do lobo cortára um pé, e fugira!

Logo ao chegar á Durruivos, e depois de abraçar minha mãe, e dar as informações devidas do caso nocturno de Valle de Canada, soube que Malhão estava devéras muito mais doente.

Uma enfermidade que lhe principiára com a velhice e fôra augmentando todos os dias, incharem-lhe as gengivas, isolara-o, havia já tempo, do seu maior prazer, o de conversar. A vocação d'aquelle homem, era de seguir a imaginação, escutar o que ella lhe murmurasse ao ouvido e ao coração no seio dos campos; a doença, o isolamento, fizeram-o acabar mais inesperada e dolorosamente a sua triste odysséa.

Foi simples a vida d'elle; não é caso para se dizer, como tanto se affirma de alguns, que seria preciso um livro para a contar; não: uma pagina bastará. Pela isenção do seu genio, pela humildade e penumbra dos seus destinos, Malhão não se encontrou nunca á frente dos movimentos de espirito da sociedade; conservou as boas noções, as noções sãs: foi o que fez. A nossa epocha tem sido por excellencia a dos escriptores catholicos, e, apesar de haver muitos inimigos da religião, tem havido tambem, lá por fóra, muitos padres que têem entretecido á egreja catholica uma corôa de sciencia e de talento; Malhão, condemnado ás condições do paiz em que nascera, á indifferença geral, á parcimonia dos seus meios de vida, exultou sempre com o ver a egreja apresentar uma serie talvez sem egual de apologistas illustres, mas não lhe foi dado mais do que alegrar-se com isso, e dizer aos romeiros, do alto de um pulpito da Nazareth, que, embora algumas vezes se haja predicto

a ruina da egreja, a arvore a que agoiravam quéda ia ainda provando a eterna fecundidade de sua seiva n'um rebento constante de força e de luz... Depois, terminadas as festas da romaria annual, voltava a Obidos, e continuava a viver no seu cantinho, pobre e doente, sem que os sermões, os versos, ou as lôas que compunha para as romagens, pudessem ser tidos na conta de enriquecerem o thesouro da defeza catholica em que figuravam os Wiseman, luctando em esplendor com os Lacordaire ou os Ravignan.

N'um grau obscuro, se o compararmos a esses personagens eminentes, não poude mais do que diligenciar manter a superioridade do clero catholico, e ser, na sua villa, o representante do ideial intellectual. Existencia laboriosa, pura; virtudes de familia; dedicação ao dever. Soube o que era viver com pouco, com quasi nada; conheceu a *res augusta domi*, em todo o seu rigor, sem se queixar; comia os feijõesitos da sua horta, e ia vivendo. Havia um stoico n'esse padre.

Outras nomeadas mais ruidosas decrescerão, e hão de desapparecer: a gloria de Malhão conservar-se-ha; foi um aldeão poeta, mas foi um homem de talento, um bom padre, um crente; viveu, com os seus livros santos, e com as tradições sagradas, cantando e achando consolações sufficientes na solidão do presbyterio, mystica união do levita com a egreja.

Fez-me falta aquelle espirito, aquelle coração alegre e bom...

E como por esse tempo o procurador me desse a noticia de que principiavam a libertar-se os predios, que por morte de meu pae haviam ficado consagrados a pagar dividas, e que teria, dentro de dois mezes, um, ao Salitre, esquina da travessa do Moreira, ás minhas ordens, retorqui como de rasão, que mandasse elle limpar e aformosear essa vivenda, e que, para encher esses dois mezes, me iria eu até Paris frequentar um bocadinho aquelles alegres maganões e maganonas, de quem sempre tanto ouvira fallar...

O procurador esbogalhou os olhos...

— Para França, sim ! Vae perguntar-me com que dinheiro. Não será com o d'esse predio, não. Esse, não o heide eu vender, tenho-lhe amor ; vivi ahi com o meu pae e a minha mãe, nos meus primeiros tempos de Lisboa ; em se livrando outros, então fallaremos, — porque hão de livrar-se os outros, — não é assim ? hão de servir para alguma coisa, esses santos predios, que ainda me não serviram para nada ! ? Heide *viajal-os*, procurador amigo, os das Amoreiras, o do Passo do Bem Formoso, o da rua da Praga, o da rua das Pretas ; e, uma vez que, em 1851, me aconselhou completa obediencia, completa passividade ao andamento da ruim fortuna, e que eu segui á risca os seus dictames, — agora tambem,

é tempo, caro sr. Rocha, de que elles saibam com quem de entender-se têem, esses predios amigos, que nunca me viram, e estão decerto desejosos de saber se é certo que eu tenha, como dizem, muito abertas as azas do nariz!

Contractei n'esse mesmo dia com o editor dos *Contos ao luar*, e das *Scenas da minha terra*, um livro novo, que houvesse de fazer a respeito de Paris. Acabára de receber o preço de um volume que lhe entreguei em manuscripto, *Passeios e Phantasias*, e o dinheiro, adeantado, do livro da viagem; a primeira pessoa, que encontrei, foi Thomaz de Carvalho; e tão contente eu ia, que me pareceu indispensavel dar-lhe noticias minhas circumstanciadas, mettendo-me com elle n'uma escada, e mostrando-lhe o dinheiro...

— Olha, vês?

— O que é isso?! Para que é isso?

— Para ir a Paris.

Elle deu-me um olhar como só deva dar-se a um irmão...

— Bravo! disse. Vae! É-te preciso.

Tomei passagem a bordo do *Ville de Brest*, que fazia a sua primeira viagem, e partia d'alli a dois dias. Por que Thomaz de Carvalho contasse em differentes sitios a scena da escada, a minha alegria, o meu dinheiro, a minha viagem, recebi cartas a recommendarem-me para

França; Casal Ribeiro apresentou-me a Erlanger, o famoso banqueiro; Lobo d'Avila, hoje conde de Valbom, ao visconde de Paiva, nosso ministro em Paris; Antonio Feliciano de Castilho ao celebre Ferdinand Denis, bibliothecario de Sainte-Geneviève; Teixeira de Vasconcellos ao conde La Varenne, a Hypolite Castille, auctor da *Histoire de la Seconde Rèpublique*, a Monselet, e a De Mazade da *Revue des deux mondes*; a senhora D. Maria Kruz teve a gentileza de querer escrever a sua irmã, D. Emilia de Azevedo, que já a esse tempo vivia desde annos em Paris, e dar-me a fortuna do seu conhecimento. Quando fui á noite á rua Formosa, buscar essa carta, estava jantando lá em casa José Estevam, e, ao dizerem-lhe que eu ia para Paris, levantou-se, veio direito a mim, com uma expressão de jubilo em que havia o seu quê de grande, como em tudo que elle fizesse ou dissesse:

— Vossê vae para Paris?

— Amanhã!

— É soberbo! exclamou. Sem dinheiro! Soberbo!..

Levantou-me ao ar, para me ver melhor. D. Pedro de Brito do Rio, a sr.ª D. Maria Kruz, e sua gentil filha, hoje condessa de Ficalho, riam a bom rir. José Estevam, no seu enthusiasmo, julgava-me mais heroico ainda do que eu era; eu levava pouco dinheiro, muito pouco, mas não era tão sublime que fosse absolutamente sem nenhum.

Como pode calcular-se, tudo foram deslumbramentos para mim n'essa primeira viagem a França!

O mar não estava bom nem mau, — o peor mar que ha para livro, porque não renda meia pagina sequer! — um mar para se ir deitado. Chegámos a Saint-Nazaire sem *perpassar da brisa á flor serena das aguas*, nem *gemer do vendaval nas ondas*...

Meio termo!

Ao olhar para aquellas margens e ao ver tudo tão bem aproveitado, tanta cultura, tanto gosto nas edificações, um tom tão simples e tão util na maneira de feitorisár, avistei a varinha da fada civilisação; e lembrei-me, abaixando os olhos, dos armazens do Ginjal, das cabanas do Barreiro, e da unica hospedaria de Vendas Novas, a tal do bom chá, cuja entrada era pela cavallariça! Para

consolar o orgulho patrio olhei para o ceu! de um azul esbranquiçado, ceu tambem *civilisado*, ceu *blasé*...

Saint-Nazaire, — que um nosso companheiro de viagens, o conselheiro Paiva Pereira, amavel homem, que traduzia todos os nomes para maior clareza, chamava Santo Nazario — era uma pequenina povoação, que, n'aquelle tempo, se julgava destinada a bons destinos e a ser considerada porto importante; hoje já ninguem falla nem pensa n'isso, e a companhia de vapores francezes, que faziam aquella carreira, trocou pelo Havre Santo Nazario e Saint-Nazaire.

Porque o trem expresso para Paris não devesse partir senão na tarde immediata ao dia da nossa chegada, parti para Nantes pela manhã, a aproveitar o dia em visitar a cidade, que, apesar de antiquissima, é bonita, com lojas faustuosas, grandes espelhos, lettreiros monstros, tudo a dispor e a preparar para se ter, por assim dizermos, uma idéa de Paris.

Já ahi senti perfeitamente a França; lembra-me, por exemplo, que, na hospedaria onde jantei estava n'uma das paredes um prospecto de um livro novo, que tinha por titulo — *Faut-il se marier?* por A. Fourgeaud. Faltaram tres minutos para a meza redonda; esperavamos na sala, uns poucos de francezes, dois allemães, e eu; os francezes olharam para o prospecto, sorriram-se, um d'elles tirou da carteira o lapis e escreveu de um lado: *Non;*

outro pediu-lhe o lapis e escreveu do outro lado: *C'est selon; pourquoi pas?*; o outro, com o mesmo lapis, escreveu por cima: *Ouff! jamais!*; finalmente outro, com o mesmo lapis, escreveu por baixo: *Oui, ça n'engage à rien*. N'isto, tocou a sineta pela terceira vez, guardou-se o lapis, e fomos jantar.

Parti de Nantes no comboio da noite; parámos n'algumas estações, creio que por brincadeira; os guardas diziam: — Dez minutos para os senhores viajantes! — depois, no momento em que os viajantes desciam para irem comprar um frangão assado, para beberem agua, ou mesmo para a *antithese* da sêde, diziam os guardas: — Os senhores viajantes recolham-se ás carruagens!

Entrei em Paris ás quatro horas e meia da manhã. Estava-se no fim de junho. Dormia ainda a população importante, a população proletaria acordava, a população elegante ia-se deitar. Metti-me n'um *coupé*, que seguiu ronceiramente, como querendo dar-me tempo a observar o que ia encontrando. Sentia o coração inquieto. Quando passámos ao lado do *Jardin des plantes*, a modo que receei que o celebre urso Martin, tão fallado, que n'esse tempo alli vivia, me perguntasse noticias nossas... Á medida que penetrava em Paris não via senão predios enormes, cobertos de lettreiros, alguns de alto a baixo; dir-se-hia uma cidade a deitar annuncios da sua expropriação por grosso e miudo!..

Doces dias da mocidade! Estremeço ainda á lembrança dos primeiros, alegres, dias, que então vivi em Paris... Tinha vinte e cinco annos, e a melhor das riquezas, um natural simples, empreendedor, alegre, sem outras ambições senão as de não ser o ultimo da minha profissão no genero em que trabalhasse, e levar vida divertida no tempo que me ficasse livre das obrigações do meu officio.

Para a minha edade e para o meu genio, Paris, segundo a expressão popular, estava a *dizer ginjas*. É inutil explicar, que, n'aquella festa, o coração tinha o seu quinhãosito, e prefiro dar esta satisfação, que ninguem me pede, a ficar exposto ao juizo que formassem de que essa alegria assentava tontamente por alguma maneira nas promptas delicias do Mabille... A felicidade, em quanto se é moço, tem isso de bom, que ninguem a compra, e que, quando Deus quer, um homem, que não possa ter dinheiro, possa tel-a, a ella. É celebre, mas é bem bom; assim mesmo!

Pelo facto de em Paris não viver ninguem em casa, visto como se almoce n'um botequim, se jante n'uma casa de pasto, se tome cognac nos cafés, nos theatros, ou nos concertos, e a casa sirva apenas para dormir, quando um homem leve a morigeração ao subido grau de ir dormir a casa, habituei-me mais ou menos á existencia *sui generis* d'aquella terra, em que toda a gente se

occupa vivamente n'alguma coisa, sem ficar por isso com ares de fadiga; em que a população fluctuante auxilia tanto o bulicio, que, por si só, quasi, enche os theatros, as exposições, os divertimentos; em que, parando n'um sitio seja qual fôr, um homem, ao voltar a cabeça, vê, por força, uma sege, uma *cocotte*, e uma casa de pasto; onde se sobe á fama por um arame, por uma bola de papel, pelo fio de uma faca, por um bago d'uva; em que é brilhante tudo que é serio, e até as tolices têem a habilidade de sairem engraçadas!

As cartas que levei, foram-me de grande utilidade. O visconde de Paiva fez completa honra á recommendação de Casal Ribeiro, e teve grandes bondades para commigo. Era homem extremamente fino, attento ás delicadezas sociaes, e sabendo usar d'isso como ninguem, sem dar ensejo a que se lhe estranhasse n'esse capitulo o mais leve senão. Lembra-me, por exemplo, de um relance de scena a que assisti em sua casa um dia, por occasião de outra viagem, em 1864. Estavamos na sala, a viscondessa, seu filho o sr. Adolpho de Paiva, o sr. Mathias de Carvalho, hoje nosso ministro em Roma, e n'essa epocha ministro da fazenda em perspectiva, Francisco Kruz, o conde d'Obidos, e eu. Veiu o creado annunciar o jantar; o visconde fez um leve aceno para indicar a um de nós que fosse offerecer o braço á viscondessa; o sr. Mathias de Carvalho entendeu ser para elle a intenção d'aquelle

Paris, para que elle prevenisse Rossini e o fosse *preparando* de vespera, como a gente costuma dizer.

Tudo isso se realisou.

Fraschini, que me conhecia do theatro de S. Carlos das epochas de 1860, e 1861, e a quem, no folhetim da *Revolução de Setembro*, fiz sempre com boa sympathia a justiça a que o seu subido merecimento tinha direito, pareceu aproveitar com prazer aquella occasião de me ser agradavel, e fallou a Rossini com vivo empenho a meu respeito.

Belleti, pela sua parte, foi gentillissimo, e, dez minutos antes da hora, que Rossini marcára para me receber, subiamos não em Passy, mas em Paris, a escada do auctor da *Semiramis*, e, chegados ao segundo andar, entravamos na casa em que vivia o grande homem.

— Tenho o gosto de apresentar-lhe, caro maestro, — disse Belleti — o sr. Machado, escriptor de Lisboa, que o amigo Beneventano tanto nos recommenda, e de quem hontem Fraschini lhe fallou de uma fórma...

Rossini, que estava sentado a uma pequena mesa de trabalho, com papeis de musica diante de si, ia a erguer-se do seu logar com extrema amabilidade, quando me apressei a retel-o e balbuciei o que quer que fosse no genero de :

— É este um dia de gloria para mim, sr. Rossini, por alcançar a honra de apertar-lhe a mão...

— Oh! interrompeu elle. Deixêmo-nos de phrases; já sei que o sr. Machado vive de fabricar d'isso, e ainda hontem o caro Fraschini me assegurou que se sustenta d'essa industria muito bem na sua terra.

Logo depois, — voltando-se para Belleti, que se conservava como que trepado em suas gigantescas pernas observando o mestre, lá de cima, com olhos vivos e inquietos, como do alto de um zimborio, — accrescentou, indicando-m'o, n'um gracioso tom emphatico:

— Aqui está vendo o mais bonito rapaz de França e de Navarra, *il illustre Belleti!*

Belleti fez-se côrado nos seus quarenta annos, e foi sentar-se encostado á parede para lhe caberem as pernas no gabinete.

— Como está por lá, perguntou-me Rossini, o sr. D. Fernando, de Portugal?

— A ultima vez que avistei Sua Magestade pareceu-me alegre e bem disposto. Era no theatro lyrico, cantava-se *Guilherme Tell*, e o sr. D. Fernando, como que encantado d'aquella musica, que nos é deliciosa a todos e predilecta d'elle, acompanhava, de reminiscencia, muitos trechos, batendo com os dedos no parapeito do camarote, com expressão de enthusiasmo.

— Aqui tive o prazer de o conhecer em Paris, disse Rossini; de uma occasião em que fui visital-o n'uma manhã cedo e quando ninguem lá me esperava, valendo-me

de explicar que um velho maestro não tem sexo, rimos bastante do assalto que dei á *incognita* de um incognito, fartando assim a curiosidade que tinha de a ver. Sinto pena de o não ter ouvido cantar. Dizem que possue uma voz lindissima. Um maldito defluxo teve toda a culpa d'esse contratempo; Sua Magestade estava constipado e não poude conceder-me o gosto de o ouvir. Pela minha parte, nos meus tempos, em tendo defluxo, seguia sempre o systema contrario — para os curar; jantava com alguns amigos ou iamos cear juntos, e depois principiavamos a correr as ruas, recolhendo para casa fóra d'horas, cantando eu, com quanta ancia tinha e a deitar tudo abaixo, musica que ia improvisando, ás vezes um *miserere*, com grande escandalo das devotas do bairro: punha-me isso bom no dia seguinte. Não me atrevi porém a supplicar com mais insistencia o sr. D. Fernando, por me lembrar que talvez entrasse um suave sentimento de preguiça na sua recusa, — e a preguiça é sentimento tão respeitavel...

N'isto, indicando-nos os papeis, que tinha diante de si, e n'um tom de *humour*:

— Aqui está em que passo hoje a minha vida! disse. A emendar copias de uma missa, em que o copista me faz a cada instante de um *ré* um *sol!* Mas, conte-me; morreu aquelle pobre Porto, empresario, — coitado! Essa morte foi para mim uma dupla perda! Oh! Um golpe ines-

perado. Perdi n'aquelle homem um amigo, e um excellente vinho do Porto que elle me tinha promettido. Foi uma dupla perda! *Ça fait deux Portos!*

Vi-o rir n'essa occssião; — coisa que valia a pena, ver rir Rossini! Elle era um homem alto, gordo, pallido, mas d'aquella pallidez maravilhosamente diaphana, que os pintores dão por vezes ás figuras phantasticas. Tinha então (em 1864) setenta e dois annos. Em redor da fronte extraordinariamente descoberta, como para mostrar quanto era vasto o recinto do seu divino talento, quem dera poder ter visto, negligentemente atirados para traz, os caprichosos anneis de cabellos brancos que aquella physionomia requeria! Mas, ai de mim! Uma cabelleira, nefanda como a de qualquer manteigueiro, que, para alcançar tudo por dinheiro, até cabellos compre, uma cabelleira impia, ridicula, atroz de pretenção e de burguezia, insultava os restos de poesia d'aquelle rosto, que tantas amantes haveriam beijado; e o olhar como que se offendia quando, em vez de encontrar a calva eloquente d'aquelle velho sublime, deparava com o alvissimo rego do *apartado* e os empastados cabellos de um chinó de D. Bartholo na cabeça do auctor do *Barbeiro!* A bocca, pequena para homem, e espirituosa como a malicia mesma, deixava-se franzir quasi sempre n'um sorriso ironico, indicio do caracter d'elle. O olhar, profundo e claro, illuminava-se-lhe ainda d'aquella luz

feiticeira, a cujos ardores se prostrára em tempos a resistencia das mulheres, tanta ternura esse olhar lhes promettia para a doce hora em que duas creaturas se salvem ou se percam nas silenciosas harmonias do coração...

Esse homem, do que se sabe, e pelo que elle ainda denunciava, fôra singularmente, artisticamente bem parecido; escreveu-se a respeito da formosura d'elle como da do duque de Loulé; os amigos tratavam-o, em rapaz, por Apollo de Belvedere. Elle mesmo, tinha veleidades pueris, engraçadas; de uma occasião disse a um pedante, que era monsenhor, e que lhe estava dando uma massada no quarto da hospedaria, sem o deixar levantar da cama: — «Está ahi o senhor a fallar-me de gloria! Quer dar-se ao incommodo de ficar sabendo qual é o meu verdadeiro titulo á immortalidade? É ser o mais bello homem do meu seculo. Disse-me o Canova que tenciona tomar-me um dia por modelo para uma estatua d'Achilles!» — e, palavras não eram ditas, salta fóra dos lençoes e patenteia-se aos olhos do monsenhor, prelado romano, em trage... d'Achilles, — o que, em certos paizes, passa por falta de attenção... — «Veja-me esta perna! Que me diz ao braço? E os hombros, hem, que largura! prosequia. Quando se tem este feitio, creio que póde um homem estar seguro da immortalidade!» E enthusiasmava-se, aquecia, exaltava-se pelo que ia dizendo; e pelo

riso, que lhe suscitava a extravagancia das lembranças, improvisando carapetões, com tal veia e petulancia que era maravilha ouvil-o, e que o pedante se viu na necessidade de largar a fugir. Lopes de Mendonça tinha igual maneira de gracejar; mania ou não, já principio ou não principio de loucura, dizia e fazia d'esses disparates; quasi sempre, coisa curiosa, quando os credores iam procural-o a casa. Muitas vezes assisti a essas scenas. Os credores acabavam por concordar em que não havia um homem tão bem feito de corpo como elle, e que era ingrato querer que elle pagasse o fato com que se vestia; mas iam recebendo alguma coisa á conta...

O unico enthusiasmo de Rossini, áquelle tempo, era voz geral que se cifrava nas delicias da mesa e no prazer da cosinha, — sendo elle proprio, segundo affirmavam, um cosinheiro *di qualitá*. Honras, celebridade, gloria, já não tinham o poder de acordal-o do *dolce far niente* a que se entregava, desde que o seu casamento com a cantora Colbrand o tornára rico; a phrase de Salomão: «debaixo do sol não ha senão vaidade!» era o seu conceito predilecto. Não fazia caso de coisa alguma que parecesse grande coisa. Quando collocaram o busto d'elle em Pesaro, sua terra natal, os membros do conselho, não contentes com isso, resolveram levantar-lhe em vida uma estatua de altura natural, defronte da casa da camara, para que, quando os habitantes dos campos

viessem ás terças e sextas feiras nos dias de mercado, tivessem a vantagem de poderem admirar o seu illustre concidadão.

Rossini, ao darem-lhe parte d'isto, parece que reflexionou um momento, e perguntou depois ao orador da deputação que lhe fôra annunciar esse projecto:

— Em quanto pode importar essa brincadeira?

— Votou-se já uma somma de doze mil libras.

Rossini reflectiu de novo.

— Tenho uma idéa!

— Não me admira! disse o orador.

— Uma idéa, e, para melhor dizer, uma proposta!

— Uma proposta!

— Isso é.

— Vamos a ouvir, esplendido maestro!

— Que necessidade ha de fazer essa despeza toda?! Fallemos aqui á puridade. Paguem-me os senhores metade d'essa quantia...

— Metade?

— Metade; e irei eu proprio duas vezes por semana á praça do mercado, ou lá onde quizerem, mostrar-me em pessoa, para que os meus compatriotas possam divertir-se a olhar para mim á sua vontade por espaço de uma hora!

A camara, pelos modos, não acceitou este alvitre.

A vida de Rossini foi um destino de romance. Os amores, os triumphos, as aventuras de todos os generos, mercê

de uma prodigiosa facilidade de trabalhar, preencheram-lhe a existencia. O que elle compoz de operas, missas, cantatas, symphonias, quartetos, árias, córos, estancias, é um prodigio, que surprehende á simples vista do cathalogo ; todavia, na sua musica, assim como em toda a vida d'elle, a tristeza é rara ; estylo elegante, rapido, de uma frescura seductora ; melancholia ligeira, graciosa, mais bonita que apaixonada.

Coisa curiosa ; esse homem que levou a vida em aventuras, que raptou mulheres, inquietou maridos, e aniquilou rivaes, bello pelo seu talento, pela sua pessoa, e pelo prestigio tentador de uma mocidade aventurosa, que não cuidou senão de cantar e gosar, — esse homem, que compoz o ultimo acto do *Othello* e a serenata do *Barbeiro*, que nunca pensou senão em mulheres, nunca trabalhou senão para lhes agradar, não quiz agradar-lhes senão para as ter; que andou de uma para outra como devorado pela insaciedade da poesia, que procura sempre o ideal que lhe foge ; que casou duas vezes, de ambas as vezes rico ; que foi amado centos de vezes, de todas as vezes pobre ; esse homem não teve uma paixão na vida !

— Os senhores lá em Portugal são revolucionarios? perguntou-me elle depois de uma breve pausa.

— Não temos dinheiro para nos arriscarmos a essas elegancias...

— Não é preciso. As melhores revoluções são as que

duram só vinte e quatro horas, e um dos motivos porque são melhores é por custarem mais baratas. Portugal deve ser um bom paiz! fresco, hospitaleiro, tranquillo, e muito *laranjado;* quem lá fôr poderá clamar affoitamente: *Inveni portum*, e até traduzir por esta maneira : *Achei o vinho do Porto!* Nos meus tempos, quantas vezes formei tenção de ir ver Lisboa! Hoje, porém, as viagens estão sendo tão difficeis, que devo renunciar a esse idéal.

— Como, difficeis! Tudo caminhos de ferro!

— E então!? Nada peior — para mim, que não posso andar em caminhos de ferro! Andei n'elles uma unica vez, e tive uma paralysia que me conservou quinze dias de cama! Vim uma occasião de Florença, em jornada de carruagem, parando de terra em terra, só para não me expôr ao horror do *wagon!*

— Essa agora!

— Olhe; estou convencido, que, d'aqui a annos, ha de ser grandemente elegante emprehender longas viagens em calleça e *corricolo!* O caminho de ferro matou a poesia das viagens com a historia da *certeza*, e da exactidão. Acabaram as aventuras de jornada, os casos imprevistos, os transtornos que depois divertiam, a comedia e o drama de correr terras!

Um criado veiu annunciar não sei que cantora italiana.

— Vem passar o dia comnosco! disse Rossini. Faça-a entrar para os quartos da senhora. Conhece-a, Belleti?

— Conhecia-a. Hoje não me recordo bem... Chega da America, creio eu. Deve estar velha!

— Não, homem! É melhor que moça, está a mocidade em pessoa; fez-se divina, depois de Deus ha muito tempo a haver formado bella! Andam sempre a dizer que não tem cada um senão a *edade que pareça ter!* Simpleza! O que deve dizer-se é que uma pessoa tem unicamente a edade *que arranja* por sua curiosidade. Estes malditos teem corações, que não pulsam senão por certidões de baptismo! Querem ver os papeis! Não sei como não perguntam aos poetas se para fazerem versos se servem do *Diccionario das rimas?* Já que querem saber tudo! Fortes ratões!

Correu sempre fama da avareza de Rossini, e todavia parece não ser completamente justo esse boato, e ter sido proveniente de sua mulher a austeridade que reinava em casa do celebre *maestro*, á mesa, para com os convidados. Nunca tive alli bastante intimidade, nem occasião de poder julgar da verdade ou não verdade de um tal ponto historico; mas o Fraschini, o Bélleti, e ainda outras pessoas muito d'elle, affiançaram-me ser falso o que se dizia. Sua mulher n'aquelle tempo era a Pélissier, Olympia Pélissier, que exercêra a profissão de *modelo* de um pintor celebre durante annos. Dizia-se que tinha um genio diabolico, e ser sua prenda especial a mesquinhez. Rossini não se atrevia, pelos modos, a protestar contra a

indole tacanha d'essa creatura, que, apesar das ridicularias que o seu genio nimiamente parco denunciava a cada instante, lhe havia levado consideraveis haveres. Ria-se, brincava com isso, é até possivel que houvesse aprendido d'ella, sua companheira de uns poucos de annos, a saborear os gozos da avareza de uma vez ou de outra, — e dizem que não deixa de ser agradavel tomar o gosto a isso, com o que até fica explicado que os prodigos sejam tambem sempre avarentos; mas, em não estando de humor favoravel para taes excessos... somitegos, Rossini revoltava-se contra a sordidez do temperamento d'ella. De uma occasião, á sobremeza, estando lá a jantar duas pessoas de fóra, uma d'ellas muito familiar da casa, e a outra não, afastou a Pélisser um pouco um bolo redondo, especie de pudding ou de bolo inglez, para assim prevenir á cautella, que não deitassem a mão ao prato; Rossini mostrou-se enfadado com isso, e disse-lhe com voz caustica:

— Ó menina, porque não mandas tu fazer essas coisas de papelão? D'esse modo ninguem se tentaria a metter-lhes a facca, e seria um socego para ti!?!

Quando parti de Paris, pedi-lhe o favor de um retrato seu.

— Com muito gosto, respondeu-me, e tenho um, que me trouxeram ha dias, que está de grande similhança. Veja-o! Estes diabolicos photographos deixam por baixo

dos retratos uma tão estreita margem, que me vejo afflicto para metter aqui a minha assignatura, e não tenho remedio senão dar-lhe o meu nome... homœpathico! Eil-o.

Escreveu: *Gioachino Rossini* — 1864.

Apertei-lhe a mão, — aquella mão sublime que escreveu o *Stabat*, e que estava havia muitos annos... mettida na algibeira; e despedi-me do deus da musica, depois de elle me confiar um rolo de papeis, não sei que composição sua, pedindo-me para a entregar ao senhor D. Fernando; o que fiz, logo que cheguei a Lisboa.

E agora, — outra vez a Passy!

Iamos a casa de Charles de Mazade. Passy, 25. Era meio dia; a essa hora, em Paris, todos os escriptores estão em casa; elle lá estava na sua de Passy de Paris, como por lá dizem, e appareceu-me logo.

Charles de Mazade era, em 1862, homem de quarenta annos; meia estatura, ar grave e digno, esmeradamente correcto na conversação; olhos um pouco inflammados, como que a denunciarem applicação excessiva, abuso de trabalho. Vivia com um irmão, Victor de Mazade, engenheiro, que estivera em Aveiro por occasião dos estudos para a construcção da linha, e fallava com enthusiasmo de José Estevão, com quem convivera alli.

Porque fosse o primeiro escriptor com quem fallava em Paris, — e com poucos mais fallei depois d'elle, de

cinco vezes que fui a França, arrependendo-me hoje principalmente de não me haver atrevido a bater á porta de Julio Janin, apesar da grande tentação que tive de o fazer, n'essa mesma terra de Passy, onde elle estava então vivendo; mas, disséra a mim mesmo — «Que diabo vaes tu lá fazer, ou antes que vaes tu dizer-lhe: que o queres ver, apertar-lhe a mão, abraçal-o? Tudo isso vae bem; quando, porém, te pergunte em que te empregas, que officio é o teu, não haverá uma especie de petulancia em responderes áquelle homem illustre que tem trabalhado tanto e que representa para o mundo o folhetim, tu, com os teus vinte e cinco annos apenas, e os teus poucos annos de meias columnas de jornal, — Sr. Janin, eu tambem sou folhetinista...! Não; vae-te andando; deixa lá o homem; lê-o, estuda-o, admira-o, mas deixa-o quieto, e vae-te andando!» E fui-me andando; e, apesar de arrependido d'isso, é quasi seguro que faria hoje o mesmo outra vez... —; mas, com o Charles de Mazade, como a carta, que levava, me impellia a isso, desforrei-me de todas as hesitações e acanhamentos, e regalei-o com um presente que deveria dar-lhe um gosto extremo...— um volume dos *Contos ao luar*, com quanto tivesse vivas appreensões de que elle o não lêsse nem o pudesse ler, já não digo porque não quizesse, mas por não entender palavra da lingua portugueza.

Qual foi, porém, o meu pasmo, quando elle, entre-

gando o livro a seu irmão Victor, lhe disse com a entoação mais verosimil:

— Lê-me ahi uma pagina...

E o irmão, abrindo o livro, ao acaso: «*Il faut voir Lessa da Palmeira, à l'heure où les femmes des pêcheurs...*

— Mas, o titulo? interrompia o outro.

— *Contes au clair de lune*...

Então, de pasmo em pasmo, ouvi-o traduzir, rapidamente, correntemente, um dos trechos dos *Contos ao luar*, a historia dos *Dois pescadores de Lessa da Palmeira*, que principia pela lenda do Senhor de Bouças, Senhor de Mattosinhos, ou Senhor dos Afflictos...

— Em Passy! ponderava eu de mim para mim! Tudo isto em Passy!..

E esfregava os olhos como costumam fazer, nas peças magicas, os pastores, quando, de repente, se acham mudados em principes...

Essa admiração, ainda assim, não foi talvez tão extraordinaria como deve ter sido a de algum compatriota meu, quando, tempo depois, ao folhear, no Gremio, o numero de 1 de julho de 1864 da *Revue des deux mondes*, encontrou lá o meu nome, n'um artigo, em que o Mazade, por affectuosa prova de estima de que lhe sou grato, aproveitára o ensejo de o citar. He! Que queres que lhe faça; compatriota?! Em a gente saindo da sua terra fica exposto a encontrar de tudo, até a encontrar

um homem que depois nos cite na *Revista dos dois mundos!*

Tudo isso hoje é mais simples. N'aquelle tempo, porém, ainda se dobrava a lingua para dizer — viajar; e, quem ouvia fallar n'isso, punha a mão na orelha com ares de quem resguarde a trompa de Eustachio da audição de uma raridade... Era necessario estar prompto de malas e de passaporte á espera de que passasse do Brazil o vapor do dia 13, de Bordeus, e ficar de queixo cahido se não houvesse logar nos beliches, — ou metter-se na casca de noz dos *Ville de Lisbonne*, *Ville de Paris*, *Ville de Malaga*, da carreira de Saint-Nazaire, oito dias a bailar nas aguas, quando não era para todo o sempre!

Nas primeiras viagens por terra que fiz a França, de Badajoz a Madrid tive de aguentar-me em mala-posta; e, de Madrid a Bayonna, por duas vezes, quatro, cinco horas de diligencia. E que diligencia, e que mala-posta! *Que seje, senhor conde!* como dizia o Tolentino.

Partia, de Lisboa, no comboio, uma pessoa, fiada na providencia, e nutrindo a esperança de obter bilhete sem demora em Badajoz; uma vez lá, sendo apenas dois os logares da mala-posta, succedia muitas vezes estarem tomados com antecedencia, e o sujeito ficar uma semana á espera, mettido n'um diabo de *fonda de las Tres Naciones*, horror de hospedaria conhecida mais

vulgarmente por *Pan seco*, não sei se por ser o appellido do dono da casa, se por não haver n'ella de ordinario outro manjar que se podesse comer...

Badajoz surprehendia-nos de madrugada ; passando já pela rua, áquella hora, varios habitantes d'essa capital da provincia, em traje hespanhol, para nos darem logo no acto de acordarmos e esfregarmos os olhos, uma forte dóse de côr local.

Entrava-se n'um carro, que obrigava a gente a ir bailando o *bolero*, mesmo sentada, saltando de barranco em barranco, n'um caminho atroz, destinado a deixar-nos avistar a cidade, cercada de muralhas, estendendo-se por uma collina, coroada com as ruinas de um castello velho, e a conduzir-nos á tal maganice das *Tres Naciones*, que ainda moia muito mais do que o carro, por ser da força de trez nações que se puzerem ás costas de um homem; ratoeira em ponto grande, onde cada um poderia arruinar-se de tudo... menos de paladar, visto como não se chegava a poder comer!

Em se devendo esperar mais de tres dias por logar na mala-posta, saia-se d'alli com cabellos brancos, como o Latude passados os trinta annos de seu captiveiro...

Mas a mala-posta alegrava, e compensava-nos de todas as penas e trabalhos. Era uma serie de caixas, uma para guardar o correio, outra para guardar as bagagens, e outra para guardar os passageiros, tudo velho, a desa-

bar; segura por cordas, puchada por sete mulas que voavam por campos e valles, com uma orchestra de pragas, gritos, chicotadas de cocheiro, de noite, de madrugada, ao meio dia, ou á hora em que fugia o sol, e em que a gente vendo alargarem-se os horisontes, tudo charnecas e montanhas, chegava a ter medo de perder pelo caminho as contemplações, os sonhos poeticos, os contos e lendas d'aquelle paiz encantado, á medida que se atravessavam campos sem habitantes, sem casas, sem arvores, e se via a serra de Guadarrama a apparecer-nos sempre em ondulações imprevistas como a querer pregar-nos alguma...

Alimentava-se o viajante, dois dias e duas noites, de chocolate, que tomava a ferver, com uma pressa impia, nas localidades em que havia muda... Em Trujillo almoçava ; se pedia manteiga, davam-lhe manteiga de porco— «*Es de cerdo, no hay de otra*» : ficava um homem fulminado...

Era então logo alli adiante, de Carrascal a Almaraz, quatorze leguas, que se apanhava o luxo de possuir um postilhão, de chapeu na orelha, jaqueta arruinada, grandes botas fanfarrãs, esporas compridas. Tinha uns olhinhos de uma mobilidade extrema, voz vibrante, cabellos á mercê do vento. Não tinha dentes. Um biltre que quiz vingar-se d'elle, não sei por que historia, fizera-lhe com outros amigos uma espera, amarraram-o a uma arvore

e tiraram-lhe os dentes. Era um aragonez, esse postilhão; andava havia mais de vinte annos n'aquelle serviço de cavalgar todos os dias quatorze horas, no inverno, a cair-lhe neve em cima, e de verão debaixo de um sol de abrazar, para ganhar duas pecetas, dezeseis vintens!

Jantava-se em Talavera de la Reina. Chegavam alli os viajantes pelo fim da tarde, no verão, a tremerem de que lhe dessem sopa de chocolate...

Interrogava-se timidamente o cocheiro a respeito do genero de refeição, que nos dessem n'essa Talavera tão anciosamente esperada pelos estomagos. O cocheiro, a quem, n'aquella hora, se quizera presentear com um par de castanholas, para o animar a dar-nos noticias consoladoras, respondia gravemente:

— *Una comida formal.*

Tropegos nos apeavamos, atravessando de chinelas por entre uma população que olhava para nós com um riso satisfatorio. Estava a mesa posta, e havia obrigação de comer o que nos dessem. Não pretendo ser ingrato, ao cabo de tantos annos, inculcando por esta maneira de dizer que nos houvessemos mostrado difficeis perante o doce espectaculo de entrar n'aquella vivenda e ver a mesa posta. Não. Digo o que digo, e só o que digo. Havia obrigação de comer o que alli se nos apresentava. *Puchero*, ou não *puchero*, perdizes ou não perdizes ensopadas n'aquelle celebre azeite de um povo glorioso e per-

tinaz, a quem pouco inquieta que o azeite seja pessimo visto como a azeitona é optima. Obrigação de comer, e eis o caso em duas palavras; a administração, direcção, ou como lhe queiram chamar, da mala-posta, havia estabelecido um contracto com o dono d'aquella amavel pousada, para ter todos os dias quatro jantares promptos á hora de passar alli a mala-posta. Dois jantares eram para os passageiros, e, os outros dois, um para o cocheiro, outro para o correio. O correio tinha uns papelinhos explicativos d'este negocio, nos quaes se estabelecera, prevenindo todas as hypotheses, que, pelo facto de levar comida comsigo para a jornada, não ficaria dispensado o passageiro de respeitar as leis do contracto. A redacção da coisa é que se prestava a uma interpretação mais comica do que o assumpto. O papelinho estabelecia o preço do jantar, que era um *duro*, e accrescentava: — «*Por no comer, cuatro pecetas.*» Era ainda mais... duro! Entretanto era rasoavel, porque a estalagem não deveria perder os jantares, que fizesse, contando antecipadamente com o ajuste estabelecido...

De uma occasião, receoso de ter de esperar em Badajoz que me tocasse a vez de obter logar, pedira em Lisboa a João Blanco o favor de alcançar-me pelo seu correspondente um bilhete para o dia tantos. Veio o bilhete, e aqui me puz eu a caminho. A esse tempo, — passava-se isto em 1866 — havia já uma hora de caminho de ferro

de Badajoz a Merida; e de Merida até Madrid, é que se ia mettido na mala-posta. Logo que entrei na carruagem respectiva, como deve dizer-se em estylo official, e tão depressa o comboio assobiou e partiu, disse-me um cavalheiro, que alli tive o gosto de encontrar acompanhado de uma senhora :

— Vae o sr. portuguez... O sr. é portuguez ?

— Sou, sim senhor.

— Boa nação e formosa. Já estive em Lisboa, e gostei muito. Bonita ! É pena a comida não me ser lisongeira ao paladar... A manteiga *no me gusta. Tiene un olor nauseabundo*... Com que, vae o cavalheiro até Madrid?..

— É verdade.

— Na *diligencia !*

— Nada. Na mala-posta.

— *Es imposible !*

— Impossivel porque ?

— Porque na mala-posta ha dois logares...

— Bem sei.

— Só dois logares !

— Ainda com o meu sobeja um !

— Mas eu tenho os dois.

— E eu espero ter o meu.

— Deixe lá ver o bilhete !

— O bilhete não o trago aqui, mas está certo.

E apertei-o docemente ao peito, na carteira em que

elle ia guardado, — sem lh'o mostrar, não m'o comesse elle.

— Pois não virá, *usted. Le asseguro esso!*

— Vamos a ver.

— Que ver!?! A minha irmã que vae aqui dormindo, senhora mui singular, a quem o café produz o effeito de narcotico, e que dorme agora por este feitio, mercê de uma chavena d'elle que bebeu sobre o jantar, é pessoa delicadissima, e eu não confiaria sua melindrosa saude á diligencia, que leva mais treze horas do que a mala-posta e dá peior commodo...

— Pois não digo que...

— Bem; mas não pense em ir na mala-posta, porque, é negocio seguro, tenho-a toda para nós dois!

Chegámos a Merida.

Saltei da carruagem, e procurei o correio que devia seguir de viagem. Tinha para elle uma recommendação. Provavelmente fazem idéa, que essa recommendação não havia de ser do ministro ou do pae do rei. Era de outro correio, um chamado Lemos, muito alto, que aqui havia, e que por ter uma desordem — era muito pimpão — e levar uma sova de uns toireiros, interrompeu depois a sua carreira de correio; e d'alli a nada a sua carreira de vivo. Encontrára-o no theatro do Gymnasio, onde elle ia todas as noites em estando em Lisboa, e perguntára-lhe se era elle que iria de viagem commigo

até Badajoz. Não era. Mas escreveu, alli mesmo, n'um bilhete, a apresentação mais bizarra de mim ao seu collega, para que se interessasse pela minha pessoa, dando-me agua fresca pelo caminho quando eu tivesse sede, e fazendo-me as vontades no que fosse possivel attender-me. Por isso, uma vez em Merida, e na presença do correio hespanhol, offereci sem demora á sua vista perspicáz o bilhete do Lemos, e em seguida o bilhete da mala-posta:

— Está direito?

— Sumptuoso.

— Vem ahi um hespanhol com uma senhora, e pretende ter hoje a mala-posta por sua...

Elle olhou de novo para o bilhete, examinando-o.

— Não ha que recear.

— Sou eu quem vae?

— É sim, e vae sósinho, caso raro, ha só um logar tomado. É verdade que é sexta feira de Paixão.

O hespanhol da sua irmã havia-me perguntado, se eu levava mantimentos para a viagem; e ponderára ser isso indispensavel, visto como não houvesse onde comer durante mais de vinte e quatro horas. Respondêra-lhe eu, que o cheiro da comida guardada me era desagradavel em viagem, e por isso nunca uzava levar farnel.

— *Indispensable, indispensable!*.. disse-me elle.

Minutos depois de chegarmos a Merida, e logo que

colheu dos empregados da mala-posta as informações sufficientes para chegar á convicção de ser eu, e não elle, quem essa dita mala-posta teria a honra de conduzir, o hespanhol queria morrer.

Veiu direito a mim.

— *Io lo considero a usted como un caballero...*

— Tambem me inclino a...

— Perceberá pois facilmente, que, sendo dois minha irmã e eu, e, por falta de meu cunhado que eu suppuzera que houvesse escripto a tomar os bilhetes, achando-se unicamente um logar preenchido; seria estranho, que minha irmã e eu fossemos na diligencia podendo o cavalheiro ceder-nos a mala-posta, onde apenas o seu logar é que serve de obstaculo !?! A diligencia é a mesma coisa, chega quasi ao mesmo tempo, differença de nada, muito mais alegre, e... (Aqui sorria-se elle com o *salero* generoso das duas Castellas) e visto o sr. não levar mantimentos para a jornada... (tirou do sacco um embrulho) *le regallo un pollo!.. Con que...*

— Com que, agradeço o *pollo*, mas ha razões de estado que...

E trepei para a mala-posta, ao som dos guizos, das chicotadas, e da trombeta, deixando-o pittorescamente no meio da praça, entre as ruinas romanas de Merida; e dizendo-lhes um ingrato adeus,— á irmã, ao hespanhol, e ao frangão.

Jantava-se em Talavera.

A entrada de Talavera de la Reina era encantadora; mas o interior da cidade não correspondia a essa formosura, devida principalmente á graça com que o rio, passando ao lado das muralhas, atravessava jardins magnificos, principalmente a *Alameda*, que é alli o passeio elegante de verão, celebre não só pela abundancia de arvores, e pela frescura que se respira, mas pela quantidade de passaros de toda a especie que passam em bandos, agitando a aza infatigavel, ou veem como espiritos errantes descançar um momento na rama dos choupos. No mais, ruas estreitas, tortuosas, o que não as impedia de serem *principales*, como é tudo em Hespanha, por cortezia. As casas projectavam o topo para

diante, como se quizessem cahir-nos do nariz. Não havia tempo de ver as egrejas, mas o estalajadeiro, um pouco antes de apparecerem na mesa as perdizes, recommendava sempre como um caso indispensavel ir ver Santa Maria la Mayor, e, tirando o relogio, ponderava:

— Ha tempo á justa de dar lá um pulo!

É o que explicava a antiguidade das perdizes n'aquella locanda. Por causa de Santa Maria la Mayor nunca chegavam a ser comidas.

Entre outros costumes originaes, apontava-se uma usança d'aquella terra, usança de outros tempos e que os tempos nos levaram já, de uma feição curiosa. Quando uma mulher acabava de dar á luz uma creança, dava-se noticia d'isso a quem passasse, pregando na porta da rua uma almofadinha enfeitada de rendas e de fitas; a almofadinha era côr de rosa para dizer que nascêra uma menina, e azul para indicar que nascera um rapaz. Em estando á porta signal de nascimento, deviam os credores respeitar durante nove dias o marido da dama que tivesse tido o seu bom successo. Aquella moda, segundo boas informações, concorreu outr'ora muito para augmentar a população de Talavera de la Reina...

Saia-se de Talavera, no verão, que foi sempre a estação em que alli passei, ao cair da tarde. Ao largar da mala-posta havia já uma claridade indecisa e descontente, que mal deixava avistar nas pastagens alguns bois

pequenos, de um amarello vivissimo, que contemplavam com uma especie de ironia a capoeira em que iamos, e seguiam o seu caminho por uns campos pardacentos onde obstinados archeologos iriam de balde esgravatar a relva, sem que fossem capazes de encontrar os restos dos famigerados castellos da Hespanha.

Lá apparecia um ou outro d'esses castellos tão fallados; ao longe, a grandes distancias, visivelmente enfastiados de estarem para alli no esquecimento; occupados apenas em sustentarem, conforme podiam, as tradições do paiz.

Ainda uma noite, ainda mais uma comprida noite de mala-posta, acompanhados unicamente por montes que se confundiam com a serra em transições tão insensiveis como as da serra a confundirem-se com as nuvens; e sem se encontrar senão algum raro viandante de carabina ao hombro, lenço atado na cabeça, chapeu de abas largas, manta traçada, e polainas altas; ou então, de legua em legua, os soldados que patrulhavam, de vigia á estrada.

Á proporção que a noite se adiantava, ia crescendo a alegria do correio. Pelas tres horas, já cantava...

Ao amanhecer, os cavallos fatigados encontravam emfim alamedas magnificas. Por entre arvores de todos os lados, avistavam-se as torres e a casaria...

Ás quatro horas da manhã, despedia-se a gente por

uma vez da serra de Guadarrama, e entrava moida e gloriosamente, por entre as nevoas do crepusculo, na famosa cidade de Madrid, a mais alta da Europa, o que faz, me dizia o correio, com que *o throno do rei de Hespanha seja o primeiro depois do de Deus...*

Que seducção, que seducção, viajar! Resistiria, hoje mesmo, Santo Antonio a mais essa prova, bem o creio; mas eu era fraco, — e os predios, que deviam ser mais fortes que eu, não o eram! De viagem em viagem, parecia que o seu gosto era que eu os fosse viajando a elles! Dir-se-hia não ser para outro fim que as hypothecas m'os houvessem emfim deixado livres... Foi um encanto... E que episodios! Ninguem calcula, assim mesmo, o que um predio pode ter de malicia em si! De uma das vezes, por exemplo, era um bem bonito... na rua da Praga, a rua que fica em frente da porta da Sacristia de S. José... Na vespera de se effectuar a venda d'esse (e no mesmo dia da venda deveria eu partir para Hespanha pelo comboio da noite) diz-me o procurador do individuo que pretendia a casa:

— O sr. Brito não lhe disse nada?

— Qual sr. Brito?

— Ás portas de Santo Antão!

— Heim?!

— O tabellião, o sr. tabellião Brito...

— Ja sei...

— Disse-lhe alguma coisa, elle?

— Não o vi hoje. Amanhã o verei, se Deus quizer, quando o meu amigo me contar em cima da mesa o dinheiro do predio.

— Pois é que já amanhã não poderá ser...

Dei um passo atraz.

— Como é o seu nome todo?

— O meu?

— O seu!

— Fulano de tal da Cruz.

— Senhor fulano de tal da Cruz, advirta no que me diz... !

— Que quer que faça? Ha uma hypotheca em aberto!.. Encontrei isso, e não ha remedio senão tiral-a a claro! Na recebedoria estão a tratar d'isso com o maior desvelo... Não lhe dê cuidado.

— Poderei partir amanhã? É indispensavel! Entenda isto! O sr. entende isto? É-me indispensavel partir amanhã!

— Vamos a ver.

— Onde é a recebedoria?

— Defronte do palacio do conde de Rio Maior.

— Vamos lá juntos!

— Agora, é-me impossivel! Vá o sr. andando, que eu lá irei ter!

— Avante! Dê cá o braço. Senhor procurador! Não

o largarei mais até amanhã. Disponha as suas coisas como quizer! Sou seu! É meu! Somos um do outro até o dinheiro da casa estar na minha mão. Tenho bilhete tomado para a mala-posta de Badajoz a Madrid : hei-de partir por força, entende bem, por força, no comboio da noite de amanhã!

Não se calcula, por mais imaginação que se tenha, o quanto dá bom commodo o braço de um procurador em tão delicada circumstancia! Foi um momento, irmos ao cartorio Brito, para eu averiguar bem alli de que dimensões ia ser o calix pelo qual me cumprisse esgotar a hypotheca amargosa. Em seguida, do cartorio Brito á Recebedoria. Dois velhos recebedores, que alli existiam, esquecidos de Deus e dos homens, vasculhavam obscuros escaninhos, de que vinham tirando aos maços uma papellada fusca, do feitio e côr dos recibos de decima...

— Estamos com a sua obra! disseram-me esses dois velhos, do alto da escada de mão, em que se achavam trepados.

— Ah!

— Já appareceram uns vinte e tantos. A hypotheca é antiga bastante...

Sentia-me esfriar.

— É caso, talvez, para... ?

— Vamos a ver, vamos a ver,... diziam os velhos.

— Isso, que para ahi está já, representa?

— Trinta e tantas libras.

— Oh ! Com os diabos !

— E se ficasse n'isto ! diziam os velhos, lá de cima, sorrindo, como dois faunos reformados.

— Em todo o caso, que isto se decida hoje, é o que lhes peço !

— Temos aqui uma massada bem boa ! disseram, como mastigando em secco.

— Que direi eu !

— E eu ! resmungava o Cruz, com ares beatificos.

— Calle-se, malvado ! Foi vossê que originou a catastrophe ! Perfido. Hade ter mau fim. Foi vossê quem me perdeu !

— Pois havia occultar ao meu constituinte... ?

— Silencio. Vamos jantar, e voltaremos aqui ! O seu braço, assassino ?

— Ó sr. Machado...

— O seu braço !

No alto da escada, os velhos recebedores, á sucapa, riam, com uma ironia de velhos macacos judiciaes...

Realisou-se no dia immediato o negocio no cartorio Brito ; paguei quarenta e quatro libras da hypotheca em aberto ; e offereci-me com tão boa vontade, ao procurador Cruz, para lhe trincar o nariz um dia, que elle nunca mais me encontrou, sem que, por um movimento instinctivo deixasse de cobrir o nariz com a mão direita.

Mas depois, na viagem, adeus tristezas! Quem se lembra, em caminho de França, de um procurador!

De uma das vezes que fiz viagem por terra, tive por companheiro o conde de Obidos, Manuel de Obidos e Sabugal — na sua familia o titulo é de uso alternar, e ser Sabugal n'um e Obidos no outro; infelizmente vivem pouco, e estas variantes succedem-se com demasiada frequencia; — de outra vez fomos juntos até Paris, Thomaz de Carvalho e o visconde Julio de Santa Izabel. Quantas historias n'estes nomes! O d'Obidos anno e meio depois foi morrer na Madeira, da tysica implacavel, que tem destruido a sua familia. Julio Ferreira, visconde de Santa Izabel, parte de Hespanha para Paris com Thomaz e commigo, depois vae para a Suissa alegremente, e, logo depois de chegar alli, tem o fim desgraçado e mysterioso, que uns explicaram pela vingança de um marido exercida sobre elle, de noite, ao encontral-o nos quartos de sua mulher, e outros attribuiram a haver querido calar discretamente a sua presença nos jardins d'essa senhora, na occasião em que, ao saltar um muro, uma queda desastrada o deixou logo meio morto.

Ficámos nós ainda, Thomaz e eu, Deus piedoso, nedios e magnificos, resistindo á sorte; elle com a facundia dos ricos homens de outras eras, e eu com a bizarria natural que o barbeiro de Sevilha cita:

— Estás tão gordo e tão bom, Figaro! diz-lhe o Almaviva.

— *La miseria, signor comte!*

O conde de Obidos era excellente companheiro e excellente amigo; mas o natural do seu caracter, e ainda mais a doença, tornavam-o melancholico a cada instante. Os homens fatalmente destinados a morrerem moços, são dotados de uma especial tristeza, em que parece de alguma maneira sentir-se o frio do tumulo.

Thomaz de Carvalho, esse, era a graça em figura de *touriste*. Contente de ir ver de novo Paris, onde vivera sete annos como estudante, ia por ahi fóra com uma alegria de *vaudeville*. Dou-lhe n'isto quanta justiça posso, porque não conheço nada mais alegre do que um *vaudeville*. Dizia coisas novas, o maganão; e, quando eram velhas, ditas por elle pareciam mais moças do que novidades ditas por outros, e era como se as estivesse remoçando para mostrar aos innovadores que não ha nada mais novo do que o que é antigo. Dizem que o Voltaire precisava de uma pitada e de uma chavena de café para estar de veia, e que, dado o caso de se lhe entornar a caixa do rapé, ou de se lhe voltar a cafeteira, adeus *Candide*, e adeus cavaco; o Goethe, pelos modos, bebia punch, o Descartes precisava estirar-se ao comprido, e o Leibnitz de barriga para baixo, para palrarem de boa feição. Mas, o nosso amigo Thomaz, cigarrinho sobre

cigarrinho, e perna traçada a dar, a dar, — elle ahi foi de Lisboa a Madrid sem se calar, esperto e magnifico!

Eu conhecia pouca gente em Madrid, dois litteratos, Luiz Rivera e Manuel del Palacio, o tenor Tamberlik, a senhora baroneza de Ortega, Euzebio Pagge, e o *buffo* Arderius. N'estas circumstancias tinha o tempo todo, ou quasi todo livre, e nem o empregava em fazer visitas nem em ter de receber as que me fizessem.

Ia ao theatro todas as noites; no theatro real os camarotes resplandeciam de mulheres formosas, e só pelo fim da noite é que havia ensejo e pachorra para observar qualquer outra singularidade, a de ser a tribuna na segunda ordem por exemplo, medida adoptada para evitar que toda a gente quizesse ir para a primeira ordem; — dos theatros de declamação o melhor era o do Principe, mas o artigo que escreví para a *Revolução de setembro* a respeito da Mathilde Diez na *Venganza Catalana* alcançou-me uma furibunda sóva n'um jornal hespanhol *El reyno*, e escusado é dizer que houve logo um compatriota que me fez por cá o favor de o transcrever, n'um jornal chamado *Progresso e ordem*, ao qual, já se vê, porque amor com amor se paga, eu offereci a traducção da tunda, para elle a saborear melhor, no folhetim da *Revolução* — em que dei ao *Reyno* a resposta que lhe devia.

Essa famosa Mathilde Diez fazia ainda seu papel de

ingenua, tendo sessenta annos, e, já bojuda, de cabeça enorme, quasi sem pernas, parecia na *Venganza Catalana,* do Guttierres, um idolo chinez. Era casada com Julian Roméa, estimado como o primeiro artista dramatico da Hespanha.

Depois do drama havia sempre um bailado; e alguma grande e deslumbrante *manola*, atirando a mantilha para o lado, sustendo a saia com os dedos, enraivecia *os boleros*, despeitava-os, fazia-os ajoelhar, atirarem-lhe aos pés os chapeus, implorarem-lhe de rastros que escolhesse um d'entre elles, sem que ella serenasse um instante da ebriedade d'aquella dança em que ha todas as manifestações do genio hespanhol, chamma de poesia, sentimento heroico, graça aventurosa e galanteadora!

Todavia, por mais que a Hespanha quiz resistir com o seu theatro, drama heroico, drama religioso, e comedia de aventuras — Hespanha guerreira e altiva, Hespanha catholica, Hespanha de capa e espada — chegára para ella tambem a sua hora de Offenbach: e, na mesma noite, em que se deu a *Venganza Catalana*, affixou-se um cartaz n'outro theatro, de que não me lembra o nome, Jovellanos talvez, annunciando *Los dioses del Olympo;* um *Orphée aux enfers* á hespanhola.

Logo depois um audacioso, meio hespanhol, meio portuguez, Arderius, que mais tarde veiu a Lisboa com uma companhia de *Zarzuela* perder o seu dinheiro no Circo

de Price, fundou um theatro, a que deu o nome de *Buffos madrilenos*, e que tem sido o theatro da moda em Madrid. O pae d'esse Arderius era um portuguez de Elvas. O filho principiou, como actor, sem fortuna e sem meios, e é hoje, como empresario, um dos homens mais ricos de Hespanha. Ahi está o que não succede, nem pode succeder por emquanto em Portugal, onde é tão seguro e tão inevitavel darem perda as empresas theatraes, que só se propõem bisarramente a empresarios, os que não têem que perder. Tem mais novidade assim, e é mais simples.

Um baile publico, o baile Capellanes, era depois do theatro o abrigo da mocidade e dos estrangeiros.

Assim como no nosso antigo theatro de D. Fernando sempre os espectadores se davam ares graves com o lembrarem-se que alli fôra primitivamente a egreja de Santa Justa; e o theatro de D. Maria tem ainda, atravez de tudo, a soturnidade que recorda haver alli existido a inquisição; o baile de Capellanes, pela austeridade de sua entrada, pelos seus corredores solemnes, pela saleta para guardar as bengalas com certo ar de sacristia, pelas grandes salas claustraes por onde balouçam a valsa diversas *muchachas*, emquanto varias outras meninas e matronas estão sentadas em roda da casa tão profundamente immoveis que tropeça a gente com ellas, não poderia, ainda que o quizesse, negar que houve alli convento.

Um garboso empregado incumbia-se de advertir por mais singular que isso parecesse n'um baile publico de Hespanha, paiz da cigarrilha, não ser permittido fumar senão na sala de entrada. As hespanholas, que lá vi, pouco ciosas da fama de formosuras, salvavam-se pelo *menêo* : hespanholas, bonitas, ou feias, têem sempre uma graça especial para tocar, para cantar, e para dansar; e depois, aquellas Paquitas, Dolores, ou Pepas, costureiras quasi sempre, de Capelanes, pareciam chamarem-se todas ellas *Dona Decencia* ; um *salero* casto, para haver de tudo.

Logo de manhã, por mais cedo que fosse para a rua, encontrava grupos de passeantes, conversando animadamente, e dando grande attenção a tudo, como se andassem n'uma busca conscienciosa dos rastros do genio da inquisição, e na esperança de que os monumentos, a *calle* de Alcalá, ou do Arenal, a *carrêra* de S. Jeronymo, ou alguma das praças, se resolvessem a contar os segredos que as gerações lhes têem confiado. Garbosa Madrid ! Terra para passear ! Nem a Hespanha a pode querer para outra coisa. Nem industrial nem fabril, Madrid é o *rendez-vous* da Hespanha, quando quer espairecer e gastar dinheiro. Quem alli trabalha é a modista, é o alfaiate, é o luveiro, o camiseiro... Terra de luxo ! Terra de divertimentos ! E tambem, já se vê, por ser Hespanha, terra de politica; de sentimentos impetuosos, de paixões vivas e ardentes !

N'uma noite um moço francez meu amigo, Lyonnel Deville, muito conhecido em Lisboa da rapaziada d'esse tempo, e que desapparecêra d'aqui no fim de um verão, disse-me, surgindo de repente diante de mim em Madrid:

— *Caballéro* Machado? *Permilla usted*...

— Lyonnel Deville!

— Sim; o sobrinho do Henri, secretario do conde Luccote! Eu proprio. Tenho uma frisa de bocca, de que o Arderius acaba de me dar a chave para os *Buffos madrilenos* com a noticia de que estavas cá. Marchemos. Não sei se sabes que possuimos um jornal, eu e alguns amigos, do qual serás callaborador; jornal elegante, titulo *La Sociedad*... Apára-me essa penna!

— Eu não sei hespanhol, homem!

— Nem eu. Escreverás na lingua que quizeres. Eu escrevo sempre em francez; um collega passa isso depois para o mais castigado castelhano. Digo *castigado*, por ser um castigo traduzir semelhantes coisas. Emfim, *andémos-nos*. O melhor será combinarmos tudo na frisa!

Lá se combinou isso tudo, effectivamente, na frisa; e, escrevendo n'essa mesma noite o artigo, tive o gosto, d'alli a uma semana, de me ler em hespanhol, o que equivaleu a ler-me sem me entender a mim mesmo, caso que não poderá dizer-se novo para um auctor, nas letras patrias.

Na frisa, o Lyonnel, que conhecia uma quantidade

enorme de litteratos, não chegou a dar-me tempo para eu escrever os nomes de todos os cavalheiros aos quaes me fez favor de apresentar-me ; encontro, n'uma folha da carteira, com a data d'essa noite: Alonzo de Beraza, director da *Gaceta economista* ; Ramos Carrion ; Jimenez Delgado e Antonio Perez, redactores do tal jornal a *Sociedad*, onde escrevi cinco artigos, — os ultimos que tenho á vista, nos numeros 13 e 15 ; Casares, Guttierres de Alba ; o pintor Rincon, Morayta, da *Reforma*, e, para tudo ser, um *bruxo*, o rei dos magicos, o grande Hermann ! amigo velho.

De outra occasião, em 1866, indo d'aqui sósinho, levava por pedido de José Emydio Cabral, irmão do actual conde de Cabral, que era addido á nossa legação em Madrid e estava então com licença em Lisboa, um diabo de uma bengala para o duque d'Alba, bengala de responsabilidade, porque era de tartaruga com castão de marfim todo arrendado, representando uma caçada, trabalho admiravel de duas ou trez duzias de chinas, que devem ter morrido d'isso. Logo que cheguei a Madrid, depois de haver dado á bengala todos os cuidados requeridos, desempenhei-me d'aquella incumbencia, a respeito da qual, durante quatro dias, o duque me não deu novas nem mandados, deixando-me, como é natural, vivamente espantado de que um bilhetito de visita não houvesse recompensado os meus extremos !

N'uma noite de theatro, depois do chocolate, porque, como bom viajante, não brincava com essas coisas, e nunca, em Hespanha, faltava aos meus deveres para com Mathias Lopez, chego a casa e encontro uma carta da senhora de Ortêga a dizer-me que no dia immediato, ao irem para os toiros, passariam pela hospedaria, e me levariam na companhia d'elles para o seu camarote.

Assim foi. Cinco horas a darem, um caleche a parar á porta da *fonda*, puchado por mulinhas com uma guizalhada de estrugir os ares. A baroneza estava vestida pittorescamente, de saia curta, mantilha de côres; no caleche estava o barão e outro homem. Subi. Partimos.

O d'Ortega disse ao outro cavalheiro o meu nome, e disse-me a mim :

— O sr. duque d'Alba !

Fizemos um gesto de comprimento; o carro ia pelos ares; a baroneza, alegrissima sempre, sorria ; os guizos, *tlin, tlin, tlin,* davam ao caso um tom fantastico...

Já a corrida havia principiado; apeámos-nos, subimos á pressa, entrámos no camarote; o barão tomou o logar inferior, ao centro a baroneza e eu, no canto de honra o duque.

O qual duque não me disséra uma palavra a respeito da bengala, da perigosa bengala.

— Celebre duque ! dizia eu.

Os tres matadores haviam distribuido as suas sauda-

ções ao publico e em especial aos *afficionados;* luziam ao sol as jaquetas bordadas a oiro, as abotoaduras de brilhantes, os anneis de rubis e esmeraldas, d'esses pimpões, que ganham quatro mil e quinhentos reales, cinco mil reales, cada um ! O presidente dava a chave ao guarda do curro : os picadores de lança em riste encetaram a sua melhor attitude. Saiu o boi ao som de trombetas; paus afiados, pernas membrudas ; atirou-se, e ahi ficou um cavallo com uma tripa de fóra, suspensos por algum tempo cavallo e cavalleiro, depois rebolando um por cima do outro, e o toiro a olhar, a olhar para o pobre toureiro immovel... Em baixo, nas trincheiras, uma parte do publico poz-se em pé...

— *Sentar-se, señores, que no lo ha matáo!* gritavam furiosos, os que estavam por traz d'elles. O picador, — parece que ainda o estou vendo, vestido de amarello com franja de prata, polainas de ferro, largo chapeu branco caido para a banda ; estava como morto, e o boi na duvida, sem o querer perder de vista... Os bandarilheiros animam a praça: um d'elles vae ao ar nos paus do toiro : agarram-o ao cair, e levam-o em braços, mas não está morto, aliás leval-o-hiam para a sachristia, ao fundo da praça, capella com padre para administrar aos que morrem a extrema-uncção...

—Quem é este bandarilheiro? pergunto ao duque d'Alba. Elle não me dá resposta.

Como sem poder convencer-me d'isto, espero um instante, depois renovo a pergunta.

O duque não me responde.

Passa-me então pela lembrança que elle não me dissera sequer obrigado pela memoravel romaria da bengala de tartaruga com o *castão de marfim arrendado, representando uma caçada;* tenho a vertigem de quem se sente humilhado injustamente: mas a baroneza pergunta-me o que se passa; e, porque esteja eu transtornado de expressão, de côr, deita mão á mão do duque:

— Duque! Vossê chegou da Granja á hora da corrida; da Granja, onde esteve uma semana; fomos buscal-o e em seguida fomos, de relance tambem, buscar o sr. Machado, que nos é recommendado por pessoas de grande estimação para nós, de Portugal; não sei se encontrou em casa uma bengala que lhe offerecem de Lisboa, o que quer que é raro, feito no Japão...

— Sim, de José Emygdio Cabral...

— Sabe quem lh'a trouxe?

— Não me lembra o nome, li com pressa a carta que m'o diz...

— O portador da bengala foi Machado!

— Ah! disse o duque cortezmente. Irei fazer-lhe os meus deveres...

— Mas não basta isso!

— Que mais então?

— É preciso explicar a Machado, que vossê é surdo do ouvido direito, mas surdo como uma porta, como um muro..

— Para quê?

— Para quê! Porque, de duas vezes elle lhe dirigio a palavra, e o duque, como se ainda fóra pouco não lhe haver dado noticias suas desde a bondade que Machado tivera para comsigo...

— Pois se cheguei da Granja ha uma hora!?!

— Bem sei, mas elle só agora o sabe; e, de uma pergunta, que, a seu lado, lhe dirigio por duas vezes, não logrou resposta á primeira vez nem á segunda...

O duque d'Alba jurou-me então, por quantos modos lhe pareceram mais convincentes, que não ouviria um tiro se junto da orelha direita lhe disparassem uma pistola! E, para sellar o desenlace gracioso d'este acontecimento, menos amavel ao principio, jantámos n'esse dia com os d'Ortega, e o duque no dia immediato foi fazer-me a sua visita e convidar-me para um almoço e para uma caçada. Aceitei só uma das partes do convite... Não foi a caçada.

Como disse ha pouco, de escriptores em Madrid, apenas conhecia verdadeiramente dois, Luiz Rivera, e Manuel del Palacio, visto como, com Escrich só estivera, em 1864, o tempo de fumarmos um charuto pelo caminho adiante desde a Puerta del Sol até á praça dos toiros n'uma tarde de domingo, indo com Manuel del Pa-

lacio e encontrando-o casualmente ; e com Morayta, em cujo jornal, *La Reforma*, escrevi duas correspondencias, tive apenas o gosto de lhe fallar uma vez, no meu quarto do *Hotel de Paris*. Conhecimentos deffinitivos, só Rivêra e Palacio.

Em 1866, porém, uma circumstancia me fazia duvidar de que estes dois amigos pudessem dar-me tão alegre hospitalidade como das outras vezes; porque, tendo dado duas cartas de apresentação ao Fabbricca, marido da cantora Bernardi, destinadas ambas a Madrid, uma para Rivera e outra para Palacio, recebi a noticia pouco satisfatoria de que o Fabbricca não havia podido topar estes dois poetas, escriptores, e *dillettanti*, pela simples casualidade de Manuel del Palacio se achar emigrado e Rivera estar na cadeia!

Chegára portanto a Madrid d'esta vez sem a minima idéa de abraçar estes collegas; e, ao ver Lyonel Deville, uma das minhas primeiras perguntas foi:

—E o pobre Rivera?

—Como, o pobre Rivera?

—Sim! continuei em tom compassivo; esse inspirado e infeliz poeta, que estará compondo a esta hora entre ferros alguma elegia, plangente e negra como a sua negra sorte de encarcerado!

—Qual elegia, nem qual encarcerado! Luiz Rivera está a esta hora de *robe de chambre*, repotreado n'um so-

phá, saboreando um *puro*, e dictando garbosamente a um secretário algum artigo humoristico ou alguma poesia alegre para o seu *Gil Blas!*

— Que vem a ser o seu *GilBlas?*

— O jornal mais jovial de Hespanha, que tem muitos assignantes, que se vende immenso avulso, e que está rendendo largamente ao Rivera!

— Pois o Rivera não está preso?!

— Esteve preso, sim; leve episodio. O que é isso na vida de um hespanhol! Esteve preso, mas já está solto; e, de mais a mais, teve uma sorte na loteria, ha quinze dias.

— Que me dizes! E o Palacio?

— Manuel del Palacio?

— Sim! Esse desditoso amigo! ao qual conheci na abundancia! e que, hoje, come o pão amargo do exilio!

— E' exactamente o contrario d'isso! dizia-me o Deville, rindo. O Palacio está fazendo um dinheirão, desde que emigrou; escreve composições lindissimas, em que a veia galhofeira se lhe desata em chistes com a maior liberdade; — inspiração ás soltas!

De forma que, os dois homens, que eu suppunha mais perseguidos pelo destino, estavam, ambos, mais ditosos, do que quando os conhecera felizes!

Fui-me logo a abraçar Rivera, que, effectivamente, como dissera Deville, estava de *robe de chambre*, fu-

16

ando, e dictando um artigo. Appareci no escriptorio sem que me annunciassem, e, dobrando o pescoço com ar grave de cortezia, estaquei defronte do poeta; não me conheceu de principio; mas, de repente, como quem exclama: «Oh! Salteador!» gritou-me não sei que injuria grossa, que tive de acceitar por uma fineza, graças ao contentamento com que a revestiu.

Luiz Rivera, que estivera em Lisboa em 1851 e fôra aqui redactor da *Revista del medio dia*, chegára a estar velho em 1864; n'uma tarde d'esse anno, ao pôr do sol, estivéramos a uma janella dos *Embajadores*, onde eu morava então, conversando; conheciamos-nos de Lisboa do tempo das minhas estrêas nas lettras, e estava habituado a olhal-o com o enthusiasmo das admirações do alvor da vida; n'essa tarde, talvez por causa do caminho melancholico que a nossa conversação tomára, pareceu-me ver no semblante do amavel poeta os estragos que a lucta, os esforços, e as vicissitudes da carreira litteraria costumam dar; — imaginem, pois, o meu pasmo ao ir achal-o mais leve, mais alegre, e mais moço!

— Rivera, disse-lhe, tu és o Fausto! Ja te conheci mais velho! És o Fausto!..

E ahi principiámos a rir e a recordar os tempos da sua estada em Lisboa, os jantares da *Padeira* da Praça da Alegria, casa de pasto, que, n'essa epocha, tinha a flor da litteratura attrahida pelo pato com arroz e pelas som-

bras protectoras de um quintalico; as horas do café Suisso, em que Ricardo Guimarães, hoje visconde de Benalcanfor, para em tudo ir de accordo com as galas do seu estylo amplo, bebia *cognac* por copos de agua; e o camarote dos litteratos no theatro de D. Fernando, em que Lopes de Mendonça, terror vivo da burguezia, no meio de apostrophes em voz alta era vivamente chamado á ordem pela platéa irritada. Eu era n'esse tempo o *gamin* de taes festas. Graças a Lopes de Mendonça, que me levava para toda a parte comsigo em me encontrando, principiei, logo n'essa epoca, a ver de perto os illustres da nossa terra e a roçar manga com manga pela casaca dos deuses! Consideravam-me como um irmão pequeno de Lopes de Mendonça, e tinha entrada franca nos festins.

Luiz Rivera apparecera em Lisboa n'esse tempo, e foi já Mendonça quem me apresentou a elle. Rivera principiáva apenas a sua carreira. Não tinha ainda o que se chama experiencia, mas n'essas coisas um homem inexperiente vale ás vezes mais que dois já experimentados; é ter talento ou não o ter; que importa lá que se embrulhe um quasi nada a lingua, a quem ainda apenas principie a fallar; tem isso mais graça do que a regularidade chocha da mediocridade. De mais a mais, Rivera tinha toda a casta de audacia; escrevia polemicas, elegias, romances, peças para o theatro; achava-se todo em qualquer

pagina, que saisse da sua penna; e passava a perna por cima do *ram ram* dos costumes.

Quando deixou Lisboa, escreveu um drama em verso, *Las Aves de paso*, uma *zarzuela* para a qual Barbieri compoz a musica, *El secreto de una dama*, que teve grande exito em Hespanha, e tem sido cantada em Lisboa muitas vezes, e centos d'obras em verso e em prosa; só não as fez que não fossem prosa nem verso, mas não falta pelo mundo quem se encarregue d'isso!

Conseguiu por fim que um jornal humoristico se sustentasse e o sustentasse a elle em Madrid; e esse genero de poesia rendeu-lhe bem. Em vez do *Hijo del desierto*, de que ha em portuguez uma traducção de Mendes Leal, e de outras composições enthusiastas que lhe eram pagas com menos ardor do que elle punha em as traçar, acabou os seus dias, escrevendo, com grande voga e larga retribuição, coisas d'estas, por exemplo:

Yo, fumandome un cigarro,
fuime á casa en un simon;
y ella, á ver la ejecucion
del pobre Esteban Navarro.

Por eso en tono sencillo
y sin que nada la asombre,
ella canta este estribillo:
—despues de ahorcar un bolsillo,
vi tambien ahorcar á un hombre

Para os que se lembravam dos primeiros cantos do poeta, o sobresalto podia ser grande; onde estava o Rivera antigo, da poesia inspirada e terna? Lá estaria ainda, onde estivera d'antes, se fôsse preciso; mas preciso para que, se elle escrevia para o publico e o publico gostava mais d'elle assim?!

Morreu moço; já de cabello a branquejar, mas moço ainda, e só velho do cansaço que as luctas da existencia lhe haviam dado. Vivera com pouco dinheiro sempre, trabalhando muito, orgulhoso e feliz; o *Gil Blas* ia-o tornando rico, — elle envergonhou-se d'isso, e morreu.

N'esse mesmo anno, e d'essa mesma occasião de estar em Madrid, segui de Madrid para Italia, tendo por companheiros de viagem até Milão o baritono Squarcia com sua mulher, e a cantora Borghi-Mamo — e seu marido, o qual actualmente se acha em Lisboa acompanhando sua gentil filha, creança de nove annos n'esse tempo, e hoje, como sabemos, uma das primeiras cantoras da epocha Era em abril; terminára a estação lyrica de S. Carlos, e, fugindo da gaiola, iam voltando ao ninho patrio todas essas aves de canto. Para mim, que ia a Italia por primeira vez, era da mais agradavel vantagem fazer a viagem com tão amaveis *cicerones*, e aproveitei contente aquelle auspicioso ensejo.

A linha ferrea até Bayonna estava já completa. A carruagem em que iamos, apesar de sermos cinco, parecia ir

apinhada de gente, porque o Squarcia, encarregando-se da *mise-en-scène* com o saber theatral que o distinguia, armou, dos chales, mantas, e chapeus, verosimeis manequins de trapos, que figuravam pessoas a dormirem, embuçadas, cada uma ao seu canto, em quanto nós — na paragem das estações — representavamos, á portinhola, de viajantes encalmados e molestos do apertão em que fossemos. O caso é, que, sosinhos até Paris, fomos conversando e rindo, sujeitos apenas á severidade, o Squarcia e eu, de não nos ser dado fumar, do cair da tarde em diante, senão um charuto ao crepusculo vespertino e outro ao crepusculo matutino, para que podessem ir fechados os postigos e não se fizesse fumo que enrouquecesse a *prima-donna*. Já se vê que era Mamo quem nos opprimia com estas severidades, depois de nos haver perguntado gravemente de que modo era que nós fumavamos.

— De que modo?! exclamava o Squarcia. Muito!..

— Não é isso o que pergunto! tornava o Mamo. Fumam como os de Malta, ou como a outra gente?

— Homem! Essa!

— Não ha homem, nem meio homem. Fazem fumo, ou que fazem?

O Squarcia, pasmado, e eu:

— De certo, fazemos fumo!

— Não sabem fumar. O preceito é arrecadar, fumando

o fumo; fumar cada um para dentro de si. Ser capaz, por exemplo, de beber um copo de cerveja, e não deitar o fumo senão depois!

Ficámos perplexos um momento; em seguida, o Squarcia com ares de triumpho:

— *Ascolta*! E se te disser, que, em eu querendo, faço sair o fumo pelo nariz? Mas, faz mal á saude...

— Pelo nariz! Pelo estomago é que fuma todo o fumista sério! É como se fuma em Malta.

E fechava os postigos.

Se ha terra de que seja grato recordar o encanto quando já se está longe d'ella, é a Italia. Ao voltar de Paris ou Londres, ha sempre no animo do viajante o sentimento de haver perdido alguma coisa, uma illusão ou uma esperança; de Italia volta-se com a alma saudosa mas consolada; tudo alli é ameno e doce; amar, cantar, esperar, tal é o destino d'aquella gente; o seu *panem et circenses, é maccarroni e musica!*

A viagem em diligencia e *traineau*, pelos Alpes, era uma festa. Não se faz idéa da magnificencia do monte Cenis; d'aquella natureza grandiosa e excepcional, em que as arvores verdejantes banham os pés no gelo, os riachos a cada passo correm das elevações e fazem brilhar nos rochedos as suas faiscas prateadas, e as nuvens brancas affagam a cumiada dos montes, volteando em redor d'elles como um bordado. De vez em quando um

casalinho perdido no cimo de um roccado surge de repente por entre o farpão de uma nuvem e parece suspenso no espaço; mil torrentes, mil abysmos de um lado e outro, caminhos estreitos, que serpenteiam pelo monte acima e por onde apenas cabia a diligencia ou o *traineau*. O declive era rapido: de um lado e d'outro avistavam-se os montes apenas, e os abysmos; rochedos trepados uns sobre os outros ou erguendo-se ao longe como pedras funebres; mais adiante, uma catarata arrastrando ruidosamente, até precipicios profundissimos, arvores que a tempestade arrancára; depois o cume de um monte debaixo de um manto de neve, ou erguendo-se aguçado por entre o nevoeiro; algum guia ou algum caçador, alli ou além, desenhando-se subitamente por cima de uma nuvem, verdadeiras apparições phantasticas...

Frio diabolico, n'aquellas paragens. A meio caminho, em Lanslebourg, estalagem no meio do monte: apeiavam-se os viajantes, e havia meia hora de descanso. Todos saltavam tropegos das carruagens, enregelados, medrosos... Alli se tomavam os *traineaux*, quando a neve era muita; espectaculo pittoresco e esplendido, ao luar. Mas, em a noite estando escura, montes e montes a erguerem-se como monstros, e o olhar a perder-se no negrume dos abysmos...

A estalagem resplandecia de luzes; era uma grande casa branca com duas entradas, sala cheia de mezas,

criadas com grandes toucas brancas, dois concertistas a um canto tocando flauta e harpa, para alegrarem a situação, com walsas caprichosas e alegres; os viajantes tomando a sua sopa a ferver, o seu copo de vinho, e o seu pedaço de *roas-beeff*, emquanto outros, já de refeição feita, calçavam meias de lã ou embrulhavam o pescoço.

Chegava-se de madrugada a Suza, entrava-se em caminho de ferro, — como agora fazem a viagem toda, — e ás onze horas da manhã estava-se em Milão.

É uma *coquette*, Milão; pequena, afrancezada no luxo e nas modas, mas temperando isso com a voluptuosa *morbidezza*, que caracterisa a Italia. Paris não é *coquette*; Paris é prestigiosa, mas é grande de mais para ser *coquette*; as cidades são como as mulheres, só uma mulher pequena póde ser propriamente *coquette*; Milão é *coquette*.

Instalei-me no *Hotel de la Ville*, no Corso Vittorio Emmanuelle, que é para Milão o Chiado de Lisboa, rua extremamente larga, de grande extenção, a mais elegante e frequentada da cidade, partindo da praça da Cathedral e seguindo com as successivas designações de Corso Vittorio Emmanuelle, Corso di Porta Venezia, Corso di Porta Nuova; passeio da noite, *rendez-vous* das manhãs.

Abril é o melhor mez de Milão para o viajante, o mez mais entretido e agradavel; póde ainda assistir a uma

representação no Scala, se alli chegar logo no principio do mez, e depois fica encontrando em Milão pelo mez adiante todos os artistas italianos até então espalhados pelo mundo, e que alli acodem por esse tempo para tratarem de escripturas nas agencias theatraes. É um verdadeiro espectaculo de cantoras, e bailarinas. Só das que já haviam estado em Portugal encontrei logo no primeiro dia dez ou doze, a Berini, a Fricci, a Laborde, a Lafont, a Stefanska, etc.

Os *toristas*, chovem alli tambem por esse tempo. A hospedaria em que eu estava não tinha outra gente. Notei apenas em Milão poucos inglezes, em comparação de Veneza. Os *locandièri*, os *ciceroni*, e os *custodi* notavam tambem, e com maior tristeza ainda, a pouca affluencia dos nossos fieis alliados. Um carcunda que era guia da hospedaria — deixem-me já dizer-lhes que em Milão, não sei explicar o motivo, fervem carcundas! — e tinha um grande sentimento de não poder alistar-se como voluntario para a guerra, dizia-me: — Isto é um emprego perdido. Ha tres semanas, não tenho acompanhado senão quatro inglezes!

Coisa celebre; quando, em 1862, dei de Paris uma saltada a Londres, não se pode dizer que ficasse captivado de seducção pelos inglezes (pelas inglezas sim, que nunca na minha vida vi tantas mulheres de uma formosura, de uma idealidade de encanto, alguma coisa de

superior ao que possa ser dado querer encontrar na terra, como alli !) É verdade que, perguntando-me, no palacio da Exposição, Moita e Vasconcellos, hoje chefe da repartição do Commercio e Industria no ministerio das Obras publicas, se eu tinha já em Londres muitas relações, tive de informal-o que o conhecimento mais intimo que travára fôra no amphitheatro de Covent Garden com um inglesão enorme, que se accommodara tão bem commigo, que, estando sentado n'um banco superior ao meu, chegára por um triz a pôr-me os pés nos hombros, o que eu, de grosseiro que fui, lhe não permitti... Mas, emfim, não levando cartas, não me demorando em Londres, não vendo senão as principaes coisas, e isso mal, á pressa, que direito tinha eu de ficar a gostar tanto de inglezes que os quizesse tambem depois em Milão? E todavia, não sei porque, no dia em que fui a Como, puz-me pelo meio do dia a scismar n'elles, e no quanto fosse de estranhar a sua ausencia alli... para ajudarem o pittoresco!

Apesar da situação actual da Italia, n'aquelle tempo — 1866 — entrei alli pensando em tudo menos em politica, e assim me conservei. Parecia-me bom viver n'aquelle paiz sereno e tranquillo, refrescado por um sopro de arte, longe das preoccupações em que de ordinario se nos gasta a existencia; ver os primeiros e ultimos raios do sol dourarem a cathedral, ouvir a brisa sussurrar nas arvores dos jardins, tomar um gelado á porta do

café do Corso, e ir á noite escutar no *Scala*, no *Cannobiana*, ou no *Radegonda*, a *romanza* do tenor e a aria da *prima-donna*. Amor e musica — são as duas unicas preoccupações que se dão bem n'aquella terra!

Em Veneza não me diverti apenas, trabalhei.

O livro que publiquei logo depois de regressar a Lisboa, *Do Chiado a Veneza*, foi, em grande parte, escripto alli. Não me tomaram o tempo, durante vinte e seis dias, prisões de nenhuma ordem; todo eu era curiosidade, actividade; não almocei lá uma vez que fosse, sem já haver estado a trabalhar tres horas. Era recommendado entre outras pessoas, a um grego chamado Velluti, bibliothecario do palacio ducal, e a Nicolo Barozzi, homem de lettras, secretario do museu Carrer. Levava cartas do *librettista* Piave, auctor do *Crispino e la Comare*, e outras, alcançadas em Milão por madame Borghi-Mamo. As tardes e as noites em Veneza eram para as gondolas, ou para o theatro: as manhãs para os Archivos. Cheguei a ter, por lá, a mania de vasculhar papeis velhos que tivessem referencia a Portugal, e consegui a habilidade de fazer uma descoberta, — uma carta escripta de Lisboa ao doge em 1598, quando o senado decidiu processar um desconhecido, que fôra preso em Padua e dizia ser D. Sebastião, rei de Portugal. O embaixador de Hespanha em Veneza queria apoderar-se d'elle e fez ameaças no caso de lhe não ser entregue; a republica, porém,

não achando motivos para proceder contra elle, pôl-o em liberdade, intimando-lhe apenas que saisse dos seus estados. Constou isto em Portugal, e achei lá a carta que d'aqui se escreveu ao doge. Copiei-a do original, que existe no Archivo geral de Veneza. E' dirigida ao principe Marino Grimano, duque de Veneza, e assignada por Don Emanuel. Esse D. Manuel, que, a julgar da orthographia da sua carta, escrevia o peor possivel, seria um dos filhos do prior do Crato? Talvez. Conservam-se no archivo muitas cartas dos nossos reis. A republica teve sempre um consul em Lisboa, que escrevia ao senado tudo o que por cá acontecia. Por espaço de dois seculos foram estes consules de uma familia do appelido Moura, que se extinguiu n'este seculo, deixando uma notavel galeria de quadros, que pertence hoje em Veneza ás duas familias Sacchi, e Sernaggiotti.

Não ha perguntar por lá — quem fez isto? quem fez aquillo? Não é como nas outras terras, em que a resposta a taes perguntas é sempre — o rei este, o rei aquelle. Alli a resposta está dada : a Republica!

Mas, cada casa tem a sua historia! De algumas, das mais humildes até, conta-se o drama, os episodios...

Ainda lá se falla muito do Byron. O Nicolo Barozzi mostrou-me a casinha em que elle morou — não esteve sempre no palacio Mocenigo, teve a tal casa, de varan-

dinha baixa, onde elle se punha a ver passar as mascaras no tempo do Carnaval, para nem estar de alto nem andar pela rua exposto ás chufas dos que se rissem de elle ser coxo. Teve em Veneza dois amores celebres: uma mulher do povo, Margarita Cogni, muito citada lá pela quantidade de estrepolias que fez, entre outras a de se deitar ao canal depois de uma altercação que tivera com o famoso auctor do *Child-Harold*: e uma fidalga, uma condessa, a Guiccioli, que teve grande poder sobre elle, ao ponto de conseguir, dizem, que não acabasse o poema de *D. João*, e escrevesse a *Visão do Dante*, por pedidos d'ella.

As prodigiosas obras de arte, que os telhados d'aquelles edificios ainda cobrem; ver e rever S. Marcos, pasmar diante dos mosaicos, dos ornatos, dos baixos relevos, dos mausoleus esplendidos dos doges; admirar no Palacio ducal os quadros sublimes dos mestres; alternar de recreios, indo de tarde ao Lido, ao theatro, ou simplesmente passear na práça, á noite; tomar neve no Florian — botiquim que não tem portas e está aberto toda a noite; conversar, com a facilidade amavel, que ha, de fazer relações, n'aquella terra em que toda a gente anda a pé, e se encontra de bocado em bocado no jardim, na praça, nas pastelarias, no Palacio, no Rialto, ou no *gran canale* mettido cada qual n'aquella especie de *saveiros* ou *varinos*, estreitos e compridos como peixes, a modo

de sarda ou chicharro com uma caixa de sege na barriga, as suaves gondolas, pintadas todas de escuro, e iguaes por fóra para que não se adivinhe quem vae dentro, rico ou pobre, princeza ou mulher de gondoleiro... — que melhor, que mais doce vida? Ah! Veneza, que impressão produzes, que saudades deixas, e que razão têem os que te chamaram *la bella!*

A carreira publica pela qual se tinha antigamente maior sympathia era a de empregado publico. Havia boas rasões para isso. As familias assustavam-se com a idéa de se separarem dos filhos, mandando-os estudar em Coimbra. Coimbra ficava longe e não desfructava grande fama no tocante á morigeração de costumes. Ia um mocinho esfriar alli nas margens do Mondego o amor por seus paes: ia estar exposto ás tentações da extravagancia alegre, e ao mau exemplo de alguns estudantes que se formavam depressa nas leis do torto e de vagar nas do Direito... As mães tremiam.

A vida militar offerecia destino incerto: poderia não haver guerra, mas poderia haver guerra. Tão perfeito e tão airoso, ahi ia expôr-se o mancebo a que algum dia o

estropiassem n'um campo de batalha... As mães choravam.

Ser padre principiava a não prestar; para estimação, poucas sympathias, poucos lucros: sermões a meia moeda, missas a doze vintens: e um espirito de liberdade a sacudil-os por qualquer coisa... As mães calavam-se.

Ao passo que, ter um emprego do estado era ir de carrinho pela vida diante. As secretarias offereciam uma existencia tranquilla e segura. Poderiam cair os thronos, as repartições não cairiam. Toda a gente importante do paiz eram empregados do estado: ou o paiz ficaria reduzido a moços de fretes, ou os empregados continuariam nas suas secretarias. Entrava-se ás nove horas, saia-se ás quatro; ia-se para lá bem almoçado, e, quando Deus queria, dava-se ordem ao creado que levasse uma refeição, n'um cestinho, do meio dia para a uma hora: o chefe não precisava de recorrer a essas medidas, era convidado certo de todos os amanuenses, e petiscava gravemente do farnel de um e de outro. Queria-se principalmente para aquella profissão, muita seriedade, boas roupas, e bonita letra. O sujeito levava tres horas a copiar um officio, que levara outras tres a redigir, e passava a segundo official no fim de uns annos, estribado na seriedade, no tempo, e no cursivo... As mães sorriam!

O paiz via-os com bons olhos. O que elles soubessem, o que elles valessem, era um segredo. Nada se averi-

guava áquelle respeito, senão que reinava entre os funccionarios mutua consideração, muita estima, uma harmonia. digna de Mercadante.

De uma occasião, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que tinha a loucura de se interessar pelo talento alheio, lembrou-se de que talvez não houvesse motivo plausivel para querer que os litteratos de Portugal morressem de fome, e deu-lhes empregos publicos.

Parece que, ao observarem o pouco que nas secretarias se trabalhava, aquelles diabos — já criminosos da sua fatal prenda das letras! — entenderam dever dar um exemplo ao mundo do que pudesse ser trabalhar menos ainda; e, pondo o chapeu na cabeça, accenderam um charuto e foram fumal-o para o Terreiro do Paço... A seriedade burocratica tremelicou n'essa hora, estranhando aquellas liberdades... Fumar, nos corredores, de modo que ninguem visse senão os collegas, que estivessem tambem a fumar e tambem nos corredores, — vá; mas, ir para o Terreiro do Paço, tomar sol, cavaquear com quem apparecesse, olhando de vez emquando para a secretaria...

— Ella lá está!

— E... eu cá estou!

Tinha visos de libertinagem... O funccionalismo encrespou a venta e resmungou.

— Olá! Olá! gritaram-lhe então os litteratos. Que

temos nós? Isto vae á vontade, ou vae á capucha? Vossês querem a mandria *solemne?*!

Isto fez rir. Principiaram logo muitos, a serem litteratos... figurados, scismando até no melhor modo de os representarem com vantagem.

—Talvez o não irmos nunca ao emprego preencha este vago anhelo? disseram.

Não preenchia, — porque, ou bem aquella historia se chamava repartição, ou não: o melhor seria não pôr jamais os pés na *secretaria*, e não faltar nunca á *repartição*. Isto é, — não ir lá trabalhar, pelo mez adiante, mas comparecer sempre no dia do pagamento a embolsar o ordenado.

Assim ficaria completa a obra! Esta idéa teve a acceitação mais auspiciosa...

Diz a lenda que houve tal, a quem ninguem conhecesse no ministerio a que pertencia, porque, até para receber a mensalidade, se fizesse representar por segundo, quando não fosse, ao mesmo tempo, por terceiro, quarto, e quinto, — o que collocava o thesoureiro em delicados embaraços ao achar-se com cinco recibos pela frente, do mesmo cavalheiro, na mesma data! — que, por mais de uma vez, resolveu o embaraço de um modo escrupuloso e deffinitivo, rompendo theatralmente pelo grupo de agiotas, (que todos reclamavam direitos de prioridade) ao som das exclamações do thesoureiro:

— A qual?! Mas, a qual heide pagar, se todos representam igual direito?

E elle gravemente:

— A mim! que sou o proprio!..

Comquanto interessante, este lance, pareceu não cair em graça aos agiotas. Taes reclamações fizeram, que a suave complacencia dos thesoureiros pagadores deu parte de forte, já fatigada de dar parte de fraca, e poz n'isso um ar de côbro tão evidente, que foram suspensos uns empregados e demittidos outros, como solemne desforra das glorias burocraticas e de sua austeridade inconcussa...

Sempre eu me havia sentido — menos que pouco propenso, — contrario até, a essa carreira e aos destinos d'ella.

Mas, estando as coisas n'este ponto... verdadeiramente digno de ser *de admiração*, succedeu n'uma tarde de agosto de 1864, dirigindo meus passos pelo Passeio publico, ouvir duas vozes differentes, e ambas melodiosas, chamarem pelo meu nome com a vibração especial de quem tenha pressa de ser ouvido...

Eram Santanna Vasconcellos, hoje visconde das Nogueiras, e nosso ministro em Washington; e Ricardo Guimarães, logo depois visconde de Benalcanfor e hoje inspector da instrucção secundaria.

— Olá! disse eu. Como estão vossês?

Ou elles me não disseram como estavam, ou já não estou certo de qual fosse a melhor ou peor disposição da saude d'estes amigos n'aquelle dia; sei, porém, que, fallando elles ambos ao mesmo tempo, distingui, por entre essa meiga confusão, dizer-me Santanna:

— O Ricardo vae ser ajudante do procurador da fazenda, e deixa, por isso, o logar do Instituto... Lembrámos-nos de ti.

— Para quê?

— Para secretario do Instituto. O primeiro que exerceu esse logar foi o Avelino, o segundo o Ricardo, já vês que... E' um logar bonito!

— Não ha motivo para o julgar feio, meus amigos, mas...

— Nada de mas. És amigo do Corvo, o João Crysostomo tem por elle grande estima, é caso simplesmente de não perderes tempo e tratares d'isto quanto antes... Onde vaes agora?

— Jantar.

— Bem; janta e occupa-te d'isso; nós vamos ao Lobo d'Avila pedir-lhe que escreva tambem ao seu collega a teu respeito... Vá, — marchar.

Aperto de mão de Santanna, meu amigo desde os primeiros annos da minha carreira, aperto de mão de Ricardo Guimarães, por cuja intervenção eu havia entrado em tempo para a *Revolução de Setembro* — como se vê

do primeiro volume dos *Apontamentos*; e viva, e bravo, e vá feita, e ainda bem!

Fui jantar.

E, pelo caminho, o ar consolava-me, como se fôra a Providencia a sorrir-se para mim! — porque, e é esta a singularidade da historia, havendo combinado mezes antes uma ida a Alcobaça com o doutor F. F. Hoppffer, — e seu cunhado Cordeiro, administrador de Cabo Verde, que ia ás Caldas da Rainha com suas filhas para tratamento de aguas, — recebera de Hoppfier uma carta na manhã d'esse dia, a dizer-me laconicamente — «Amànhã ás oito horas da noite na estação de Santa Apolonia; para as Caldas e Alcobaça; dispõe as coisas, e não faltes»; depois de ler a carta, fôra-me a uma gaveta, abrira-a, e, examinando uma caixita de papelão, onde costumava guardar o dinheiro destinado a estar quieto por mais longo praso do que o do gyro de todos os dias, vira, que, dos dois contos e novecentos mil reis do ultimo predio que vendera, e de que alli arrecadára o restante da ultima viagem, havendo tirado, a pouco e pouco, as notas de dezoito mil réis á proporção que as urgencias da vida m'as haviam reclamado, me restavam tres notas apenas: — o peor d'isto, não era tanto o serem essas notas as ultimas do predio, mas ter sido aquelle predio o ultimo que eu podesse de vez trocar a notas, visto omo os dois, que me restavam, exigissem de minha pru-

dencia que os não viajasse como havia feito aos outros, a fim de não levantar meus vôos nas letras até imitar Camões, não direi nos brilhantes principios nem nos arrojados fins d'elle,... mas nos seus *meios*.

Tirára então duas notas. Levára uma ao Keil; trocára outra na loja do barbeiro Chico, quando alli me cortaram o cabello: e, deixando dinheiro em casa para uns dias, vira-me obrigado a tirar a ultima, destinada a ir gastar-se commigo, durante a passeata, nas propinas a creados, e despesasitas eventuaes, que, apesar de convidado como eu o era por Hoppffer para a digressão a Alcobaça, sempre levariam dinheiro.

De modo que, teria de viver, d'alli em diante, do rendimento do predio do Salitre e do predio da rua das Pretas, addicionado aos lucros demasiadamente paradoxaes que as letras me estavam dando por aquelle tempo: Corrêa Seabra, meu editor nos *Contos ao luar*, *Scenas da minha terra*, *Passeios e Phantasias*, *Recordações de Paris e Londres*, morrera n'esse anno; a *Revolução de Setembro* estava, por esse tempo, na peor das crises; Sampaio trabalhava de graça, como dando o exemplo da coragem na ruim fortuna: mas, menos heroicos do que elle, os homens, por ordinario, em trabalhando de graça, trabalham mal, — porque ninguem faça as coisas bem sem vontade: o jornal sustentava-se pelos artigos d'elle, e pela stricta economia de administração...

Tudo isso era excellente, mas a caixita de papelão ia ficar vazia! —

Vazia!

Jantei, e sahi.

Era noite.

Desci a minha rua, costeei o Passeio, atravessei o Rocio, subi a rua Nova do Carmo, — e, de repente, vejo um homem, que ia tambem subindo a rua: encaro com elle...

Era Corvo!

Era o sr. João de Andrade Corvo, o illustre homem de sciencia, o illustre escriptor, hoje o illustre homem d'Estado, a quem eu de ha muito tinha a honra de tratar como amigo; que, por muito tempo, de 1859 a 1863, tivera em S. Carlos a sua cadeira de platéa ao lado da minha; que me acolhera sempre com intimidade, tanto mais estimavel, quanto elle é difficil em a estabelecer, — mas a quem, por essa occasião, havia mezes que eu não encontrava, que eu não via, — e que, na noite do dia em que Santanna e Benalcanfor me haviam dito «Falla ao Corvo!» apparecia subitamente, ao meu lado, no meu caminho!..

— Terá duvida, meu caro sr. Corvo, disse-lhe eu, em fallar ao ministro das Obras publicas para que o logar de secretario do Instituto Industrial, hoje vago, pela sahida de Ricardo Guimarães, me seja dado?

— Nenhuma duvida. Tenho o maior prazer n'isso!

— Obrigado. Só uma palavra mais. Dá-se a circumstancia de ter de ir amanhã para as Caldas da Rainha com o Hoppffer... Voltarei dentro de quatro dias...

— Vá e volte quando queira, na certeza de que não me esquecerei.

Sereno sempre, como é o costume d'elle, Corvo cortou para o Chiado; eu desci a rua Nova do Almada. No dia immediato, parti para as Caldas da Rainha com Cordeiro, duas meninas pequenas, suas filhas, e o medico Hoppffer, de quem a mãe d'essas meninas era irmã.

Coisa celebre, uma vez em jornada, como que se me apagou do espirito a idéa do Instituto.

A distancia esfumou por tal arte os horisontes d'aquelle caso, que chegou a figurar-se-me que deveria sobrevir um inconveniente qualquer e que era melhor não pensar mais em tal. De uma vez ou de outra, acudia-me isso á lembrança; mas, como estava sempre acompanhado, ia conversando ou seguia o fio da conversação das outras possoas; e assim consegui, que, tal idéa, se de repente vinha, de repente se fosse. Hoppffer era, e tem sido sempre para mim como um irmão; conversavamos sem segredos um para o outro, a não serem os que todo o homem tem o dever de guardar, porque lhe não

digam respeito unicamente a elle; riamos, philosofavamos, argumentavamos, discutiamos: isso mesmo enchia o tempo, isso mesmo me entretinha, e me occupava, turrando em amigaveis disputas com a ancia de um controvertor que se recreie em polemicar.

Alguma vez não teria rasão elle; muitas vezes não teria eu razão. Mas, quando os amigos não têem razão, é que, sem lh'o esconder, nos devemos estreitar ainda mais: — em a tendo, não precisam de nós. Desde novo, fôra elle sempre muito dado a discutir. Por mais justo que seja um raciocinio, é sempre separado de um sophisma por um nadinha; ninguem, todavia, poude jámais ver em Hoppffer senão um sophista de boa fé; o caracter de um homem conhece-se em tudo, não tanto nas grandes coisas como nas coisas pequenas; da maior parte das vezes o que as grandes coisas fazem, é sair cada um do caracter que tiver: — e o caracter d'elle era completo; digno, leal, heroico: — por vezes, como que um antigo. Para alguns, attenta certa excentricidade do genio d'elle, ainda isso o deve representar mais original. De mais a mais, é um espirito de alta vivacidade, e de uma instrucção que os mais competentes reconhecem. Pertinaz, audacioso, firme. Já na sua vida tem tido luctas serias. Sabe fallar, e, por isso, muitas vezes agrada: se soubesse unicamente ouvir,... não desagradaria nunca; agradaria empre. Quantos ha, que, por terem escutado heroica-

mente, desde que nasceram, morrem com fama de conceituosos!..

Estivemos dois dias nas Caldas, partindo para Alcobaça na madrugada do terceiro, que para mim devia ser o ultimo d'aquella ligeira romaria. Tinhamos um grande caleche, *esplendido*, como se usa agora dizer de tudo. Almoçámos no café da villa; visitámos o templo, que passa por ser o maior de Portugal; démos uma vista aos epitafios, compuzemos o rosto com os ares merencorios que pudessem substituir a lagrima, que é de uso pagar alli ao tumulo de D. Pedro I e da linda Ignez; sentámos-nos um instantinho, na cadeira tomada aos hespanhoes na batalha de Aljubarrota; pasmámos do grande refeitorio com uma veneração que nem o D. Affonso II, nem o III, nem a D. Urraca, nem a D. Brites, nem o D. Diniz, nem a livraria, haviam sido capazes de nos merecer; e, depois de bem aboborada essa admiração pela cosinha dos frades, passeámos, até serem horas de irmos jantar a casa de um cavalheiro francez nosso amigo, que nos convidára, mr. Adolphe Nunes, proprietario em Alcobaça da mais bella casa da localidade, vivenda encantadora, disposta como se fôra uma peninsula no sitio em que se juntam os dois rios, Alcôa e Baça, que deram o nome á villa.

Recebeu-nos aquella amavel familia com o mais generoso agrado. Tres filhas tinha o nosso bisarro amphitrião,

e não se lhes fazia favor na fama que corria de serem trez formosuras. Conversou-se, riu-se, contaram-se historias, fez-se honra ao jantar, que era magnifico; e, como estivessemos nos dias grandes, tomámos o café no jardim. Estava o ceu de um azul profundo; via-o atravez da rama immovel das arvores, porque não corresse a mais leve aragem n'aquella tarde, sereno, admiravel, por cima da minha cabeça... E, sem querer, pensava no pouco dinheiro com que eu estava...

Ao invez da logica e da equidade, não ha nada que ajude a obter e a conservar agradavelmente um emprego como permittirem os haveres de um homem que elle possa passar sem isso. A hora de eu não poder passar sem isso chegára, — logo, era natural que o emprego não viesse... Por uma excepção, porém, a mais rara que me consta, de tudo que tenho ouvido e lido desde que nasci, o emprego veiu!..

Chego a Lisboa na madrugada de um sabbado, entro em casa, vejo duas cartas, — eram, uma do ministro para Corvo, outra de Thomaz de Carvalho para mim...

«O Corvo, dizia-me Thomaz, querendo que eu partilhasse da alegria que essa noticia te deve dar, enviou-me a carta do ministro...»

Havia passado a noite na varanda da *diligencia* das Caldas, a fumar, a conversar com o cocheiro, e a olhar

para as estrellas; quando acabei a leitura das cartas, entendi ser justo ir-me deitar, contente...

— Sempre é certo! dizia, entre mim, no caminho para a cama. Estou empregado! Que historia esta!..

Dois dias depois, agradecia, no Ministerio, ao sr. João Crysostomo de Abreu e Sousa, então ministro das Obras publicas; e sou grato á hombridade com que — na epocha de eleições em que se estava, de mais a mais! — sacudiu suggestões com que a politica tentou deitar o gancho ao logar que vagára; e ao acolhimento, como que significativamente excepcional, das palavras que por essa occasião se dignou dar-me.

Ao chegar o dia de apresentar-me no Instituto, uma semana depois da nomeação, e, já se sabe, devida e «respectivamente» *encartado*, como um taful burocratico, bateram á porta, quando acabava de almoçar e me dispunha a sair de casa... De torrada na mão, sobre um golo de chá bebido á pressa, corri com a determinação de um personagem que se reconhecesse chegado á hora solemne de estar o governo a chamal-o com instancia; e vi diante de mim o sr José Mauricio Vieira, director da officina de instrumentos de precisão no Instituto Industrial e Commercial.

Esse cavalheiro, estimado pelo seu notavel merecimento, fizéra, annos antes, viagem para Saint-Nazaire no mesmo vapor em que eu fôra. Por que nenhum de nós pertencesse á raça dos que, em viagem, só fallam com

a lavadeira, ou com os criados, travámos pratica a bordo; e essas relações estabelecidas sobre as verdes aguas do mar, alcançaram-me o ouvir-lhe dizer-me na manhã da minha ida para o Instituto:

— Sabe para que venho aqui?

— Não, meu caro José Mauricio!

—Deu-me o Joaquim Julio Pereira de Carvalho a noticia de que vossê deve aprêsentar-se hoje no Instituto. Venho buscal-o, para ter o gosto de o acompanhar!

— Obrigado, meu amigo!

— De que?! Pois que lhe dei indicações, — por occasião de fazermos viagem para França, deixe-me agora ser-lhe *guia* na sua viagem de hoje ao funccionalismo,— viagem para ficar; esperemos isso!

— Para ficar e criar raizes! Vamos embora!

— Acabe de almoçar, homem!

— A consciencia da minha missão de funccionario deve encher-me todo. Partamos!

Voltámos da travessa do Moreira para o Salitre, e, á primeira travessa, á esquerda, que encontrámos, descendo a rua, dirigi-me para ella. Era a *travessa da Cera*, que a Camara Municipal está apagando n'esta hora, como se ella se tivesse... derretido.

— Por ahi?!

— E' mais perto. Subiremos á Cruz do Taboado, e estaremos lá n'um pulo.

— Lá, onde?

— N'esse querido Instituto, para o qual vou viver desde hoje!

— Á Cruz do Taboado!? Esse, é o Instituto agricola! O seu, o nosso, Instituto, não tem que ver com isso. É á Boa Vista! É no largo do Conde Barão!

— Oh! Com a bréca! Que ninguem nos oiça... Ai! ai! O Instituto Industrial, sim, fallemos baixo... Industrial é que eu vou ser... Fabricas,... officinas,... Tres quartos de legoa, do Salitre, até lá! Viagem quotidiana de uma hora... Confesso-lhe que nem sequer sabia,— esta é que só por industria... do demonio! — mas fico sabendo agora, não ha que temer! Á Boa Vista... Digamos no Largo do Conde Barão... Não sei eu outra coisa! Viva a industria, viva a grande arte que permitte ao homem ageitar a seu uso as materias primas que a natureza lhe offerece; e que tambem permittirá, espero eu, a um secretario ser cavalheiro *d'ella*... sem viver de ardis! Avante!..

Quando chegámos, o guarda portão, velho baixinho, muito esperto, chamado Sá, levantou da cabeça o seu bonnet e deu-me um sorriso, como se dissesse aos muros d'aquelle severo estabelecimento do estado:

— Eis ahi o homem!

O sr. José Mauricio Vieira a dignar-se apresentar-me ao director, Joaquim Julio Pereira de Carvalho, homem de

talento e de caracter, a quem eu já tinha o gosto de conhecer do mundo e da sociedade: o director a apresentar-me aos empregados: um d'elles a entregar-me as chaves dos armarios, e a explicar-me os arcanos e subtilezas da secretaria: — e ahi me sentei eu, pedindo gravemente o livro do Copiador, debruçando-me logo sobre essa preciosa collecção de manuscriptos, a estudar o estylo official, e a medital-o com desvelo...

«Submetto á approvação de v. ex.ª o incluso...» *«Tenho a honra de levar ao conhecimento de v...»* — *«Accusando a recepção do Officio que em data de...»* — *«Convindo por bem do serviço publico...»* — *«Cumpre-me rogar a v. se sirva...»* — *«Considerando as respectivas deliberações...»* — *«Satisfazendo ao que»* — *«Tenho a honra»* — *«Communico...»* — *«Em virtude...»*

Eram nove horas da manhã. Bonito dia; claro, esperto... Nem calor nem frio. Um dia creador, como se diz.

As horas passavam lentamente...

— A que horas é a sahida? perguntei.

— Ás tres.

Um estudante veiu pedir-me certidões; fizera, dizia elle, cinco exames; achava pesadita a busca, e não me dava pressa, bastar-lhe-hia tel-as d'ahi a dois dias... Não o larguei.

— Hade ser já !

— Não senhor...

— Por força !

E ia-me ás certidões, que pareciam sorrir-me por entre aquelle fastio solemne, — quando, já de penna erguida sobre o papel sellado, tive de suspendel-a, de repente, ao acudir-me a idéa de tambem para isso haver *formulario*, — *forma*, *foórma* !.. E, recopilando mentalmente tudo que a sabedoria dos secretarios tem ensinado ao mundo, escrevi, molhando a penna com mil cautellas, não me escapasse algum borrão, primeiro o meu nome, e depois :

Em cumprimento ao despacho retro, e revendo o Livro de exames d'este Instituto, certifico que a folhas...

Quando o estudante levou as certidões, cahi de novo no torpor physico e moral de repartição do estado, a que poderia chamar-se com seriedade scientifica

Atonite burocratica

Senti-me como um ente explorado, fechado a sete chaves, a quem unicamente o jubileu do domingo poderia libertar... Que de saturnaes, a que me propuz *in petto* pera esse tal domingo, — esperar deitado que chegasse o correio, e ler na cama a carta da manhã ! Almoçar quando tivesse vontade ! Sair ! passear ! Escrever, — em casa ; um folhetim, talvez !..

Que saudades tive n'aquelle primeiro dia de gaiola, do descuidoso viver que eu levára desde os dezeseis annos, trabalhando sempre, mas, sem ter horas marcadas que viessem cortar-me as alegrias de primavera, alegrias de uma edade que conta sempre com a esperança, — porque aformoseia tudo, e tudo a faz parecer bem !

— Mas, emfim ! disse, a mim mesmo. Isto é preciso, ou não é preciso ? Se não é preciso, vae-te embora; ninguem te obriga, ninguem te irá buscar. Se é preciso, faze a tua obrigação, para estares senhor ao menos da tua consciencia, ainda que com a paciencia te não accommodes tanto. Trabalha ; e deixa-te ficar.

Deixei-me ficar.

E cada vez propendo mais para a idéa de que n'isso não fiz mal.

Fiz bem. Já não sou bastante moço para dizer mal do passado, nem ainda bastante velho para me amuar com o presente, mas, mercê das lagrimas ou da malicia das coisas, tenho percebido que uma pessoa não deve descuidar-se de ser da terra... em que nasceu.Em Portugal as letras substituem agora os antigos theatros particulares ; occupação para curiosos, modo de vida de quem tiver outro...

E depois, quem sabe se, nas circumstancias de outr'ora, de vida de artista, de vida alegre, eu haveria resistido,

n'esta casa da travessa do Moreira, onde tenho vivido e trabalhado ha tantos annos, aos rigores despoticos da avenida... da liberdade, que se propõe demolir-me o predio, — o predio! como se elle estivesse no meio da rua a impedir o transito!

Estão certos de como era d'antes a travessa do Moreira, — essa devastada travessa, que a Avenida, arrazando tudo, desabrigou do encanto das amenas sebes que a ornavam?

Faziam por aqui as arvores a habilidade de terem folha todo o anno! Como ellas conseguiam isso, é o que eu nunca soube; e mais aqui tenho vivido, com breves intervallos, desde que em 1844 vim da Durruivos...

Aos domingos de manhã, á hora da missa, — era este o retiro dos namorados, a suspirarem carinhos e promessas, e sempre foi tradição do bairro que não havia exemplo de falharem juramentos que por aqui fossem feitos...

Ás vezes, estava eu para almoçar, e, ao avistar os ternos ranchinhos, tudo era crescer-me agua na bocca...

Se era de inverno levavam o seu farnel, liam, entre apertos de mão, um bocadinho, o jornal que embrulhava o pão ou a marmelada... Elle fazia um cigarro, ella olhava para o ceu, como pedindo a Deus que por sua graça divina a mudasse na planta chamada tabaco, para assim, sem maldade, poder estar presa aos labios d'elle...

Todos os annos sahia, d'esta abençoada travessa do

Moreira, um numero de casamentos, que, não é dizer, faziam honra á moral e ao Salitre.

Colhiam-se florinhas silvestres; no tempo proprio, subindo aos campos, apanhavam-se espigas de trigo; o milho offerecia as mais formosas maçarocas e timbrava em apresentar algumas de bago encarnado, grato ás imaginações amorosas...

Tambem ás vezes succedia não haver trigo, nem milho, nem flores; e era uma graça andar á procura d'isso tudo, — quando Deus queria de braço dado — sem que os olhos vissem outra coisa senão a herva que verdejava ao sol, ou algum malmequer, que ambos meigamente queriam colher a um tempo, succedendo ao darem sem querer uma cabeçadinha um no outro, estremecerem ambos, e não pensarem mais no malmequer...

Vae agora, ao deitarem abaixo aquelles gentis silvedos, fartos e amplos, que enchiam de sombra a travessa, o que havia de apparecer, acocoradinho, aos pés de uma das arvores que defendiam estes suaves campos?

Um menino a dormir.

Acordaram-o logo os operarios, deram parte ao conductor de trabalhos, ao engenheiro da camara...

O pequenino olhava para elles, sorrindo...

— Que estás tu ahi a fazer, menino?

— Não estou a fazer nada. Sou o Cupido!

— És o Cupido?!

— Sou, sim, senhores. O Cupido. Estão a procurar-me as azas? Hãode nascer outra vez. Desde que andam por aqui a vasculhar tudo, e a fazerem poeirada e lamaçal medonhos, cahiram-me. Estou na muda. Assim o quiz a minha desgraça, e a Camara Municipal. D'antes vinham para aqui os namorados, e eu fazia rancho com elles. Passava-se muito bem. Agora, por causa d'essa tal avenida, foram uns para a direita, outros para a esquerda, fiquei abandonado n'estes campos, e aqui tenho estado a chorar... Ainda entre estas selvas vivi uns mezes de raizes, de dryas de oito pétalas, de loureiros, e de ar; principalmente de ar! Tentei offerecer os meus serviços aos srs. camaristas, n'uma manhã em que elles cá vieram, ao som de musica e de foguetes, pôr bandeirolas n'essas fazendas todas, mas não me entendêram; não querem nada commigo. Aqui está porque me encontram agora tão mal vestido, a dormir de cansaço n'estes campos... Levem-me comsigo! Tudo isto está sendo arrazado: torrão para aqui, torrão para alli; vão morrer, os trabalhadores, n'esta bruta lida, quanto mais eu! Levem-me! Terei muito proposito. Como poucoxinho... Sei fazer muitas coisas... Não lhes gastarei quasi nada...

Alguem se haverá compadecido d'elle e o terá levado— d'este campo, onde viveu alegre entre certas roseiras, urzes, sabugueiros, mil plantas rosáceas,—para os salões, onde terá de ser visto nos jantares, nos saraus, nos bai-

les, á hora em que, — confundidos em montões de terra, os vallados, e os combros, do Salitre ao Valle do Pereiro, desmantelado, destruido, derrubado tudo, — a minha casa da esquina, prostrada de sua altura e reduzida a ruina, esteja igualada á terra...

Fiz bem, sim!

Com que animo viveria eu hoje á sombra só do folhetim, — depois de havermos vivido aqui, o folhetim e eu, a nossa mocidade, á sombra solicita, risonha, dos florescentes arvoredos, que agora nos levaram?!

Lisboa, 11 de dezembro de 1880.

FIM



